Revista da Extensão

Abr. 2026 / n. **34**
ISSN 2238-0167
E-ISSN 2764-5525

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRGS
PROREXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Entrevista com
Alexandre Velly Nunes
Docente da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ESEFID/UFRGS

Brincar de Viver e de errar juntos: palhaçaria, afasia e promoção da saúde na extensão

Superando a impercepção botânica: a contribuição do Herbário ICN através da extensão

Medicamentos vencidos: a problemática dos resíduos oriundos de doações recebidas na Faculdade de Farmácia da UFRGS na enchente de maio de 2024

Educar para desconectar: estratégias lúdicas na promoção do uso equilibrado de telas entre adolescentes

Projeto Fome de Bola - Esportes ao Meio-Dia: uma proposta divertida de lazer e aprendizagem

PREMIADOS DO SALÃO DE EXTENSÃO UFRGS 2025

SALÃO UFRGS 2025
DIÁLOGOS COM O FUTURO



Apresentação

Este número da Revista da Extensão reúne experiências que ajudam a pensar, de forma mais direta, o que estamos chamando de extensão na universidade hoje. Não como algo à parte, nem como vitrine, mas como aquilo que desloca o lugar da própria universidade. Os textos mostram isso a partir de trajetórias concretas: histórias que atravessam pessoas, famílias e territórios, e que voltam para dentro da universidade como novas perguntas, outros sentidos e escolhas. Quando a diversidade social passa a compor, de fato, nossos quadros, ela não só amplia o acesso — ela muda o que fazemos e por que fazemos.

O que aparece aqui é a extensão como espaço de entrelaçamento: de experiências de vida com o aprendizado, de amadurecimento com responsabilidade, de formação profissional com posicionamento no mundo. Há uma resignificação de papéis e também da própria ideia de impacto — que não é só para fora, mas também interno, na forma como a universidade se reconhece e se transforma. A entrada da extensão no currículo explicita isso: quando ela ocupa o centro da formação, nos obriga a rever o que chamamos de excelência e amplia o sentido das profissões.

Também fica evidente que isso não se faz isoladamente. As experiências mostram uma universidade que se constrói na articulação — entre áreas, entre sujeitos, entre instituições e com a escola pública. Das ciências da saúde às ciências naturais, das ciências exatas e engenharias às ciências agrárias, das humanidades e das ciências sociais aplicadas às linguagens, das práticas educativas às expressões artísticas e culturais, o que aparece é a força dessa composição quando há compromisso com a realidade. Não é soma de áreas, é outra forma de produzir sentido. E talvez seja essa a questão que fica: o que estamos dispostos a transformar quando afirmamos a extensão como parte constitutiva da universidade?

Daniela Borges Pavani
Pró-Reitora de Extensão

Editorial

Revista da Extensão

É com satisfação que lançamos a primeira edição da Revista da Extensão da UFRGS no ano de 2026, sendo que, a partir deste ano, passaremos a publicar três edições regulares anuais (abril, agosto e dezembro). A Revista mantém as suas duas versões: impressa e digital. E, por conta da versão impressa, infelizmente temos a limitação física de umas 80 páginas, o que resulta em uma quantidade máxima de artigos aceitos para publicação. Aproveitamos a oportunidade para informar que a Revista da Extensão da UFRGS está classificada como B2 no Qualis CAPES, quadriênio 2021-2024, em diversas áreas como Administração, Arquitetura, Ciências Agrárias, Educação, Medicina, Psicologia, entre outras.

Para esta Edição no. 34 trazemos uma maravilhosa entrevista com o docente extensionista Alexandre Velly Nunes e o projeto de extensão Bugre Lucena, criado em 1991 para oferecer aulas de artes marciais às crianças da rede pública estadual. A partir de 2005, este projeto passou a atender pessoas com deficiências visuais, em parceria com o Instituto Luiz Braille. Em 2009, o projeto firmou uma parceria com a Associação de Cegos do Rio Grande do Sul (ACERGS) e montou uma equipe para competir em campeonatos nacionais. Desde então, a ACERGS/UFRGS é a única equipe de judô paralímpico do estado vinculada à Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais e uma das únicas a ter participado de todas as competições nacionais.

Nesta Edição temos 5 trabalhos de submissão regular e outros 13 trabalhos convidados, no formato de resumo estendido (artigo curto), que foram destaque no Salão de Extensão UFRGS 2025, nas modalidades de tertúlia, vídeo-pôster e mostra interativa. Dos cinco artigos submetidos de forma espontânea, iniciamos com o projeto "Brincar de Viver" que atua na promoção da saúde por meio da palhaçaria, reunindo pessoas afásicas, estudantes e profissionais da área. Na sequência, temos o artigo sobre o "Herbário ICN" que descreve atividades práticas, intervenções e eventos no intuito de combater a impercepção botânica. O terceiro artigo trata do recebimento e doação de medicamentos através de uma ação extensionista emergencial promovida durante as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, com cuidado especial para o processo de triagem e descarte correto de produtos vencidos. O trabalho seguinte trata do uso de telas por crianças e adolescentes, o que representa atualmente um grande desafio para a sociedade, especialmente no contexto escolar. O quinto artigo, por sua vez, apresenta o projeto de extensão "Fome de Bola: Esportes ao Meio-Dia", sendo uma iniciativa de ação social e comunitária voltada à promoção do esporte educacional e do lazer como instrumentos formativos e de inclusão direcionado a crianças e jovens da comunidade escolar do Colégio de Aplicação da UFRGS e ao público externo.

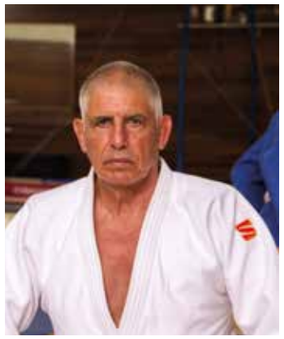
Esperamos que os artigos selecionados para esta edição da Revista da Extensão da UFRGS sejam atrativos e inspiradores aos nossos leitores.

Sigamos em paz!

Renato P. Ribas
Editor

Sumário

Entrevista com **Alexandre Velly Nunes**



4

Brincar de Viver e de errar juntos: palhaçaria, afasia e promoção da saúde na extensão



16

Superando a impercepção botânica: a contribuição do Herbário ICN através da extensão



26

Medicamentos vencidos: a problemática dos resíduos oriundos de doações recebidas na Faculdade de Farmácia da UFRGS na enchente de maio de 2024



33

Educar para desconectar: estratégias lúdicas na promoção do uso equilibrado de telas entre adolescentes



40



Projeto Fome de Bola - Esportes ao Meio-Dia: uma proposta divertida de lazer e aprendizagem

49

SALÃO UFRGS 2025
DIÁLOGOS COM O FUTURO

Premiados do Salão de Extensão UFRGS

Clube de Teatro da Física: o que acontece quando a ciência e a arte trabalham juntas?

Divulgação de ciência e promoção de saúde: nas escolas e comunidades vulneráveis

Educação em informação

EDUCAR UFRGS

Da universidade às comunidades: experiências extensionistas em agricultura urbana e periurbana

Liga Interdisciplinar de Diabetes (LIDIA) - edição 2024

Mate Masie 2025: ações pedagógicas em ERER

MILI MICRO NANO PICO: teatro de formas animadas e educação

O que fazer diante de eventos climáticos ou meteorológicos extremos?

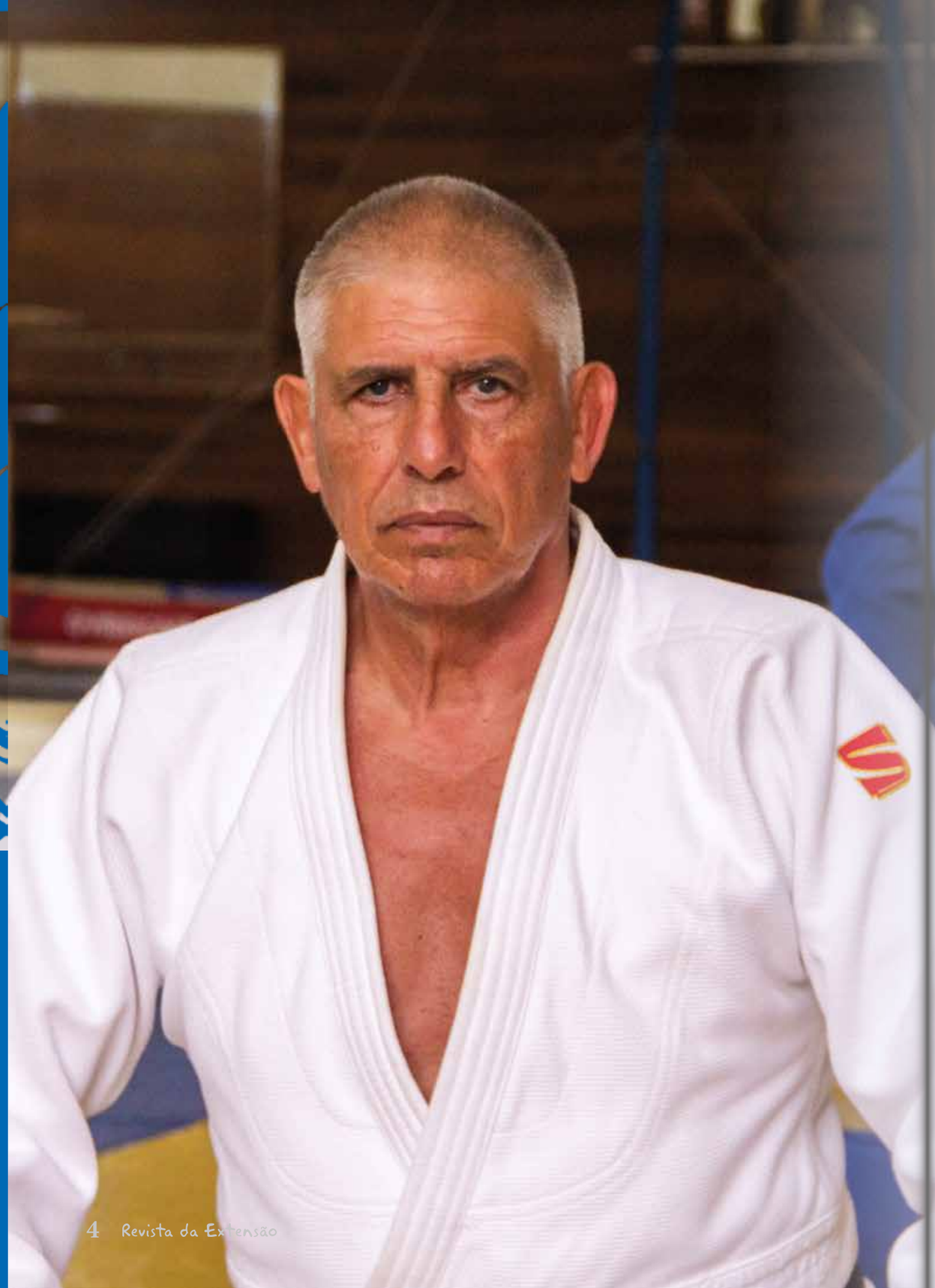
Movimentando saberes: Hip Hop e Universidade

Prevenção da Morte Súbita do Lactente (PMSL)

Podcast A Cor da Voz: experiências em extensão, oralidade e afrofuturismo

Acompanhamento de familiares em visita estendida a pacientes críticos no serviço de terapia intensiva de um hospital universitário

52



Entrevista com Alexandre Velly Nunes

Entrevista: Vicente Fonseca
Fotos: Marcelo Pires
Cobertura digital: Manuela Emmel
Transcrição: Nicole Passos

Quando chegamos ao Ginásio Bugre Lucena para conversar com o extensionista Alexandre Velly Nunes, numa manhã de março de 2026, de cara uma cena chamou a atenção da equipe da Revista da Extensão: na recepção do ginásio, dezenas de familiares aguardavam suas crianças, que praticavam uma aula de judô do Projeto Bugre Lucena, coordenado por Nunes. Foi uma pequena mostra do impacto social da extensão universitária na comunidade, trazida à tona por um dos projetos de extensão há mais tempo em atividade na UFRGS. Nessa entrevista, ocorrida após uma animada aula dada a estudantes de graduação, Alexandre conversou conosco sobre judô, sua trajetória no esporte, o Projeto Bugre Lucena, a importância do esporte como fator de inclusão social e outros tantos assuntos relativos à extensão universitária.

Revista da Extensão: O Projeto Bugre Lucena é do início dos anos 1990. Ele coincidiu com o início da visibilidade do judô como esporte olímpico relevante no Brasil, a partir das medalhas de ouro do Aurélio Miguel, em Seul (1988) e do Rogério Sampaio, em Barcelona (1992).

Alexandre Velly Nunes: Exatamente. Como acontece em todos os esportes, o judô precisava de um nome, de um herói. Então, tivemos em 1972 o professor Chiaki Ishii, que foi medalhista de bronze nos Jogos Olímpicos de Munique. Mas ele era um japonês naturalizado - para nós, do judô, ele era um herói nacional, mas ele ainda não deixava claro que um brasileiro nato pudesse chegar lá. Eu fiz o meu trabalho de doutorado pesquisando os heróis olímpicos brasileiros, medalhistas de Mundial e de Olimpíada. Foi minha tese da USP, de 2011; entrevistei todos eles. Esses medalhistas da geração depois do Ishii diziam que o sensei Ishii, com certa idade já para ser competidor, pegava a seleção brasileira dos Jogos de 1980, em Moscou, colocava todos eles parados na frente e ganhava de todos. Então um deles me disse assim: "eu não sei se aquilo era bom ou era ruim. Porque, se ele batia em todos nós, o que é que nós íamos fazer lá nos Jogos?".

Então, o Aurélio Miguel, campeão em 1988, foi realmente um diferencial. Na época ele era um garoto muito jovem, já tinha mostrado muito potencial. Em 1984 ele já poderia ter ido aos Jogos, mas quem acabou indo foi o Douglas Vieira, um outro amigo nosso também. Ele foi o primeiro finalista dos Jogos Olímpicos, fez a final de 1984 contra o Ha Hyoung-Zoo, um coreano, e foi vice-campeão, perdeu na disputa das bandeiras. E o Aurélio, quando vai em 1988, não tinha expectativa de ser campeão olímpico, porque a gente tinha a ideia da síndrome de Guaipeca, como chamamos: a gente luta como nunca e perde como sempre, para os japoneses e para os outros. Mas o Aurélio era um cara diferente, ele não

acreditava nisso. Ele já tinha demonstrado ser diferente quando foi campeão mundial júnior, em 1983. Ele foi e, então, quando viu: estava na final com o japonês; e o treinador mesmo não dizia que ganharíamos, ele disse: "Aurélio que legal, medalha de prata, já é uma medalha fantástica!"; e o Aurélio correu o treinador de dentro e disse: "ah não, aqui não tem prata, vim aqui foi para ganhar." Mas a gente não conseguia imaginar que pudesse ganhar. Sorte que o Aurélio era diferente.

Revista da Extensão: Depois ele ganhou o bronze em Atlanta, em 1996.

Alexandre Velly Nunes: Sim, foi bronze depois, e machucado, ainda. Em 1992, em Barcelona, eu estava lá presente, assisti o jogo, participei da organização, em uma área do conteúdo de doping, junto a um grande professor que me levou para esse espaço, o doutor Eduardo Henrique de Rose. O Aurélio lá já não ganhou, porque ele machucou o ombro na semifinal. Estava machucado, mas foi quinto colocado. Em 1996, a gente esperava que ele fosse campeão, mas ele perdeu uma luta para um cara que, estrategicamente, era muito bom, o polonês Pawel Nastula, e foi bronze. Portanto, o Aurélio sempre foi um lutador muito diferente. Depois que ele ganha medalha, as escolinhas de judô no Brasil inteiro lotam. Ele passa a ser uma figura pública, foi o primeiro a ter um assessor de imprensa. Ele foi para a mídia, porque se tu não vende o teu produto, não tem como continuar. E o Aurélio soube vender muito bem. Em 1992 teve o Rogério, um outro amigo nosso, que foi campeão. E o judô ganha, então, medalha em todos os jogos, desde 1984. Isso sempre que aparece, claro, que é de quatro em quatro anos. Antes era só o pessoal de São Paulo e Rio, era o centro do país que aparecia. Agora, não, agora a gente já vê outras influências, como aqui no Rio Grande do Sul.

Revista da Extensão: O que contribui para esse sucesso do judô nos jogos? Judô e natação são esportes onde o Brasil sempre é tido como candidato a medalha. No caso do judô, essa cultura começou a partir do Aurélio?

Alexandre Velly Nunes: Bem, o Aurélio e o Rogério foram de uma geração que lutavam por si mesmos. Não tinha estrutura de confederação. Quer dizer, até tinha uma estrutura mais solta, feita há mais de 20 anos. Mas, não tinha uma estrutura de judô, como conhecemos hoje. Eram dois caras obstinados. Mas nós temos uma cultura japonesa, temos uma imigração presente desde 1908, o que faz o nosso judô um pouco japonês, e isso contribuiu muito. Mas esse judô japonês era mais em São Paulo, norte do Paraná... A gente aqui no Sul não tínhamos tantos japoneses. Nossa comunicação aqui com a cultura japonesa era a partir de Ivoti, na década de 1960. Estávamos muito atrás. No Nordeste também não havia japonês, era apenas em São Paulo. Por isso, lá foi um centro que realmente teve esse domínio, mas depois isso se espalhou pelo resto do Brasil. Somos o país do mundo que tem mais japoneses depois do Japão. Estamos na quinta ou, talvez, agora, sexta geração de Nikkeis (NR: imigrantes japoneses e seus descendentes que vivem fora do Japão). Então nós temos essa cultura.

Revista da Extensão: O seu interesse pelo judô foi desde que o senhor começou como estudante de Educação Física?

Alexandre Velly Nunes: Não, foi muito antes. Sou egresso da escola pública, fui aluno do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Lá no Julinho a gente tinha um grupo de professores de Educação Física qualificados, e tinha aula de Judô. Pedi para o meu pai para ingressar; ele já havia praticado judô na academia de lá, na Porto-Alegrense, na Avenida Independência. E eu, quando tinha em torno de cinco ou seis anos, ia assistir o meu pai lutar. Mas lá eu não entrei no judô, quando chegou o esporte no colégio eu já tinha dez anos, já era grande quando consegui entrar no judô da minha escola. E os professores davam aula também no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, e na Escola de Educação Física aqui da UFRGS. Então eu fui atleta escolar lá durante toda a minha vida de Julinho; ainda do tempo do "científico". Quando eu fiz o vestibular para a UFRGS, eu já era faixa marrom de judô. Depois, logo em seguida, eu fui faixa preta, que era meu objetivo. E o meu treinador lá, no Julinho, era o professor Francisco Xavier de Vargas Neto, ele era o treinador da Sogipa. Então, ele levou a mim e a um outro grupo de garotos ali que começaram a despontar para ser atleta da Sogipa. Aí, desde 1975, eu sou atleta do clube. E, nessa época, tínhamos algum destaque, mas era insignificante. Assim como os brasileiros não ganhavam dos japoneses nos jogos, não ganhávamos dos jogadores de São Paulo.

Revista da Extensão: E o senhor chegou a competir em algum rendimento?

Alexandre Velly Nunes: Sim, eu competi! Depois disso, entre 86 e 87, morei no Japão. Treinei em uma universidade lá. Eram dois treinos por dia, todo dia, de segunda a sábado. Apenas domingo não havia treino. E, assim mesmo, o sensei chegava lá e dizia "hoje tem competição em tal lugar", e, então, nós íamos. Morei no Japão entre agosto de 1986 e fevereiro de 1987. Como você deve saber, não havia telefone celular, não tínhamos comunicação, então o que fazíamos? Nós mandávamos cartas para casa. Eu era casado, mandava cartas que levavam 12 dias para chegar. Mandava para o clube, para cá... E, então, quando eles respondiam, eu já havia mandado uma outra carta. Era assim. Tinha um telefone, também, mas era caro telefonar. São 12 horas de diferença entre os locais de ligação, era difícil. Eu não falava japonês, e os japoneses, na época, não falavam inglês. Então, eu sobrevivi seis meses no Japão, sem dinheiro e com muitas dificuldades. Na época, eu já era professor do Colégio de Aplicação, estava encerrando minha carreira de atleta na Sogipa, - hoje sou



laureado no clube.

Revista da Extensão: O senhor deu aula no Aplicação antes de vir para cá?

Alexandre Velly Nunes: Sim, ministrei aulas lá por uns 10 anos ou mais. Teve uma época que eu tinha 20 horas no Aplicação. E então fiz concurso para cá, também, para a disciplina de judô, quando o meu professor, o Bugre Lucena, se aposentou. Isto foi entre os anos de 1986 e 1987, um pouquinho antes de ir para o Japão.

Revista da Extensão: Como é que o senhor teve a ideia de abrir um projeto de extensão? O senhor foi egresso de escola pública, praticou o judô lá. Imagino que isso lhe trouxe uma perspectiva especial para a situação.

Alexandre Velly Nunes: Acredito que essa perspectiva é fundamental. Pensar o esporte na escola pública é crucial, eu acredito nisso até hoje. Foi pela escola pública em que eu comecei com o esporte. Cheguei a falar com meus alunos, numa aula que dei recentemente, sobre esse assunto. Eu disse: "Pessoal, a Educação Física está acabando." Eu fazia aula de Educação Física na minha escola três vezes por semana, e ainda tinha o judô, que era fora do horário. Depois, passou a ser duas e, agora, já é uma vez por semana. E tem escola que já não tem mais Educação Física no terceiro ano. Está acabando o esporte na escola pública, infelizmente. Eu era um menino de baixa renda, meu pai era bancário, minha mãe era do lar. Então, a situação socioeconômica era média a baixa, não podíamos pagar a Sogipa. Eu comecei a entrar no clube como atleta, porque tinha uma carteirinha de sócio-atleta, senão, nunca teria entrado na academia. E levou um ano para eu poder ir na piscina - o sócio-atleta, ganhava uma carteirinha verde, que não permitia frequentar a piscina. Os atletas alemães de lá não gostavam daqueles meninos de baixa renda, como eu e os meus amigos. Afinal, eu sou um "Nunes", não sou um "Zimmermann".



Depois, passei para uma outra categoria, que era sócio-militante, que podia ir na piscina. Então, na época, fiquei muito feliz, conseguia frequentar as festas e a piscina! Então, na Sogipa, tu concorria pelos teus pontos e ganhava, mil pontos ou dois mil pontos na época, o que gerava a carteira de sócio-laureado, que é o que eu sou, e como sócio-laureado tu tem direito a outros benefícios. Minha família usufruiu disso, meus filhos se criaram na Sogipa. Depois, fui, também, treinador por mais de dez anos. Fui *head coach* lá. Até que eu fiz concurso para a Universidade. E então, quando eu entrei para cá, tive que deixar a carreira de treinador lá no clube.

Revista da Extensão: Esta é uma história de uma pessoa de classe média/baixa, como o senhor falou, e, pensando assim, podemos assumir que muitas portas se abriram para o senhor em razão do esporte, certo? Da mesma forma, o quanto diminuir o acesso ao esporte não retira, também, muitas oportunidades para pessoas de classe baixa na escola pública? Isso, claro, sem falar na questão da saúde dos estudantes…

Alexandre Velly Nunes: Claro! Isso sem falar que estudos mais recentes já mostram que há o desenvolvimento do "BDNF", o *Brain Neurotrophic Factor* (Fator Neurotrófico Derivado do Cérebro), que é uma proteína essencial para o funcionamento do cérebro. A atividade física desenvolve essa proteína no cérebro de crianças, adolescentes e adultos de todo o mundo. Muitos sabem dessa importância, ainda mais com o acesso a internet atualmente. Quando eu fui aluno aqui, os professores eram as autoridades máximas de qualquer coisa, o que o professor dissesse era lei. Não havia nenhuma chance de eu ter alguma informação que não fosse da boca do professor ou da professora. O livro mais atual da biblioteca tinha 10, 15 anos. Hoje, qualquer coisa que eu falar para meus alunos aqui pode ser conferida na mesma hora. Eu preciso preparar a minha aula não de acordo com a do semestre passado, mas, sim, com a da semana passada. Mas isso eu estou feliz que mudou, funciona bem no ensino.

Portanto, pela época, a gente dependia muito da instituição e dos professores, mas, na escola pública, eu tive oportunidades, eu sou muito grato ao Julinho. Mas, então, claro que eu admirava quem? Meu treinador. Eu tinha treinadores rigorosos. Enfim, a minha vida acabou sendo o Judô. Primeiro como atleta, depois como treinador, e minha carreira como atleta acabou quando eu fui laureado. Quer dizer, é um esporte nada profissional.
A minha profissão era tentar ser laureado. Logo após, nasceu minha filha, e estou casado com uma colega de faculdade. Nós dois estamos trabalhando; tem que ganhar dinheiro, o clube não te paga. Acabei competindo mais uns anos ainda, mas não era profissional. Daí a expectativa da nossa carreira no esporte é ser treinador. Então, em 1980, eu comecei lá como treinador do clube, fiquei até entrar para a universidade. E então, aqui, no projeto, eu fui direcionado por um colega meu, o professor Luiz Fernando Kruel, da natação, que já fazia um projeto anterior.

Revista da Extensão: Entrevistamos ele aqui mesmo, na Revista da Extensão, em 2016.

Alexandre Velly Nunes: Pois é, o Nando, meu colega de turma. Eu fui "bicho" dele aqui. Ele entrou como professor um pouquinho antes de mim, também, e começou um projeto de extensão que foi um dos mais antigos da universidade, nos anos 1980. E aí ele disse "pô, cara, por que tu não faz uma extensão?" Então, em 1991, eu criei uma extensão. Foi o Nando que me trouxe para a extensão. Eu não era mais treinador de clube, e eu queria treinar. Então, eu criei uma escolinha, que depois cresceu; então, eu trabalhava com o esporte escolar, porque os meus alunos eram da região aqui. Eram os aqui dos blocos, e os da Bonja

(NR: Vila Bom Jesus, região periférica de Porto Alegre).

Logo, eu fui crescendo e comecei a incentivar os meus alunos a disputarem campeonatos. A gente tinha atleta filiado na federação desde 1991. Fui construindo uma equipe universitária, começamos a ganhar e, logo, fui fazendo equipe de crianças, e a gente começou a beliscar uma medalha aqui, outra ali, e fomos crescendo; no universitário, que é um nível abaixo, ganhamos mais de 10 anos. Paramos de ganhar no universitário quando as demais instituições começaram a fazer equipes profissionais, como é o caso da Sogipa, que montou um curso universitário com os jogadores da Seleção Brasileira.

A Sogipa, aliás, é o meu clube, continua sendo, lá há uma placa com meu nome. Eu vou lá, treino, me movimento em cima do tatame, com meus cabelos brancos, tenho respeito pelos jogadores. Mas, então, o que que eu fiz? Eu me concentrei em ser um extensionista, e virei o treinador da universidade. Que não é o que a universidade queria, mas eu fiz isso (risos).

Revista da Extensão: No momento em que entramos aqui no ginásio, vimos dezenas de pais e mães aqui, esperando as crianças saírem da atividade de extensão. A Universidade pode não buscar isso ativamente, mas esse é o papel que ela tem a cumprir com a comunidade, e é extremamente relevante.

Alexandre Velly Nunes: Que bom que vocês acham isso!

Revista da Extensão: Claro! Isso é extensão. Isso sem falar que o esporte é uma ferramenta de inclusão social extremamente importante. As pessoas acham que é só entretenimento, e também é, mas é saúde, inclusão... O país que não investe em esportes está fadado a ficar com essas lacunas no seu desenvolvimento.

Alexandre Velly Nunes: É o que eu ensino aqui para eles, explico o seguinte: "o que a gente gosta de ver na televisão é a seleção, mas sabe quantos por cento dos praticantes de judô estão nesse *top* que vemos na televisão? Que são de alto rendimento?" Mesmo que não apareça na televisão, alto rendimento é 3%.

Nós recebemos aqui em Porto Alegre, em março, um treinador português, o Nuno Delgado, primeiro medalhista português do judô. Ele é meu amigo porque eu fiz meu pós-doutorado lá em Lisboa e trabalhei com o Nuno na academia dele. E é da União Europeia de Judô, trabalha na parte educacional. O primeiro slide da aula que ele deu para Federação Gaúcha aqui mostra um *iceberg*: a ponta do *iceberg*, que é a menor parte, é o judô de competição federativa de rendimento; "debaixo da água" é onde está a maioria: os alunos da escolinha. Você não vai federar todo mundo, apenas a minoria. O judô foi fundado pelo grande Jigoro Kano. Segundo ele, não era para o judô ser esporte; ele definia o judô como "método de educar o corpo, a mente e o espírito". Mas, como ele foi o primeiro japonês a fazer parte do movimento olímpico, e foi contemporâneo do Coubertin (NR: Barão Pierre de Coubertin - fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna), Barão queria colocar o judô como esporte. Ele explicou que o judô não era um esporte, era, sim, formação e educação. Mas o Coubertin insistiu muito.

Revista da Extensão: Isso foi na primeira Olimpíada, 130 anos atrás?

Alexandre Velly Nunes: Foi em 1940, a Olimpíada que não existiu. Coubertin morreu em 1937, e o Kano, que é de 1860, viveu até 1938. Mas tem esse documento de 1909, que é uma carta de Jigoro Kano, que eu peguei lá no Museu Olímpico de Lausanne, numa pesquisa que eu fiz, em que vi todas as cartas trocadas entre Coubertin e Kano. Em 1909 tem uma



carta assinada por ele, aceitando ingressar no movimento. O primeiro oriental a ingressar no movimento Olímpico. Eles o convenceram a colocar o judô nos Jogos Olímpicos em 1936, em Berlim. O judô então entra no Programa Olímpico de 1940, "a Olimpíada que nunca ocorreu" em função da Segunda Guerra Mundial, mas, eles não souberam, porque eles morreram antes disso. O judô então está no programa Olímpico desde 1940, só que ele só vai aparecer, de fato, na Olimpíada de Tóquio em 1964, como modalidade.

Atualmente o Brasil é um dos países que mais investe no esporte. Às vezes a mídia acha que não investe.

Revista da Extensão: A quantidade de medalhas que o Brasil ganhou a mais nos últimos anos é reflexo disso.

Alexandre Velly Nunes: Não é de graça, cada medalha carrega um preço. Eu tive a oportunidade, por mais que eu, como atleta, não tenha conseguido ser seleção nacional, de ir a jogos olímpicos. Como treinador, participei da Confederação Brasileira de Judô entre 2000 e 2003. Atuei como preparador físico e participei de eventos internacionais, em atuação com o doutor Eduardo de Rose, que trabalhava na equipe de controle de doping do Brasil. Comecei nos Jogos de Barcelona, em 1992. E tive a oportunidade de participar, então, de seis edições, de Barcelona até a Rio 2016 - dos Jogos de Londres eu não participei, fui só assistir. Em 2016, no Rio de Janeiro, estive na equipe que organizou. Participei, também, dos jogos Pan-Americanos, desde Mar del Plata, em 1995, até Toronto, em 2015. Ajudei na organização do Rio 2007. Eu tive uma rodada internacional presente no judô, também com as mundiais, e isso me deu oportunidades de conhecer um pouco mais do judô internacional, de ganhar uma vivência que eu trago, de certa forma, aqui para a escola, como professor.

Revista da Extensão: Queria falar sobre o Bugre Lucena, conectar com a ideia, também, do impacto que o esporte traz para essas pessoas que praticam o judô fora da "ponta do *iceberg*", que comentamos, sabendo que elas são a maioria. Como é que o senhor enxerga isso tudo? Há 35 anos fazendo este projeto, imagino que tenha várias histórias para compartilhar conosco, inclusive de superação.

Alexandre Velly Nunes: Como eu te comentei antes, a minha grande decepção, como é para todo mundo, foi que a pandemia acabou com o meu projeto. A UFRGS custou muito a voltar e, com isso, perdi os meus alunos, perdi profissionais, perdi tudo. Mas, até então, a gente teve essa experiência de começar com os meninos aqui da redondeza. Eu trabalhava com a escola estadual Leopoldo Tietböhl.

Eu venho de judô escolar, então o que eu fiz? Eu ia nas escolas. Eu ia aqui no Tietböhl, falava com o professor de Educação Física e trazia os alunos para fazer aula aqui. Durante dois anos, inclusive, a aula de Educação Física era a minha aula de judô. Eu dava um semestre para cada turma, eram as turmas de 5º, 6º e 7º ano. Durante o semestre vinham os outros, e, depois, eles ficavam na minha equipe.

Mas o poder de transformação maior foi com os meninos aqui da Vila Bom Jesus. Começou com um professor, já falecido, o professor Eduardo. Ele disse: "não quer trabalhar com os meninos da prefeitura?" Eu disse "sim, trabalho de graça com eles, não tem problema." Mas o problema é que eu tinha que fazer eles virem para cá. Com sorte, conseguimos um apoio da Prefeitura. Na época, eles davam as passagens de ônibus para eles, tinha as "fichinhas". Então, eu comecei a trabalhar com três escolas aqui de Bom Jesus. Eles pegavam a ficha de ônibus e vinham para fazer aula de judô, e elas lotavam, começavam pela manhã e se estendiam até tarde da noite. E eu dava conta com os meus bolsistas, quando a extensão conseguia me disponibilizar eles. Eu tinha dois bolsistas remunerados, um monitor, um bolsista voluntário, o Rodrigo Trusz, que trabalhou aqui, e o Gustavo Schumacher.



Revista da Extensão: E o impacto social do projeto na Vila Bom Jesus?

Alexandre Velly Nunes: A situação socioeconômica era baixa, com vulnerabilidade social acentuada. Ainda assim, eu formei alguns bons atletas com eles. Mas o objetivo real mesmo era eles não caírem no tráfico, e é essa conquista que nos dá maior orgulho. Entravam aqui em torno de 20 meninos da Bonja e trabalhávamos com eles com disciplina rígida.

Por exemplo, nas escolas temos as vassouras e equipamentos de limpeza, porque os meus alunos varrem o tatame, e, na época que eu tinha essas escolinhas, eles limpavam o banheiro, também. Isto começou porque, a responsabilidade de limpar o banheiro, não era só uma questão da tradição japonesa, era, também, porque se eles não limpassem, eles sujavam. Chegou a ter um dia que o vice-diretor queria que eu acabasse com a escolinha, porque o banheiro chegou numa condição bem ruim: eles juntavam os papéis higiênicos, faziam uma bolinha, jogavam e grudavam no teto do banheiro. Então, a partir disso, escolhi dois para limpar o banheiro a cada dia. O que aconteceu? Os dois que limpavam o banheiro, não queriam sujeira, acabavam impedindo os outros alunos de deixar o banheiro sujo.

Havia casos mais delicados, como aconteceu uma vez, em que um menino veio para a aula com a ferida de um tiro no pé e com uma faixa amarrada no local. E, mesmo assim, na outra semana, esse mesmo rapaz foi terceiro colocado no estadual, com uma atadura feita por nós. Era assim o dia a dia com as aulas, essa é a nossa realidade.

Revista da Extensão: Isso é o impacto social do esporte.

Alexandre Velly Nunes: É, o impacto social. Eu tive uma época com um professor do estado - eu brigava sempre com os secretários do estado e do município. Quando mudava o prefeito, aí eu conseguia alguém, como o Sérgio Zimmer, professor do estado. Consegui cedência para ele, para trabalhar com os meninos do estado. Mas, se muda o prefeito ou muda o governador, podemos perder o acesso. Fazemos relatórios para o governo e entregamos para ele: "atendemos tantas crianças, de tantas escolas, de forma gratuita e nós fornecemos os quimonos".

Revista da Extensão: Acho que isso é um ponto de todo treinador, certo? Tem que ter disciplina, mas tem que ter jogo de cintura também, porque se lida com seres humanos, situações diferentes… Todo esporte é um pouco isso, também. Mudando de assunto: a atividade de extensão hoje acontecia ao mesmo tempo da sua aula na graduação? É isso mesmo?

Alexandre Velly Nunes: Acontece. E de noite, que eu tenho a turma de judô 2, que é o tópico



especial de judô, a minha turma só acontece dentro do projeto, que é o 150+ e os deficientes visuais. Porque eu dou algumas aulas muito específicas, teóricas, mas a prática deles é durante a aula. Eu faço com que eles aprendam a trabalhar dentro do projeto do professor Schumacher, que é o nosso projeto. É muito diferente quando há uma aula em que eu vou a frente, ensino e o aluno compreende, pois não adianta apenas mostrar, eu preciso fazer com que ele entenda, ele e o grupo, que é um grupo que já faz dois anos, agora três, que é o 150+ (é 150 somando o peso e a idade). Eu só aceito quem tem 150 ou mais nessa soma. Nesse grupo, a gente trabalha de kimono, é uma prática, mas não é mais aquele treino lá da Sogipa, do União.

Revista da Extensão: Mas o projeto aceita uma série de públicos, muito diversos. Deve ter uma lista de espera para entrar, imagino?

Alexandre Velly Nunes: Sim. Agora estamos só com uma escolinha de crianças, que acho que está começando, mas vamos abrir mais. Temos também aulas de jiu-jitsu e karatê.

Revista da Extensão: O senhor tem projeto de extensão de rugby também, certo?

Alexandre Velly Nunes: Sim, porque foi o que eu comecei. Mas ele não é o Bugre Lucena. O rugby foi o seguinte: eu fui no campeonato mundial de rugby trabalhar, como a parte que eu falo de controle de doping, certo? E aí, quando eu cheguei lá, os brasileiros disseram, "pô, por que que nós não começamos no rugby na universidade?". Eu não sabia nada de rugby. Mas, então, eles vieram conversar comigo e eu criei o projeto de rugby.

Revista da Extensão: E você praticou? Porque eu achei muito curioso um professor de judô abrir um projeto de rugby.

Alexandre Velly Nunes: Pratiquei durante dois meses com eles ali, porque eu queria aprender. Eu sou um cara da prática. Eu, se não praticar, não consigo. Então, eu treinei rugby dois meses com eles. Não era o que eu queria fazer, mas eu precisava entender, certo? Eu gosto muito de dar o seguinte exemplo: vamos supor que tu estás morrendo de fome. Aí, eu vou te dar uma aula teórica sobre como é que eu vou comer a pizza. Eu vou dizer: "olha, a pizza tá cheirosa, ela é calabresa e o queijo tá derramando…" Isso vai matar a tua fome? Não, pois isso é a teoria. Na prática, eu vou te dar um pão velho e tu vai comer. Então, eu sou da prática. A teoria é importante, claro, afinal eu sou acadêmico, tenho um mestrado, que eu fiz aqui na ESEFID. Meu doutorado foi na USP, eu terminei em 2011. A minha tese depois se transformou nesse livrinho aqui, que é "Judô: o caminho das medalhas". E o meu pós-doutorado foi na FMH, na Universidade de Lisboa, onde eu reproduzi a metodologia de história oral do judô brasileiro. Recontei a história do judô brasileiro, reproduzi escrevendo uma história do judô português. Porque, coincidentemente, eu, como todos nós, somos uma mistura, eu também sou português e, agora, tenho dupla cidadania. Então, acabei sendo treinador lá, também, criando vínculos.

Então, o que eu fiz na universidade foi isso: criei uma uma escolinha que virou uma equipe e eu virei treinador da universidade. A universidade queria um acadêmico, mas eu não fui apenas um acadêmico (risos). Claro que teve um momento da UFRGS em que eu fui representante das comissões, me elegi chefe de departamento, fui vice-diretor da unidade, em 1992. Desde então, não tive mais cargo nenhum.

Revista da Extensão: Para encerrarmos a conversa, queria uma mensagem sua, para os leitores da Revista da Extensão.

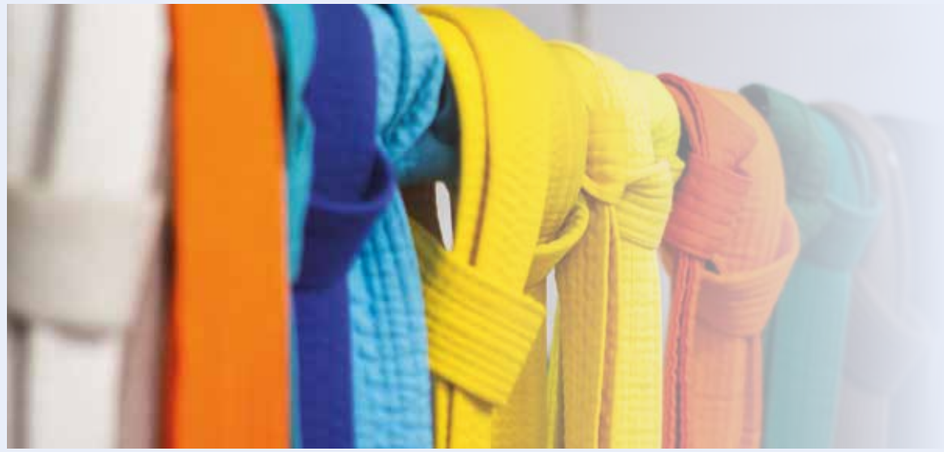
Alexandre Velly Nunes: A minha mensagem é que a extensão é, na minha opinião, a maior ferramenta que a Universidade tem para dar de volta à sociedade tudo que ela investe em nós.

Durante um tempo, a extensão foi o patinho feio. Depois, ela meio que se igualou com a pesquisa. Mas, eu acho que a extensão deveria ser a prioridade. Acho que nós deveríamos ser praticamente obrigados a fazer extensão. Ou seja, levar para a sociedade gaúcha, porto-alegrense, as nossas competências. Eu estou no judô há mais de 55 anos, entre atleta, treinador, professor. Se eu puder levar isso para a sociedade e transformar um pouco esses meninos e meninas que passam por aqui, ou os NOLTs (NR: algo como "novos velhos", em tradução livre do inglês), (falei aqui que eu já não trato mais os meus 150+ como idosos; são os caras que estão tentando viver a sua vida independente desses conceitos da idade). Se eu posso fazer isso, então estarei satisfeito.

E, tem um grupo de pessoas que está aqui sendo mais saudável, mais feliz - tem aluno de 86 anos, 77 anos, 76, e os outros, os mais jovens, como eu, de 65, 66, 67. E os mais novos, de 53, que já são mais fora do peso. Se eu posso fazer isso com esses meninos aqui, que me ligam todo Natal, que trabalham de *motoboy*, eu me sinto feliz e satisfeito com a minha troca. A universidade, o governo federal, me pagam para eu fazer isso aqui. E eu faço porque eu gosto de fazer. Porque, como você sabe, com 42 anos de serviço público, eu já podia ter saído. Parece fácil, mas é difícil para mim sair aqui. Deixar minha sala, meus alunos, o que eu ajudei a construir. Então, eu me esforço. A gente construiu isso.Vamos continuar aqui e provavelmente eu só vou sair quando me expulsarem (risos), aos 75 anos.

Uma vez eu fui no Salão de Extensão e ganhei premiação. É tão diverso os projetos apresentados que quando participamos do evento, mesmo que para competir, e acabamos por não ganhar, acabamos, ainda assim, achando que foi justo e celebramos o trabalho do outro grupo, o que venceu. No último que participei, o grupo que ganhou foi fantástico. São tão diferentes os trabalhos que é difícil de comparar, às vezes. E a gente faz aqui uma pequena parte, uma pequena troca.

Por fim, eu parabenizo vocês pela divulgação da extensão. Acho que a extensão é esse mundo de coisas. E eu estou muito feliz por estar aqui. Eu só estou na Universidade, ainda, porque tem a extensão que me mantém. E porque eu ainda, como vocês viram, me divirto dando aula e fazendo o que faço. Eu agradeço imensamente a oportunidade, a PROREXT, e a toda a equipe com a qual eu trabalho, que é muito boa! ◂





Brincar de Viver e de errar juntos:
palhaçaria, afasia e promoção da saúde na extensão

Raquel da Silva Silveira[1]; Gissele Fajreldines dos Santos[2]; Maria Eduarda Pacheco Fernandes[3]
[1]Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IPSSCH / UFRGS
[2]Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – EA / UFRGS
[3]Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FA / UFRGS
E-mail: raquelsilveira43@gmail.com

Resumo

O projeto Brincar de Viver atua na promoção da saúde por meio da palhaçaria, reunindo pessoas afásicas, estudantes e profissionais da área. Está vinculado ao Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da UFRGS. O objetivo deste artigo é relatar a experiência do projeto no período entre agosto de 2024 à novembro de 2025, analisando os efeitos da palhaçaria nos participantes e nas bolsistas. O referencial teórico articula a Teoria Social da Deficiência, a Educação Popular e a Palhaçaria. Os métodos utilizados foram: oficinas de palhaçaria, rodas de conversas e encontros grupais. Foram realizados dois encontros, semanalmente, um presencial e outro virtual. Os resultados evidenciam trocas significativas entre os participantes, especialmente para as pessoas afásicas, que encontram um ambiente seguro para sua expressão. Da mesma forma, o projeto possibilita que estudantes e docentes da universidade aprendam sobre a afasia e a potência da palhaçaria na promoção da saúde.

Palavras chave: afasia; idosos; extensão; palhaçaria.

Resumen

El proyecto "Playing to Live" promueve la salud a través del clown, reuniendo a personas con afasia, estudiantes y profesionales. Está vinculado al Instituto de Psicología, Trabajo Social, Salud y Comunicación Humana de la UFRGS (Universidad Federal de Rio Grande do Sul). El objetivo de este artículo es informar sobre la experiencia del proyecto entre agosto de 2024 y noviembre de 2025, analizando los efectos del clown en los participantes y becarios. El marco teórico articula la Teoría Social de la Discapacidad, la Educación Popular y el Clown. Los métodos utilizados fueron: talleres de clown, círculos de discusión y reuniones grupales. Se realizaron dos reuniones semanales, una presencial y otra virtual. Los resultados muestran intercambios significativos entre los participantes, especialmente para las personas con afasia, quienes encuentran un entorno seguro para expresarse. Asimismo, el proyecto permite a estudiantes y docentes universitarios aprender sobre la afasia y el poder del clown para promover la salud.

Palabras clave: afasia; ancianos; extensión; payasos.

Introdução

O Brincar de Viver é um projeto de extensão do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana/IPSSCH da UFRGS. Ele reúne pessoas que vivem com afasia em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), estudantes e profissionais, tendo as pessoas com afasia como eixo central do Brincar de Viver. A partir dessa centralidade, constroem-se de forma horizontal espaços coletivos de encontro, cuidado e comunicação. A afasia é uma disfunção cerebral (neurológica) que afeta a capacidade de comunicação. Para além de uma condição clínica, a afasia produz barreiras comunicacionais e sociais, ou seja, ela se transforma em dificuldade de participação, de troca e de convivência, especialmente em contextos que exigem rapidez, fluência e correção na linguagem.

Por meio da arte da palhaçaria, este projeto atua na promoção da saúde com práticas de inclusão, arte e cuidado. Trata-se de uma ação iniciada em 2012, no curso de Fonoaudiologia, sob o nome de Palhafasia. A mudança do nome se deu em virtude do período da pandemia do Coronavírus, quando precisou atuar de forma virtual. Em 2022, passou a ser coordenado em parceria com o curso de Psicologia, retomando o trabalho presencial.

O referencial teórico metodológico é composto pelos princípios da Educação Popular, da Teoria Social da Deficiência e da Palhaçaria. Assim, fundamenta-se em uma abordagem crítica que dialoga com as diretrizes nacionais da extensão universitária, potencializando espaços de construção coletiva de saberes, numa relação dialógica entre universidade e comunidade. Nessa direção, o Brincar de Viver utiliza a linguagem da palhaçaria como metodologia, aliada aos processos coletivos de promoção da saúde como as rodas de conversas e os encontros grupais.

O/a palhaço/a nos ensina a brincar, a jogar, a rir dos erros e tropeços. Ele/a não se encaixa nas normas sociais. Assim, através do riso e do jogo lúdico, as pessoas com afasia e sequelas físicas do AVC encontram um espaço seguro para brincar com sua nova condição de vida.

O objetivo deste artigo é relatar a experiência do Brincar de Viver no período entre agosto de 2024 à novembro de 2025, analisando a potência da palhaçaria nos participantes e nas bolsistas do projeto, bem como seus desafios.



Figura 1 - Palhaços na UFRGS.
Fonte: Acervo pessoal (2025).

Palhaçaria na extensão universitária: o erro e o riso na promoção da saúde e da comunicação

A palhaçaria contemporânea é embasada na proposta da figura do Clown (palhaço) descrita por Lecoq (1997), sendo uma arte que transforma o erro em jogo, o tropeço em expressão e o silêncio em linguagem. Em vez de exigir controle (ou perfeição), ela valoriza a presença real (estar aqui), a escuta afetiva e a espontaneidade. Salientamos que existe uma discussão teórica sobre a diferença entre o conceito de palhaço e de clown, a qual não será explorada neste artigo. Optamos pelo conceito de palhaço e de palhaçaria em virtude de sua expressividade no campo da saúde brasileira, a qual tem sido cada vez mais utilizada em práticas de cuidado e saúde. Historicamente, ela tem sido aplicada por palhaços profissionais, principalmente, em hospitais e instituições de longa permanência. Nesses contextos, o riso não é distração: é vínculo, é linguagem, é abertura ao outro. (MATRACA; WIMMER; ARAÚJO-JORGE, 2011).

No Brincar de Viver, a perspectiva dialógica da extensão nos possibilitou um trabalho em que os/as participantes com afasia também assumem o papel de palhaços/as. Somos um grupo de palhaços/as compartilhando o protagonismo das cenas e da criação, com a especificidade de brincarmos com as novas formas de comunicação que a afasia produz.

Como mencionado anteriormente, a afasia é uma condição neurológica que afeta a linguagem, dificultando a fala, a compreensão, a leitura e a escrita. Ela ocorre geralmente após um Acidente Vascular Cerebral (AVC), e pode se manifestar de várias maneiras. Pessoas com afasia costumam enfrentar barreiras de comunicação que se tornam também barreiras de participação social. Com medo de errar, muitas pessoas afásicas acabam evitando oportunidades de comunicação, o que reforça o isolamento e prejudica ainda mais a autoestima. Estudos apontam que esse isolamento é agravado por expectativas sociais de uma comunicação rápida e fluente (DUARTE, 2017).

É nesse contexto que este projeto nasceu. Segundo Brandão, Grigol e Balbinot (2015), a experiência de integrar a linguagem da palhaçaria ao cuidado das pessoas com afasia busca romper com os paradigmas clínicos tradicionais. Ao reconhecer a arte como mediadora de escuta e expressão, amplia-se o campo da reabilitação com base na potência do riso, do corpo e do jogo.

Metodologia

A metodologia de trabalho está embasada na Palhaçaria (LECOQ, 1997), na Educação Popular (FREIRE, 1970) e no Modelo Social da Deficiência (DINIZ, 2007), desta forma, utiliza oficinas, rodas de conversas e grupos, por serem recursos metodológicos que promovem o diálogo e as trocas horizontais. Também realizamos conversas por whatsapp do grupo e ligações individuais para fortalecimento do vínculo e da permanência dos/as participantes com o projeto.

Foram realizadas duas oficinas semanais (uma presencial e outra virtual), no período entre agosto de 2024 à novembro de 2025, combinando rodas de conversa, jogos de palhaçaria e outras atividades. Em tempos de redes sociais, incorporamos ao grupo a utilização do whatsapp, pois facilita a comunicação, inclusive com familiares daqueles idosos que não querem, ou não conseguem, usar o celular. O recurso do whatsapp proporciona que as pessoas que não tem mais mobilidade pela cidade possam continuar no grupo.

Atentas ao princípio da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, semestralmente proporcionamos momentos de encontros do grupo com turmas do curso de Psicologia. Nesses momentos, o Brincar de Viver realiza uma apresentação de palhaçaria, posteriormente, formam-se pequenos grupos para trocas entre os/as estudantes e os/as palhaços/as. Essas vivências são sempre reconhecidas como trocas importantes, tanto pelas turmas, como pelos integrantes do projeto.

Outra ferramenta metodológica significativa são os diários de campo, os quais são utilizados como espaços de registro das atividades, seus efeitos e as reflexões promovidas na equipe de trabalho.



Figura 2 - Roda de conversa do Brincar de Viver com uma turma de psicologia.
Fonte: Acervo pessoal (2024).

Entre palhaçadas e aprendizagens: vivências e significados das trocas entre participantes e o coletivo da extensão

Neste tópico, abordamos algumas vivências compartilhadas nos encontros do Brincar de Viver, tanto presenciais como virtuais. Começamos situando brevemente alguns/as de nossos/as participantes e como tem sido suas percepções sobre as vivências como pessoa afásica, dentro e fora do projeto.

No período entre 2024/2 e 2025/2, o grupo de participantes foi composto por doze pessoas, onze com afasia e o marido de uma delas, sendo seis mulheres e seis homens.

Em relação aos estudos, prevalece a baixa escolaridade. A condição socioeconômica do grupo é de classe média baixa e de classe baixa. A maioria são pessoas brancas. As idades variam de 50 a 82 anos, porém a maioria dos/as participantes é idosa. Em virtude disso, daqui para a frente faremos referência aos/às palhaços/as como "idosos/as", pois além da afasia, os processos de envelhecimento fazem parte das trocas vivenciadas no grupo. Três integrantes participam exclusivamente de forma virtual, deixando de ir nos encontros presenciais devido à distância em que moram e as dificuldades de locomoção pela cidade, características das pessoas com deficiência. A afasia em si não é uma deficiência, contudo, algumas pessoas ficaram com sequelas físicas que dificultam a mobilidade. Além disso, o envelhecimento também produz deficiências. Cabe salientar que metade dessas pessoas estão desde o início do projeto, ocorrido em 2012.

Atualmente, o ingresso no grupo é livre: qualquer pessoa com afasia pode participar, havendo uma prevalência de pessoas idosas para esse diagnóstico. O coletivo de trabalho é composto por uma professora de Psicologia, pessoa sem deficiência e branca, uma bolsista ProRext e estudantes voluntários/as. Neste relato de experiência, trazemos a contribuição de duas bolsistas, uma estudante de Ciências Sociais, pessoa com deficiência, afásica e branca, e outra estudante de Design Visual, pessoa sem deficiência e negra.

Feitas as apresentações iniciais, emerge um dos principais desafios no "Brincar de Viver": a comunicação verbal. Entre pessoas com afasia, o diálogo verbal muitas vezes se torna truncado ou mesmo impossível, exigindo do grupo novas formas de escuta e expressão. As histórias compartilhadas pelos/as palhaços/as ilustram essas dificuldades.

A seguir, compartilhamos um pouco do que aprendemos no Brincar de Viver. Citamos os nomes de palhaços escolhidos pelos integrantes, quais sejam: Lorde, Potyra, Dodô, Mimi e Alegria.

Segundo o palhaço Lorde, sua família se mostra ansiosa diante de suas pausas na fala, tentando completar suas palavras. Essa atitude (embora bem-intencionada) gera frustração, pois Lorde gostaria que respeitassem seu ritmo de comunicação. Ele também relata dificuldades durante os encontros familiares, onde a velocidade das falas e a multiplicidade de assuntos dificultam sua concentração e compreensão.

Essa experiência também é compartilhada pela palhaça Mimi. Ela acrescenta que diversas vezes foi julgada pela sua família em virtude da forma como sua voz ficou depois do AVC. Como ela não apresenta nenhuma sequela física, a família não compreende porque ela precisa "continuar falando daquele jeito infantil". Esse julgamento familiar a magoa profundamente, pois ela identifica uma dificuldade da família em aceitar sua nova condição de vida e de se expressar.

A palhaça Potyra vivencia desafios semelhantes. Sua fala, de difícil articulação, exige do grupo uma escuta paciente e atenta. Muitas vezes, ao não a compreenderem corretamente, os participantes interpretam gestos e expressões que Potyra faz para corrigir o entendimento, reiniciando o esforço de comunicação.

Esses relatos são testemunhos de como a afasia dificulta os relacionamentos na sociedade em geral. Já o grupo Brincar de Viver é reconhecido por todos os participantes como um espaço importante de acolhimento e de socialização. O projeto de extensão foca na promoção da saúde, em que a questão não é corrigir a fala, e sim construir espaços de escuta, onde os tempos e as formas de expressão singulares sejam respeitados.

É nesse contexto que a linguagem da palhaçaria mostra sua potência como estratégia comunicacional. Diante dos limites da linguagem verbal, o palhaço acolhe o silêncio, o tropeço e o gesto como partes legítimas da comunicação. Um exemplo é o uso do Gramelô — a língua dos palhaços/as -, a qual é uma linguagem inventada, caótica e improvisada — que ganha protagonismo nas oficinas. O palhaço Dodô, que enfrenta dificuldades severas para articular palavras, floresce nas brincadeiras de gramelô. Nesse espaço de liberdade expressiva, seu corpo inteiro se transforma em linguagem, e a alegria contagia o grupo.



Figura 3 - Conversa em gramelô entre o palhaço Dodô e a palhaça Mimi.
Fonte: Acervo pessoal (2025).

Diante dessas novas formas de se relacionar, o palhaço Alegria expressa uma maneira de viver repleta de gratidão. Apesar de ter vivido vários momentos difíceis na vida, depois dos seis AVCs que teve, conseguiu recuperar quase totalmente sua comunicação verbal. Em todos os encontros do grupo ele não deixa de dizer o quanto ama o grupo e cada pessoa que por ali passa, já que vários/as estudantes circulam como bolsistas e/ou voluntários a cada semestre. Essa vivência afetiva de recebermos um "eu te amo" num espaço de promoção da saúde na universidade é algo muito especial. O grupo Brincar de Viver desafia a neutralidade e a imparcialidade acadêmica.

Apesar da potência do projeto, também vivemos muitos desafios: a falta de verbas para transporte regular dos idosos/as, pois eles/as utilizam o transporte público, e com a chegada da velhice, as caminhadas exigidas para chegar ao IPSSCH tornam-se inacessíveis. Outro desafio importante é a inclusão de pessoas negras, pois o racismo institucional tem dificultado a participação dessa população no projeto. Aliado a isso, o Brincar de Viver precisa promover a inclusão de novos/as participantes, o que tem sido uma demanda do próprio grupo. Por fim, precisamos retomar as atividades de pesquisas vinculadas ao projeto de extensão, para que o tripé ensino-pesquisa-extensão possa se efetivar.

Compartilhando as vivências das acadêmicas

Depois de conhecermos um pouco dos/as integrantes do projeto, passamos a acompanhar a trajetória de duas bolsistas no Brincar de Viver. A partir de diferentes lugares de fala, Gissele e Maria Eduarda nos contam das vivências e aprendizagens produzidas na extensão universitária.

Com a palavra, Gissele Fajreldines dos Santos, aluna do curso de Administração da UFRGS, graduada em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia/ UFRGS.

Inicio esse relato situando meu lugar de fala: sou uma mulher, branca e pessoa com deficiência adquirida devido a um Acidente Vascular Cerebral (AVC) em 2008, que me deixou com hemiparesia e afasia aos 18 anos de idade. Tenho experiência em palhaçaria desde 2022.

Ingressei neste projeto de extensão no semestre de 2024/2. Por já ser palhaça, meu maior foco tem sido no trabalho lúdico e artístico. Minha participação como bolsista no projeto me possibilitou colaborar diretamente não só com o planejamento e execução das atividades, mas também fortalecendo um espaço de extensão marcado pela troca de saberes, em que eu também aprendi com as vivências, percepções e estratégias de cada participante.

Ao ingressar no Brincar de Viver, percebi que ocupava um duplo lugar: estava ali não apenas como participante, mas também como integrante da equipe responsável por desenvolver atividades com outras pessoas com afasia. Essa posição despertou inicialmente- uma sensação de insegurança e impotência. Pensava: como seria possível participar da organização, da condução e do registro das atividades se eu mesma enfrentava desafios na comunicação?

Aos poucos, fui percebendo que minha presença no grupo gerava conforto e identificação nas pessoas afásicas. Elas me viam não como alguém que "superou" a afasia, mas como alguém que convive com ela diariamente e ainda assim encontra formas de se expressar e estar presente na universidade.
O fato de eu também ser afásica mostrava ao grupo que não havia um "ideal de fala" a ser atingido.
Isso fortaleceu em mim o entendimento de que minha experiência podia empoderar outras pessoas e reforçar meu próprio senso de competência e pertencimento. Embora eu não pensasse nisso no início, pois o capacitismo produz nas pessoas com deficiência um sentimento de incapacidade.

Errar é humano, diz o dito popular, mas não é isso que se espera de pessoas adultas no cotidiano da vida "normal". O erro precisa ser corrigido e/ou punido.

Em contrapartida, a linguagem da palhaçaria opera numa lógica em que o erro não é punido, mas explorado de forma criativa (LECOQ, 1997). Esse aspecto é crucial para quem convive com a afasia pois as limitações na fala podem servir como gatilho para soluções expressivas e engraçadas. A dificuldade de pronunciar palavras ou formar frases pode ser vista como uma brecha para a comicidade, a expressão corporal e o riso coletivo – em vez de algo a ser corrigido. O/a palhaço/a se torna, assim, uma ferramenta de inclusão que valoriza modos alternativos de expressão.

Nessa direção, descreverei uma experiência no modo virtual do Brincar de Viver, onde propus uma atividade com o objetivo de causar o erro, buscando justamente ressignificar a falha como algo divertido. A dinâmica começou com comandos semelhantes ao jogo clássico "o chefe mandou" em que eu dizia comandos simples, como "língua pra fora", "língua pra dentro", "fecha os olhos" e os participantes deveriam obedecer e a confusão surgiria naturalmente. Enfim, era esperado que frequentemente se atrapalhassem, porque esse é o efeito desse tipo de jogo — a confusão e a geração do erro.

No início, a dinâmica parecia não completar seu objetivo, pois apesar de causar divertimento, ainda havia um certo cuidado de todos/as para não errar. Com o tempo, percebi que faltava justamente o contrário: permitir o erro. Assim, acrescentei mais um nível de dificuldade, que deixaria mais propício ao erro. Agora eles/as deveriam fazer ao contrário do que eu falasse, por exemplo, se eu dissesse "levante a mão direita", eles teriam que levantar a mão esquerda. Os "erros" deles aumentaram, e muito. Mas percebi que para alcançar o objetivo, eu tinha que fazer com que desejassem o erro.

Passei a propor que, sempre que alguém errasse, mantivesse o erro. Por exemplo, se uma pessoa colocasse a língua pra fora quando o comando era para colocar para dentro, eu dizia: "Agora fica assim! E faz um som engraçado pra todo mundo!". Isso tornava o erro não apenas aceitável, mas o próprio motor do jogo, isto é, transformando o "equívoco" em ponto alto da brincadeira.

A energia do grupo mudou. Os idosos começaram a participar sem receio de errar. Quem errava ganhava destaque, fazia graça, recebia o riso coletivo. Em outras palavras, a dinâmica deixou de ser sobre "obedecer" aos comandos e virou uma celebração da confusão e da criatividade.
No entanto, algo fundamental aconteceu ao longo dessa experiência. Eu também comecei a errar, justamente porque a minha afasia se manifesta mais intensamente quando estou sob pressão ou preciso me expressar rapidamente. Ao tentar conduzir os comandos com ritmo e clareza, comecei a me atrapalhar com as palavras. Minha mente falhava, meu corpo tropeçava.

No início, tentei corrigir, manter a postura da "chefe que manda", exigida pelo jogo proposto. Mas logo percebi que, ao fazer isso, estava me impondo uma exigência impossível: esperar de mim uma didática "perfeita", como se eu não fosse também atravessada pela afasia. Percebi que eu estava caindo no mesmo capacitismo que tanto crítico.

Houve um momento em que, entre um comando e outro, falei em voz alta: "Ah, eu sou afásica, né! Por favor…" — e todos caíram na gargalhada junto comigo. A partir dali, comecei a rir dos meus próprios tropeços. Assim, eles começaram a perceber que o erro era comum a todos. Que mesmo eu, integrante e bolsista da equipe do projeto, também estava no jogo, vulnerável, humana e afásica. Não só como palhaça, mas uma Gissele real. Em outras palavras, eu estava assumindo a postura de palhaça não só na estética, mas na vulnerabilidade de uma pessoa com deficiência.

Essa experiência me ensinou que, naquele encontro, não havia um "acertar". Havia um campo de atenção, escuta e riso construído coletivamente. Foram em momentos como esse que me dei conta de que a extensão universitária também me transformava, pois cada idoso/a trazia vivências e estratégias únicas, ampliando meu próprio repertório de comunicação e empatia. Além disso, me preocupava com o que eu não tinha total controle, a fala.

Depois desse relato da Gissele, o qual carrega a potência desse lugar híbrido de extensionista e afásica, passamos a acompanhar o relato da Maria Eduarda, estudante de Design Visual, jovem negra e sem deficiência.



Figura 4 - Grupo online.
Fonte: Acervo pessoal (2025).

Inicio o meu relato afirmando que participar do projeto de extensão Brincar de Viver foi uma experiência profundamente marcante em minha trajetória acadêmica e pessoal. O meu primeiro contato com o projeto foi ao lado de colegas do curso de Design Visual e da cadeira de Artesanato, no qual tive a oportunidade de vivenciar momentos únicos junto aos idosos participantes do projeto, que nos receberam com tanto carinho e vitalidade. Essa disciplina propõe como trabalho final que, em grupos, encontrássemos algum projeto de extensão para desenvolver um produto visual, a partir da demanda do projeto. Entramos em contato com a coordenação do Brincar de Viver e oferecemos o nosso trabalho. Fomos conhecer o grupo, eu e um colega. No caminho, pensamos que seria uma reunião formal, igual a todas as outras dentro da academia.

Mas nos enganamos positivamente. Logo na nossa primeira visita, fomos convidados a assistir a uma apresentação especial: um espetáculo inspirado no Show do Chacrinha, encenado pelos próprios idosos. Com trajes coloridos, sorrisos genuínos e muito entusiasmo, eles encarnaram personagens cômicos e carismáticos. Os artistas-palhaços transmitiam alegria e leveza, mesmo diante dos desafios da idade e da afasia.

Foi durante essa apresentação que vivi um momento de grande emoção e descoberta pessoal. Nessa apresentação dos idosos afásicos palhaços, alguns tinham dificuldade na comunicação verbal devido a sequelas neurológicas. A forma como se expressavam com o corpo, os olhos e os gestos me tocaram profundamente, pois, naquele instante, percebi que minha mãe também era afásica, embora isso nunca tivesse sido verbalizado formalmente em nossa família. Aquela identificação me conectou ainda mais ao projeto e aos participantes, despertando em mim uma nova sensibilidade sobre o envelhecimento, a comunicação e o valor da escuta e da presença.

Essa vivência me ensinou que o design não se limita a formas e estética: ele é também uma ferramenta de empatia, inclusão e humanidade. A partir daquele trabalho para uma disciplina do meu curso, passei a atuar como bolsista no Brincar de Viver. O contato com os idosos me mostrou o quanto podemos aprender com a experiência e resiliência de quem viveu tanto e o quanto nossas criações, sejam elas visuais ou relacionais, podem ser pontes entre gerações,



Figura 5 - Grupo presencial.
Fonte: Acervo pessoal (2024).

histórias e afetos. Depois de um semestre de atuação na extensão, saí do projeto "Brincar de Viver" não apenas com mais conhecimento técnico ou acadêmico, mas com o coração ampliado e um compromisso renovado com o cuidado e o impacto social do meu trabalho como designer.

Considerações finais

A palhaçaria é uma ferramenta importante no campo da promoção da saúde, tendo se mostrado potente também na extensão, pois compreende o/a palhaço/a como um estado de presença viva, escuta afetiva e expressão espontânea das vulnerabilidades humanas. No Brincar de Viver, essa prática valoriza pequenas expressões cotidianas — olhares, gestos, pausas — como formas legítimas de comunicação, sem a exigência de validação externa, favorecendo o pertencimento e a liberdade de expressão dos/as participantes.

Este projeto tem revelado que, para quem vive com afasia (e para quem não vive), o erro não é exceção — ele é parte do caminho. E que, quando acolhemos esse erro, quando rimos dele juntos, criamos um espaço onde todos podem existir sem medo, sem correção, sem vergonha. Dessa forma, a prática extensionista se mostra uma via de mão dupla, em que a universidade não só propõe atividades, mas aprende com a comunidade, recebendo olhares, saberes e perspectivas que enriquecem o fazer acadêmico. Aliado a isso, este projeto possibilita que a universidade se debruce sobre a população idosa e em processo de envelhecimento, os quais muitas vezes produzem deficiências adquiridas. Com o aumento da expectativa de vida, essa realidade tem se tornado um tema social de grande relevância, possibilitando que a extensão cumpra sua função na produção de conhecimentos e práticas relevantes para a sociedade.

Para finalizar, apontamos a importância da presença de uma estudante com deficiência e afasia no Brincar de Viver. Além das aprendizagens produzidas no seu processo pessoal e acadêmico, também o projeto se enriqueceu, tanto nos momentos do grupo como nos espaços coletivos da equipe de trabalho. As dificuldades impostas pelo capacitismo puderam ser vivenciadas no coletivo. Experimentamos conhecer um tempo diferente daquele imposto pela maquinaria acadêmica, sempre rápida, eficaz e sem limites. E por isso mesmo, adoecedora.

Por fim, salientamos a importância das cotas para pessoas com deficiência, as quais possibilitam um maior acesso dessa população às universidades públicas, promovendo inclusão e formação acadêmica comprometida com a transformação social. ◂

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, L.; GRIGOL, C.; BALBINOT, J. *Palhafasia: a linguagem clownesca como proposta terapêutica para sujeitos afásicos.* Revista de Extensão – RevExt, [S. l.], v. 10, n. 8, p. 67–69, 2014.

DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DUARTE, Jéssica da Silva. *Arte clownesca na fonoaudiologia: a reinvenção da comunicação do afásico.* 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia) – Faculdade de Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

LECOQ, Jacques. *O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral.* Tradução de Bernard Martinez. São Paulo: Senac, 1997.

MATRACA, M. V. C.; WIMMER, G.; ARAÚJO-JORGE, T. C. de. *Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde, apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria.* Ciência & Saúde Coletiva, [S. l.], v. 16, n. 10, p. 4127–4138, 2011.



Superando a impercepção botânica: a contribuição do Herbário ICN através da extensão

Matheus Francisco Gomes Honorato; Camila Rezendo Carneiro; Mara Rejane Ritter
Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IBIO / UFRGS
E-mail: matheusgomesufrgs@gmail.com

Resumo

Um herbário, coleção científico-didática de plantas e fungos preservados, é um importante ambiente facilitador no ensino de botânica, funcionando como um aliado à professores e estudantes da Educação Básica no combate à visão, atrelada à botânica, de um ensino conteudista e difícil. Por meio das atividades extensionistas são realizadas pelo Herbário ICN atividades práticas, intervenções e eventos no intuito de combater a impercepção botânica. Essas atividades consistem na realização de oficinas e mediações, tanto na unidade do herbário como em espaços externos; somado a isso, as redes sociais são usadas como ferramenta de expansão do conhecimento científico a partir de publicações com linguagem mais didática, facilitando a difusão e o entendimento do que é feito dentro da universidade. As ações extensionistas do herbário são de grande relevância ao contribuírem para a melhoria no ensino de botânica, auxiliando nos processos científico-investigativos.

Palavras-chave: herbário; ensino de botânica; extensão.

Resumen

Un herbario, colección científico-didáctica de plantas y hongos preservados, es un importante entorno facilitador en la enseñanza de la botánica, actuando como aliado de docentes y estudiantes de la Educación Básica en el combate a la visión de la botánica como una enseñanza excesivamente centrada en contenidos y de difícil comprensión. A través de las actividades de extensión, el Herbario ICN realiza actividades prácticas, intervenciones y eventos con el objetivo de combatir la ceguera botánica. Estas acciones incluyen la realización de talleres y mediaciones, tanto en la sede del herbario como en espacios externos; además, las redes sociales se utilizan como herramienta de expansión del conocimiento científico mediante publicaciones con un lenguaje más didáctico, facilitando la difusión y la comprensión de lo que se produce dentro de la universidad. Las acciones extensionistas del herbario son de gran relevancia, ya que contribuyen a la mejora de la enseñanza de la botánica y apoyan los procesos científico-investigativos.

Palabras clave: herbario; enseñanza de la botánica; extensión.

Introdução

Museus, planetários, jardins botânicos e herbários são espaços que devem fazer parte das aulas de Biologia e Ciências, com o intuito de levar crianças e adolescentes para fora dos muros da escola (educação não-formal), onde, através do viés da Educação Ambiental, possibilita uma aprendizagem mais significativa e sensível (Krasilchik, 2004). Por definição, um herbário é uma coleção de plantas e fungos preservadas como coleção científica e/ou didática (Salick; Konchar; Nesbitt, 2014.); como caminho norteador, tem a missão de articular os três importantes eixos da universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. Estes por sua vez funcionam como uma prestação de contas à sociedade do que é produzido dentro das instituições de ensino superior. O herbário, por pertencer a esse contexto, precisa vincular suas atividades a esses pilares, principalmente a extensão, através de diálogos com a comunidade externa, no intuito de aproximar a produção acadêmica da sociedade e tornar palpáveis e compreensíveis os esforços científicos na construção do conhecimento.

O ensino de botânica por sua vez já é considerado difícil devido a diversos fatores que distanciam os estudantes do interesse por plantas, fenômeno denominado impercepção botânica e que se caracteriza pela dificuldade em perceber a vegetação e reconhecer sua importância ecológica no meio ambiente (Ursi *et al.*, 2018; Ursi; Salatino, 2022). Pensando nisso, as ações extensionistas do herbário são voltadas principalmente ao público da Educação Básica, nível esse em que muitas vezes o ensino de botânica é defasado e a teoria não conversa com a prática, ou seja, não há uma relação do ensino-aprendizagem com experiências vinculadas à realidade, apenas a memorização de estruturas, nomenclaturas e classificações, tornando a aprendizagem descontextualizada, enfadonha e tecnicista (Ursi *et al.*, 2018; Reinhold *et al.*, 2006). Por isso, o nosso objetivo é promover desde as primeiras modalidades da Educação Básica o reconhecimento da importância de um herbário e seu papel na conservação da biodiversidade, como um aliado fundamental no combate à impercepção botânica.

Organização e práticas

São oferecidas atividades no modelo de visita guiada e/ou oficina para grupos de 20 a 25 estudantes com duração de 1h30min. em média. Essas atividades iniciam com a explanação do que é um herbário, sua importância no meio acadêmico e social, bem como sua história: percorrendo da fundação aos dias atuais. Na sequência são realizadas demonstrações dos procedimentos de coleta, prensagem, secagem e montagem do material seco em pastas de cartolina (exsicatas), sendo estimulada a participação ativa dos estudantes nesse processo. No decorrer dessas atividades, são apresentadas todas as dependências do herbário, finalizando com a visita ao acervo e à coleção didática.



Figura 1 - Visitas de escolas durante o evento UFRGS Portas Abertas 2024.

Fonte: Os autores (2024).

Apesar do potencial pedagógico dessas ações, muitas vezes diversas dificuldades são impostas aos professores das escolas interessadas, sejam sociais, financeiras e/ou logísticas: permissões e autorizações de pais e responsáveis, aval da direção e o difícil acesso ao transporte de estudantes e professores até o local da visita (Krasilchik, 2004, p. 88). Pensando nisso, as ações de extensão do herbário também são realizadas fora das dependências da universidade, nas escolas e instituições interessadas, sendo as propostas adaptadas à demanda e estrutura disponível. Assim, os estudantes da Educação Básica, têm a oportunidade de experimentar na prática e visualizar espécimes vegetais, como um recurso didático importante na aprendizagem e absorção do conteúdo ministrado em sala de aula. Nossas atividades são construídas a partir da ideia de um desenvolvimento contínuo da Alfabetização Científica, buscando trabalhar seus três pilares no combate à impercepção botânica: compreensão de conceitos científicos, compreensão da natureza das ciências e dos fatores éticos e políticos que circundam sua prática e o entendimento do impacto da ciência e da tecnologia na sociedade e no meio ambiente (Sasseron; Carvalho, 2011).

> Em nossa concepção, as propostas didáticas que surgirem respeitando esses três eixos devem ser capazes de promover o início da Alfabetização Científica, pois terão criado oportunidades para trabalhar problemas envolvendo a sociedade e o ambiente, discutindo, concomitantemente, os fenômenos do mundo natural associados, a construção do entendimento sobre esses fenômenos e os empreendimentos gerados a partir de tal conhecimento (Sasseron; Carvalho, 2011, p. 76).

As atividades realizadas pelo herbário fora das suas dependências são feitas em espaços formais e não-formais, abordando técnicas e práticas do cotidiano do herbário, envolvendo conhecimentos em botânica de modo geral, e/ou com um enfoque botânico-artístico, conforme o contexto e objetivos de ensino-aprendizagem. Essas oficinas são criadas e pensadas para o desenvolvimento crítico e interesse pela botânica, instigando a curiosidade e o processo investigativo na aprendizagem. Dessa forma, é importante a adaptação da proposta ao público-alvo, levando em conta pontos como a modalidade de ensino, a idade, o número de participantes e os objetivos propostos nos planejamentos pedagógicos.

	Título	Público-alvo	Objetivo	Materiais	Metodologia
1ª oficina	Um herbário na prática: coleta e montagem de exsicatas.	Estudantes da educação básica, modalidades e comunidade externa.	Entendimento de uma das principais atividades práticas de um herbário; ensinar a prática de herborização	Cartolinas, plantas secas, prensa, cola, tesoura, jornais, extensor/barbante, fita gomada, saco de pipoca, lápis/caneta, tesoura de poda.	Coleta guiada a espécies arbóreas e herbáceas, anotação de dados de coleta, como local, data, etc. Secagem com prensa e posterior montagem da exsicata com uso de fita gomada.
2ª oficina	Mandalas botânicas.	Estudantes de modalidades, ensino superior e comunidade externa.	Sensibilizar para a importância das plantas enquanto promotoras de bem-estar através dos sentidos (visão, tato, olfato); despertar a criatividade através de elementos botânicos.	Flores, frutos, sementes, folhas, suporte, cola, alfinete	É proposto aos participantes que usem sua criatividade para criar círculos (mandalas) com padrões harmônicos, utilizando elementos vegetais colados ou fixados sobre um suporte de isopor ou algo semelhante.
3ª oficina	Conservação e restauração: uma atividade crítico-imaginativa.	Estudantes da educação básica e comunidade externa.	A oficina tem como objetivos despertar a criatividade e o interesse pela botânica e auxiliar na compreensão da importância de um herbário na conservação da biodiversidade	Papel, lápis de cor, giz de cera	É solicitado aos estudantes que fechem os olhos e imaginem um cenário fictício ou real que represente a natureza. Após desenharem o que imaginaram, propõe-se uma alteração imaginária no ambiente representado e, em seguida, os estudantes devem fazer um novo desenho representando o ambiente alterado. Ao final é feita uma discussão.
4ª oficina	Verde, planta e folha: um recorte e cola botânico.	Estudantes da educação básica e comunidade externa.	Despertar a criatividade e o interesse pela botânica a partir do uso de folhas, flores e/ou sementes em colagens criativas.	Folhas, flores, sementes, papel, tesoura, cola, canetinhas	Necessário secar previamente algumas folhas e flores e, com o material pronto fazer montagens e desenhos usando esses elementos, cola, tesoura e canetinhas, representando animais, paisagens e outras formas.
5ª oficina	Carimbo botânico.	Estudantes da educação básica, modalidades e comunidade externa.	A oficina tem como objetivos despertar o interesse pela botânica: uso de folhas, flores, tinta e muita criatividade em desenhos através da técnica da monotipia.	Folhas, flores, tinta.	Impressão em folhas de papel, das marcas e formas de folhas e flores através da aplicação de tinta no vegetal.

Quadro 1 - Atividades e oficinas oferecidas pelo Herbário ICN nas escolas e na própria unidade, de acordo com o público-alvo e objetivos trabalhados pelo professor em sala de aula.

Paralelamente a essas atividades, durante a pandemia se iniciaram os trabalhos de divulgação nas redes sociais, alavancando o alcance do herbário com públicos mais diversos e até então fora do nosso alcance. As redes sociais se tornaram uma ferramenta indispensável para compartilhar através das postagens nossas iniciativas: oficinas, ideias, projetos e os variados assuntos dentro da temática da botânica. O conteúdo publicado nos possibilita problematizar discussões pontuais que ampliam nossa visibilidade e fortalecem as conexões com diferentes públicos, aumentando a interação do herbário com o público externo. Ao utilizar ferramentas das diversas plataformas e tornar o conteúdo mais chamativo, nota-se um maior número de curtidas, comentários e compartilhamentos nas publicações (engajamento) do herbário. Dessa forma, é possível perceber o reconhecimento do nosso trabalho em uma escala bem maior.

Além disso, após a pandemia da Covid-19, começaram a ser levantados dados quantitativos para haver um controle no número absoluto de visitantes e das escolas e grupos que visitam o herbário. Com esses dados é possível quantificar o alcance das ações de extensão e propor novas oficinas e atividades

conforme a demanda, dessa forma preparando os bolsistas e técnicos para receber e mediar os mais diversos públicos da melhor forma possível.



Figura 2 - Equipe do herbário no evento da UFRGS Portas Abertas 2024.
Fonte: Os autores (2024).

Impactos e desdobramentos

O Herbário ICN sistematicamente recebe visitas e faz atividades em instituições de ensino. Em muitas destas, são realizadas oficinas que buscam ensinar de forma prática a montagem de uma exsicata, a importância da sua confecção e a contextualização com a função científica e social de um herbário na conservação e proteção da biodiversidade de uma região. Diversos estudantes de vários níveis de ensino ao serem apresentados à botânica dessa forma despertam interesses e curiosidades que muitas vezes o ensino tecnicista e conteudista não abrange e, ao serem questionados sobre assuntos e atividades que mais gostaram, é comum os relatos coincidirem com a visita ao herbário e, consequentemente com a botânica (Figura 3). Conforme o relato de uma aluna da Escola Estadual de Ensino Fundamental Porto Alegre: as atividades do herbário foram as que ela mais gostou e, consequentemente, o que mais chamou sua atenção, fazendo-a recordar alguns dos procedimentos práticos do cotidiano de um herbário. Esses comentários reforçam o quanto nosso trabalho é significativo e desperta o interesse dos estudantes pela área.

É importante despertar a curiosidade e instigar que as crianças e adolescentes procurem investigar sobre o que aprenderam ou irão aprender, esse movimento é necessário para que, posteriormente, ao entrarem em contato com a teoria botânica, possam assimilar e problematizar os assuntos discutidos, gerando engajamento e, consequentemente, aprendizado (Hofstein; Lunetta, 1982).





Figura 3 - Oficina realizada no XXIV Salão de Extensão UFRGS e visita da Escola de Educação Infantil Mimo de Gente.
Fonte: Os autores (2023).

A análise quantitativa busca entender o número absoluto de visitantes e as instituições que visitam o herbário, podendo assim inferir hipóteses quanto ao alcance das ações e divulgações extensionistas, bem como na qualidade de atividades desenvolvidas pela equipe do herbário. Dessa forma, conseguimos delimitar medidas e buscar melhorias em prol de um trabalho extensionista cada vez mais efetivo e significativo não só para os estudantes, como também para os próprios bolsistas de extensão. A síntese desse resultado é apresentada na Tabela 1.

Período (ano)	Número de visitantes	Número de grupos visitantes
2020	0	0
2021[1]	0	0
2022[2]	75	3
2023	619	28
2024[3]	316	20
2025	911	51

Tabela 1 - Resultados da análise quantitativa de dados, por ano: número de visitantes e número de grupos visitantes. Esse tipo de levantamento foi implementado após a pandemia da Covid-19.

Apesar da Covid-19 e das enchentes, a equipe do herbário procurou manter esforços na manutenção da divulgação das atividades da ação de extensão junto à comunidade externa e acadêmica. Anualmente o Herbário ICN recebe um número expressivo de grupos visitantes, vindo das mais variadas escolas de Porto Alegre e da Região Metropolitana, essa convivência vem criando afinidades, projetos e facilitando o diálogo entre o herbário, professores e a instituição interessada. O fortalecimento dessas ações se dá através de aproximações, contatos e diálogos entre a coordenação do projeto de extensão, os bolsistas e os professores interessados.

Durante os anos de paralisação muito foi investido na construção de materiais *online*, redes sociais e ações que fossem passíveis de realização em forma remota, possibilitando uma interação com o público externo e aumentando o alcance da área de atuação da extensão. Diante do ingresso do herbário nas redes sociais e as novas atividades em escolas, foi necessário o entendimento de que todas as ações de extensão devem ter o pressuposto de que atinjam e intervenham na realidade da comunidade, não somente para um nicho restrito, mas para toda a teia de influências que os indivíduos possam ter um sobre os outros. Ao pensarmos na extensão, devemos pensar numa universidade aberta, em que seus muros sejam apenas uma delimitação do espaço, em que as ideias percorram e cheguem necessariamente aonde precisam chegar. A produção do conhecimento, o compartilhamento de ideias, e a criticidade não devem se restringir somente ao ensino e a pesquisa, mas como também à extensão, destacando esta pela capacidade em aproximar e conversar com a sociedade.

> A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências [...] uma teoria só é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação (Vázquez, 1977, p. 206-207).

1. Ano de 2021 sem resultados devido a pandemia da Covid-19.

2. Ano de 2022 com crescimento no número de visitantes após a abertura gradual para atividades presenciais.

3. No ano de 2024 houve redução no número de visitantes devido às enchentes, em consequência da paralisação das atividades presenciais.

Considerações finais

De acordo com os resultados e a discussão apresentada, é possível conectarmos os dados com os objetivos propostos e chegarmos à conclusão de que estamos dialogando com a Educação Básica e despertando o interesse pela botânica, bem como dando a dimensão da importância de um herbário na conservação vegetal. Essa movimentação é primordial não só para enfrentarmos a impercepção botânica, como também instigarmos a curiosidade e o desejo pela investigação científica.

Salientamos que muito ainda precisa ser feito, discutido e apresentado até que seja possível articular políticas e decisões socioambientais sob uma ótica que leve em conta a preservação ambiental. Embora haja muito a ser feito, o trabalho do Herbário ICN, suas ações de extensão, seus bolsistas e toda a equipe que o compõem vêm se qualificando, na busca por melhorias através da adaptação de objetivos e metas no decorrer dos anos.

Também é relevante destacar a importância do financiamento na continuidade dos projetos de extensão, contribuindo no diálogo e nas interações com as escolas da Educação Básica que, corriqueiramente, demandam a presença da universidade e o auxílio em seus projetos e iniciativas na articulação entre o conhecimento científico e o cotidiano dos estudantes, aproximando e contextualizando o aprendizado de forma colaborativa.

Este trabalho teve como intuito discutir a importância do Herbário ICN na chamada impercepção botânica e como as ações de extensão se fazem importantes nesse cenário. A partir do que já vem sendo feito, foi possível analisar e refletir acerca dos nossos objetivos e do alcance da nossa ação de extensão na comunidade externa. Nessa perspectiva, este trabalho reforça a importância de se manter contatos externos à universidade, com escolas, grupos e professores, além de procurar sempre inovar ao despertar o interesse do público-alvo. Assim, podemos constatar que a teoria e a prática, através da mediação do herbário, são adequadas e capazes de contribuir significativamente na superação da impercepção botânica e, mais do que isso, instigar a curiosidade e o interesse pela investigação científica.

Agradecimentos

Agradecemos à equipe do herbário, bolsistas e voluntários pelo auxílio no desenvolvimento das atividades e à PROREXT/UFRGS pela bolsa concedida e apoio financeiro à esta ação extensionista. ◂

Referências Bibliográficas

HOFSTEIN, A. & LUNETTA, V. The role of the laboratory in science teaching: neglected aspects of research. *Review of Educational Research*. 52 (2), 201-217. 1982.

KRASILCHIK, M. *Prática de ensino de biologia*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SALICK, J.; KONCHAR, K.; NESBITT, M. Botanical Garden, and Biocultural Collections : Establishing Curation Standards. Curating Biocultural Collections: A Handbook. Kew Royal Botanic Gardens, 2014.

URSI, S. *et al*.. Ensino de Botânica: conhecimento e encantamento na educação científica. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 94, p. 07–24, set. 2018.

URSI, Suzana; SALATINO, Antonio. Nota Científica - É tempo de superar termos capacitistas no ensino de Biologia: impercepção botânica como alternativa para *"cegueira botânica"* . *Boletim de Botânica*, São Paulo, Brasil, v. 39, p. 1–4, 2022.

REINHOLD, Aline R. C. *et al. Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC*. Trabalho de Iniciação Científica. O ensino de botânica e suas práticas em xeque. Florianópolis: Faculdade Três de Maio: SETREM, julho, 2006.

SASSERON, L. H.; DE CARVALHO, A. M. P. Alfabetização Científica: uma revisão bibliográfica. *Investigação em Ensino de Ciências*, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 59-97, 2011.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.



Medicamentos vencidos:
a problemática dos resíduos oriundos de doações recebidas na Faculdade de Farmácia da UFRGS na enchente de maio de 2024

Andreas Sebastian Loureiro Mendez[1]; Paula Sayuri Pereira Murashima[1]; Marcelo Kneib Ferri[2]; Alexandre Machado da Rosa[1]; Isabela Heineck[1]
[1]Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACFAR / UFRGS
[2]Prefeitura Municipal de Canoas - RS
E-mail: andreas.mendez@ufrgs.br

Resumo

É proposta uma reflexão acerca da importância do cuidado com as doações de medicamentos, em especial quando os mesmos não são considerados adequados ao consumo, devendo ser descartados e destinados de forma ambientalmente correta. Em maio de 2024, a Faculdade de Farmácia da UFRGS atuou como centro de recebimento e logística de doações de medicamentos, dada a caótica situação de milhares de pessoas em abrigos e de municípios com problemáticas na gestão de medicamentos. No sentido colaborativo, o projeto de extensão vigente sobre medicamentos vencidos e educação ambiental atuou de forma conjunta, com papel relevante na triagem e seleção dos medicamentos não adequados à distribuição, e que foram considerados resíduos. Da estimativa de peso total de medicamentos doados (40.000 kg), 1.239,69 kg (3,09%; equivalente a 24.773 medicamentos) foram considerados resíduos, sendo encaminhados à destinação ambientalmente correta. Estes dados revelam a importância de atenção às doações de medicamentos no aspecto do uso racional e no viés tóxico-ambiental.

Palavras-chave: medicamentos vencidos; resíduos; descarte de medicamentos; doações de medicamentos; meio-ambiente.

Resumen

Se propone una reflexión sobre la importancia del manejo cuidadoso de los medicamentos donados, especialmente cuando no se consideran aptos para el consumo y deben desecharse de manera ambientalmente responsable. En mayo de 2024, la Facultad de Farmacia de la UFRGS funcionó como centro de recepción y logística de medicamentos donados, dada la situación caótica de miles de personas en albergues y municipios con problemas en la gestión de medicamentos. En un esfuerzo conjunto, el proyecto de extensión en curso sobre medicamentos caducados y educación ambiental desempeñó un papel relevante en la clasificación y selección de medicamentos no aptos para la distribución, que se consideraron residuos. Del peso total estimado de medicamentos donados (40 000 kg), 1239,69 kg (3,09 %; equivalente a 24 773 medicamentos) se consideraron residuos y se enviaron para su eliminación ambientalmente responsable. Estos datos revelan la importancia de prestar atención a las donaciones de medicamentos en términos de uso racional y el aspecto tóxico-ambiental.

Palabras clave: medicamentos caducados; resíduos; eliminación de medicamentos; donaciones de medicamentos; medio ambiente.

Introdução

Atualmente, temos em nossa rotina a vivência de eventos climáticos extremos, cada vez mais recorrentes, que destoam ou desafiam toda a ótica de equilíbrio ecológico necessário à sobrevivência dos partícipes do meio ambiente. Por vezes, os desastres ambientais-climáticos são simplesmente observados e questionados, mas a carência de ações efetivas remete à problemática corrente de inércia, desconhecimento, desesperança ou mesmo impossibilidade de mudança. Saber por que mudar, o que fazer, questionar, reunir, integrar e propor medidas educativas de base que possibilitam mudanças efetivas estão ou deveriam estar no escopo de prioridades.

No ano de 2024, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, um evento climático marcante de volume de chuva extrema levou ao transbordo dos mananciais e alagamentos em áreas urbanas habitadas, causando enormes transtornos e prejuízo materiais, forçando o deslocamento de inúmeras famílias para locais temporários de abrigos e locais de apoio. Em decorrência disso, 183 vidas foram perdidas e mais de 500 mil pessoas deslocadas de suas residências (Jornal Zero Hora, 2024). A consequência imediata e a longo prazo traz à tona problemáticas já conhecidas, desde a inocuidade do poder público à falta de ações imediatas que não dependam da resiliência natural do ser humano. A resiliência é marca forte da espécie humana, mas em casos extremos, não é suficiente para que o bem-estar esteja garantido.

Fruto das consequências negativas oriundas dos alagamentos extremos observados, os quais provocaram o deslocamento das famílias, desabrigadas ou desalojadas, grandes ações de solidariedade em nível nacional, por pessoas físicas, empresas, voluntariado geral, foram observadas numa escala gigantesca. Na atenção à saúde, houve mobilização dos profissionais de saúde, de forma voluntária, com o propósito de remediar e dar conforto aos envolvidos. Mesmo não compensando as perdas e consequências diversas desde materiais e humanas, ou abalos em ordem de saúde mental, foram essenciais para a remediação em primeira escala.

Na área farmacêutica, os esforços se concentraram na logística de distribuição de medicamentos a municípios cujas farmácias municipais foram atingidas pelas cheias, bem como na dispensação de medicamentos nos abrigos e locais de apoio. Devido às ações voluntárias de doações por parte de empresas nacionais, e pessoas físicas, a Faculdade de Farmácia assumiu papel relevante de ser um ponto de recebimento das doações (Figura 1) e então fazer os encaminhamentos aos abrigos locais (exemplo: ESEFID/UFRGS), ou municípios (Arbo *et al.*, 2024). Seguindo os princípios da logística farmacêutica, o gerenciamento dos medicamentos recebidos através de doação seguiu operacionalização estabelecida internamente, de triagem, armazenamento, e distribuição a partir das necessidades demandadas. Como base, o viés extensionista em aprendizado, experiência, troca de saberes, diálogo, numa vivência única por alunos, técnicos, professores, voluntários gerais, que a partir de processo dialógico construtivo, aprendeu, experimentou, amadureceu e oportunizou a concretização desta rica experiência.



Figura 1 - Registro dos espaços da Faculdade de Farmácia da UFRGS como centro de recebimento de doações de medicamentos durante as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul.

Fonte: Os autores, 2024.

No enfoque das ações de gerenciamento dos medicamentos recebidos através das doações, merecem destaques algumas ações diretamente relacionadas à assistência farmacêutica, em especial para o caso em discussão no que tange os medicamentos não adequados a seguir para estoque e posterior distribuição. Assim, (1) na triagem inicial, qual critério seleciona o medicamento como não adequado à distribuição? (2) em sendo considerado não adequado à distribuição, o procedimento para descarte está estabelecido como procedimento de gerenciamento? (3) a equipe gestora estabeleceu procedimento com fins de minimização da geração de resíduos de medicamentos? Respostas claras dependem de quanto a organização das equipes de saúde ou estabelecimentos alinham suas ações aos preceitos legais, ou neste caso de urgência, ao lógico e possível de tomar em ação no caos instalado para o caso de calamidade.

O presente texto propõe uma reflexão acerca dos medicamentos vencidos, os cuidados com doações, e a questão saúde-meio-ambiente naturalmente atrelada. O trabalho se concentra na experiência extensionista da Faculdade de Farmácia como centro de distribuição de medicamentos doados nas enchentes de Maio de 2024 no RS.

Da triagem dos medicamentos doados aos resíduos

A partir do comprometimento do estoque de medicamentos das centrais de abastecimento de Porto Alegre e outros municípios, em consequência de alagamentos, a Faculdade de Farmácia, em conjunto com a UFCSPA e outras entidades parceiras, e em discussão com gestores municipais e estaduais, concentraram esforços no apoio

à logística de distribuição de medicamentos que se estabeleceu em necessidade urgente, fruto do desastre climático ora vivido. Nesta ótica, as discussões alinhadas pela equipe resultou no projeto de extensão "Ação Solidária da Faculdade de Farmácia – SOS Medicamentos Enchentes 2024", ação dentre as mais de 144 realizadas pela UFRGS no período das enchentes de maio de 2024 no RS. Conforme Arbo e colaboradores (2024), foram atendidos 288 abrigos e 33 municípios, totalizando a distribuição de 799.586 itens, contabilizadas as diferentes formas de apresentação, dentre elas comprimidos, cápsulas, xaropes, suspensões e canetas de insulina.

No escopo estabelecido, a Faculdade de Farmácia da UFRGS atuou como um centro de recebimento e distribuição de doações. Esse processo envolveu um fluxo organizado de gestão, aplicando os princípios da assistência farmacêutica: recebimento, registro, triagem, armazenamento, separação e distribuição, supervisionado por equipe qualificada (Arbo et al., 2024). A etapa da triagem foi importante para decidir se as apresentações seguiriam para estoque e distribuição ou para descarte. Os critérios considerados eram: (1) prazo de validade de no mínimo 1 mês ainda vigente; (2) apresentação não danificada e visualmente de acordo; (3) embalagem primária com a totalidade dos itens, de forma a garantir o tratamento na íntegra, e sem violação aparente. As embalagens violadas no lacre poderiam ser aceitas como viáveis para o uso desde que visualmente não apresentasse violação à embalagem primária.

Os medicamentos considerados inaptos à distribuição seguiam procedimento estabelecido no plano de gerenciamento de resíduos da COSAT-FAR e no projeto de extensão "Descarte correto de medicamentos e educação ambiental em foco", sob supervisão de equipe de farmacêuticos e com apoio de alunos participantes do projeto: (1) separação em caixas de papelão para triagem inicial ao procedimento de descarte; (2) separação de embalagens secundárias e embalagens primárias; (3) embalagens secundárias e bulas eram descaracterizadas (cortadas) e encaminhadas a lixo seco para reciclagem; (4) medicamentos destinados ao descarte separados de acordo com seu estado (sólido, semi-sólido, líquido ou spray) e acondicionados em sacos plásticos resistentes. A partir desta segregação e acondicionamento, procedeu-se a identificação dos mesmos, seguido por pesagem, registro e acondicionamento em área segregada. Importante destacar a relevância de seguir procedimentos estabelecidos de gestão e gerenciamento de resíduos de serviço de saúde, os quais asseguram o manuseio adequado dos materiais, minimizando qualquer risco ao colaborador responsável e de acidente (Mendez, 2024).

Cabe destacar a importância da construção coletiva dos procedimentos aplicados à triagem dos medicamentos, num propósito de troca de saberes e compartilhamento de ideias, respeitando fundamentação técnico-educativa e coerência. O conhecimento técnico de professores era brindado com as ideias inovadoras dos alunos extensionistas, havendo claramente um benefício mútuo, partilhado naquele momento e fomentador de ações futuras na ótica de extensão e solidariedade.

Quantitativo de medicamentos descartados e relação com as doações

A quantidade de medicamento acumulado como resíduo, levou a tratativas junto a gestores municipais e estaduais para transporte por empresa especializada até local de destinação final. A Faculdade de Farmácia possui plano de gerenciamento de resíduos de serviço de saúde, incluindo medicamentos vencidos e em desuso, que são descartados por sua comunidade em estação coletora disponibilizada em local acessível. Normalmente, esses resíduos são recolhidos por uma empresa parceira, de forma voluntária. No caso excepcional dos resíduos de medicamentos oriundos das enchentes, realizou-se força tarefa com gestores municipais e estaduais, de forma a encontrar solução para o encaminhamento, já que a quantidade de resíduos superava em muito os quantitativos trabalhados em rotina pela unidade acadêmica (Figura 2). Como solução, houve êxito em encaminhamento à destinação final ambientalmente correta, para aterro de resíduos perigosos (Classe I), por se tratar de produto tóxico ao meio ambiente e à saúde humana e animal. A logística traçada levou ao encaminhamento a local fora do Rio Grande do Sul (Figura 3). Cabe ressaltar que tais medicamentos se descartados sem critérios técnico-sanitários poderão ser lançados acidentalmente ao meio ambiente, causando severos danos ao manancial hídrico, flora, fauna e, consequentemente, à saúde humana (Medeiros, 2014; Mello e Mendez, 2022).



Figura 2 - Acúmulo de medicamentos descartados oriundos das doações recebidas pela Faculdade de Farmácia durante ação de extensão desenvolvida para remediar problemáticas relacionadas às enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul.

Fonte: Os autores, 2024.

No quantitativo, o peso total dos medicamentos vencidos encaminhados ao descarte foi considerado para fins de registro e controle em nível de gerenciamento do resíduo. De fato, o peso total é a variável de controle, logística e custo relacionado ao gerenciamento e destinação. No total de resíduos de medicamentos oriundos das doações recebidas foram computados 1.238,69kg. Traçando estimativa de peso (50g) para cada forma de apresentação de medicamento, conforme ABDI (2013), é possível vislumbrar um peso total do quantitativo distribuído para abrigos e municípios, e então relacionar ao peso considerado como descarte.



Assim, o peso total de medicamentos distribuídos foi de aproximadamente 40.000kg (referentes aos 799.586 itens), e na correlação com o quantitativo de resíduos gerados (1.238,69kg) resulta em um percentual total de medicamentos descartados de 3,09% (Figura 4). Esta estimativa de peso acima descrita também pode trazer o raciocínio inverso, trazendo à tona o número de formas de apresentação descartadas, na ordem de 24.773 medicamentos. O valor traz à tona discussões sobre o desperdício financeiro e de bem de saúde, indo ao encontro de abordagens curriculares junto aos alunos, futuros profissionais, sobre a importância do uso racional dos medicamentos. Ainda, na obviedade da discussão, a necessidade de destinação final ambientalmente correta, que leva ao investimento em logística e no tratamento dos resíduos em si (Mendez, 2024).



Figura 3 - Encaminhamento dos medicamentos descartados durante recebimento de doações pela Faculdade de Farmácia, a local de destinação final ambientalmente correta.
Fonte: Os autores, 2024.

É crucial que os medicamentos doados em situações de desastre atendam a critérios de qualidade. Isso inclui a apresentação adequada da embalagem e, principalmente, estar dentro do prazo de validade. Quando profissionais de saúde identificam que requisitos mínimos de qualidade, mesmo que visuais, não são garantidos, a opção pelo descarte é imperativa. Essa decisão visa a evitar quaisquer riscos à saúde humana. O registro do medicamento junto à ANVISA considera estudos de estabilidade desenvolvidos pelos Laboratórios, que garantem o prazo de validade determinado, assegurando a eficácia e segurança do medicamento. Há discussão acerca do quão viável é ao Laboratório produtor o estabelecimento de nova data de expiração, de forma a aumentar a vida útil do medicamento. Porém, o aprofundamento nesta reflexão requer a discussão conjunta com órgãos reguladores, representantes dos Laboratórios e sociedade. Na ótica da segurança e em tecnicidade, o respeito ao prazo de validade é premissa obrigatória.

Não distante dos objetivos de soluções aos medicamentos vencidos e em desuso, e às doações com o propósito de trazer benefícios à saúde, pode-se trazer alguns exemplos que propõem a doação de medicamentos em desuso (sobras) para encaminhamento ao público geral. Um exemplo atual, vigente e regulamentado, é o Programa Solidare - Farmácia Solidária no RS, que tem em seu escopo o universo de ações de conscientização, doação, reaproveitamento, dispensação e descarte correto de medicamentos (SES, 2019). Este programa surge como alternativa para destinar medicamentos em desuso (sobras), mas que em tese ainda não tiveram seus prazos de validade expirados. As ações são organizadas nos municípios, com respaldo legal e sob a responsabilidade técnica de um profissional farmacêutico, que estabelece os procedimentos para o

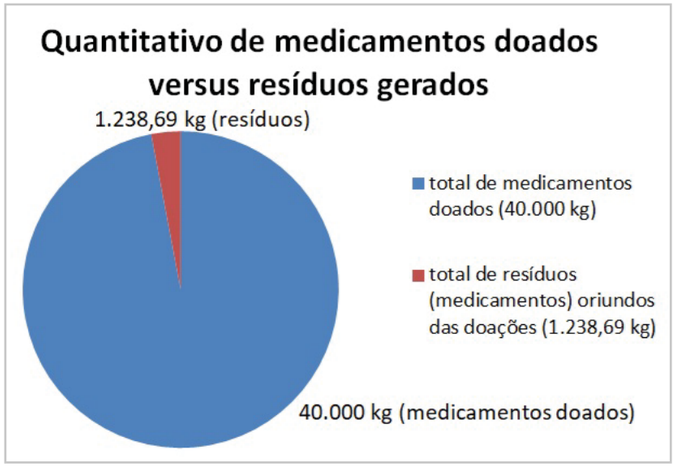


Figura 4 - Quantitativo de medicamentos descartados (1.238,69 kg; 3,09%) oriundos de doações ocorridas durante as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul e recebidas na Faculdade de Farmácia para posterior distribuição.
Fonte: Os autores, 2024

reencaminhamento desses medicamentos para distribuição ou dispensação ao paciente (Cruz e Leite, 2022). Como programa que visa a dar encaminhamento a medicamentos que antes seriam descartados para destinação final ambientalmente correta, mas que traz a opção de destino reverso, de aproveitamento de sua vida útil dentro de necessidades estabelecidas, mesmo que já oriundo de uso por outro paciente. Pode-se vislumbrar um benefício econômico, ambiental e social, que provém de esforços coletivos em gestão municipal ou estadual, e que trazem um viés prático de aplicação da logística reversa para acréscimo de ciclo de vida ao medicamento, que antes seria de imediato encaminhado à destinação final, mesmo ainda tendo vida útil ao consumo pelo paciente.

No viés do contraponto e reflexão necessária, este modelo requer aprimoramento para assegurar a qualidade dos medicamentos de reuso, pois a triagem atual se restringe ao aspecto físico. Além disso, o Programa aceita amostras-grátis e medicamentos novos doados pela indústria, distribuidoras, consultórios médicos, etc., mas falta uma orientação sobre quais itens podem ser doados. Corre-se o risco de não haver priorização pelos medicamentos essenciais ou por aqueles que apresentam as melhores evidências científicas, e assim incorrer em aspectos que podem fugir dos objetivos estruturadores do Programa no viés do uso racional de medicamentos.

Conclusões

O cuidado com as doações de medicamentos insere-se como alerta importante aos doadores, gestores e usuários, como forma de racionalização tanto no uso quanto na viabilidade de reinserção desses produtos no ciclo de consumo. A solidariedade sempre é porta aberta como solução a todos, e recusar gestos como tal não faz parte do escopo das necessidades de população em vulnerabilidade, seja qual for o agente causador. Portanto, cabe a reflexão contínua sobre as doações de medicamentos, o que é destinado como resíduo, e os cuidados ao dispensá-los ao público consumidor. A experiência extensionista vivenciada é marcante, em especial aos alunos participantes, voluntários ou não, propiciando novos rumos em formas de diálogo, troca, acolhimento e compartilhamento de saberes. ◄

Referências Bibliográficas

JORNAL ZERO HORA. *A capital sitiada: capa*. Porto Alegre, ano 61, n. 20.981, 7 maio 2024.

ARBO, M. D.; HEINECK, I.; PILGER, D.; GNATTA, D.; RODRIGUES, F. D.; BECK, R. A crise de medicamentos na enchente de maio de 2024 e a atuação da Faculdade de Farmácia. *Revista da Extensão UFRGS* Prorext, Porto Alegre, n. 29, p. 70-75, set. 2024.

CRUZ, C. M.; LEITE, M. A. L. A Farmácia Solidária na redução da contaminação ambiental e no uso racional de medicamentos. *Experiências exitosas de farmacêuticos no SUS*, v. 7, n. 7, p. 106-114, 2022.

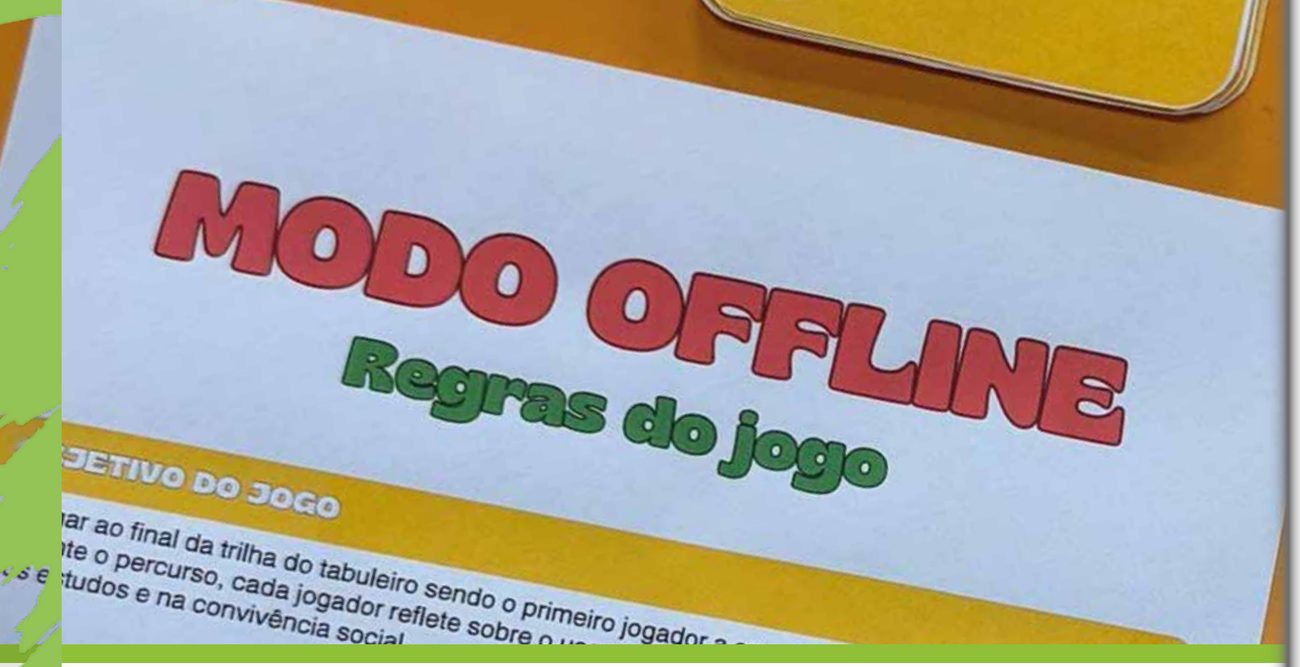
MENDEZ, A. S. L. Descarte correto de medicamentos: relação resíduo e meio ambiente no contexto atual de gerenciamento e destinação final. In: PROGRAMA DE ATUALIZAÇÃO EM CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS: da assistência farmacêutica à farmácia clínica. Porto Alegre: Artmed/Panamericana, 2024. v. 3, p. 61-95.

MEDEIROS, M. S. G.; MOREIRA, L. M. F.; LOPES, C. C. G. O. Descarte de medicamentos: programas de recolhimento e novos desafios. *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*, v. 35, n. 4, p. 651-662, 2014.

MELLO, A. L. S.; MENDEZ, A. S. L. O descarte de medicamentos vencidos e sua logística reversa no Brasil. *Jornal da Universidade*, Porto Alegre, 14 jul. 2022. Disponível em: https://www.ufrgs.br/jornal/o-descarte-de-medicamentos-vencidos-e-sua-logistica-reversa-no-brasil/. Acesso em: 17 jul. 2025.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (ABDI). *Logística reversa para o setor de medicamentos*. 2013. Disponível em: https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/regulamentacao/air/analises-de-impacto-regulatorio/2013/logistica-reversa-para-o-setor-de-medicamentos.pdf. Acesso em: 17 jul. 2025.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual da Saúde. *Lei nº 15.339*, de 2 de outubro de 2019. Institui o Programa Solidare – Farmácia Solidária.



Educar para desconectar: estratégias lúdicas na promoção do uso equilibrado de telas entre adolescentes

Bárbara Rossoni Brubacher; Nicolle Soares; Lívia Maria Galli; Laís Regina Becker;
Eduarda da Silva Correa; Cristiane Kopacek; Leandro Meirelles Nunes
Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAMED / UFRGS
E-mail: brubacherbabi@gmail.com

Resumo

O uso de telas por crianças e adolescentes representa um desafio para a sociedade, especialmente no contexto escolar. Diante disso, acadêmicas do curso de Medicina da UFRGS desenvolveram um projeto de extensão em parceria com uma escola pública de Porto Alegre. A iniciativa contou com a criação e a aplicação de um jogo de tabuleiro direcionado a estudantes do 7º ano, visando estimular a reflexão sobre hábitos digitais. Após a atividade, realizou-se uma roda de conversa para debater a temática e ouvir as percepções dos alunos. A experiência evidenciou dificuldades em atividades off-line e a naturalização do uso contínuo do celular pelos alunos. Em contrapartida, o jogo mostrou-se uma ferramenta eficaz de aproximação, favorecendo o diálogo e a expressão de vivências. Conclui-se que metodologias extensionistas lúdicas, educativas e participativas são estratégias relevantes para promover a autorreflexão de adolescentes, sendo fundamentais como complemento às medidas legislativas no enfrentamento do uso excessivo de telas.

Palavras-chave: extensão universitária; uso de telas; adolescência; promoção da saúde; metodologias lúdicas.

Resumen

El uso de pantallas por niños y adolescentes representa un desafío social, especialmente en el ámbito escolar. Ante esto, estudiantes de Medicina de la UFRGS desarrollaron un proyecto de extensión en colaboración con una escuela pública de Porto Alegre. La iniciativa consistió en la creación y aplicación de un juego de mesa para alumnos de séptimo grado, con el objetivo de fomentar la reflexión sobre hábitos digitales. Posteriormente, se realizó una ronda de conversación para debatir el tema y recoger percepciones. La experiencia evidenció dificultades en actividades fuera de línea y la naturalización del uso continuo del teléfono móvil por los estudiantes. Por otro lado, el juego se mostró como una herramienta eficaz de acercamiento, favoreciendo la expresión de vivencias. Se concluye que las metodologías extensionistas lúdicas y participativas son estrategias relevantes para promover la autorreflexión adolescente, siendo fundamentales complementos a las medidas legislativas en el enfrentamiento del uso excesivo de pantallas.

Palabras clave: extensión universitaria; sso de pantallas; adolescencia; promoción de la salud; metodologías lúdicas.

Introdução

O uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tem se tornado parte indissociável do cotidiano contemporâneo, especialmente entre crianças e adolescentes, que crescem inseridos em um ambiente digital cada vez mais acessível e estimulante. No Brasil, de acordo com pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), em 2024, 93% dos indivíduos entre 9 e 17 anos utilizavam a internet de forma regular, tendo o telefone celular como principal dispositivo de acesso, e 83% desses jovens tinham perfil próprio em pelo menos uma rede social, como Whatsapp, Youtube, Instagram e TikTok.

Nesse cenário, embora as mídias digitais ofereçam inúmeras possibilidades de aprendizado, comunicação e entretenimento, a onipresença tecnológica tem sido associada a repercussões negativas significativas na saúde física, mental e social de crianças e adolescentes. Evidências da Sociedade Brasileira de Pediatria apontam que a exposição prolongada às telas pode contribuir para o sedentarismo, distúrbios do sono, prejuízos à concentração e ao rendimento escolar, além do aumento de sintomas de ansiedade, irritabilidade e sofrimento emocional. De acordo com a Royal College of Paediatrics and Child Health, isso ocorre principalmente devido ao mecanismo de deslocamento ou ao custo de oportunidade, no qual o tempo dedicado ao uso de dispositivos digitais se sobrepõe a atividades fundamentais para o desenvolvimento saudável, como a prática de atividades físicas, o sono adequado, a dedicação aos estudos, a convivência familiar e a socialização presencial. Nesse contexto, o uso excessivo de telas não apenas acarreta riscos, mas também subtrai experiências essenciais à formação integral dos jovens.

Diante do crescente debate público sobre tais efeitos problemáticos, especialmente no que tange ao ambiente escolar, o governo brasileiro sancionou, em 2025, a Lei nº 15.100/2025, que restringe o uso de dispositivos móveis pessoais por estudantes durante o período de aulas e de intervalos em toda a educação básica. Entretanto, para além de medidas normativas, torna-se fundamental a implementação de estratégias educativas que promovam o diálogo, a autorreflexão e o desenvolvimento da autonomia crítica dos adolescentes em relação aos seus próprios hábitos digitais.

Nesse contexto, o projeto “Modo Offline – jogando para mudar hábitos” foi desenvolvido por acadêmicas do curso de Medicina da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul e consistiu na criação de um jogo de tabuleiro educativo sobre o uso excessivo de celulares e na aplicação a um grupo de 20 alunos do 7º ano na Escola Estadual de Ensino Básico Apeles Porto Alegre, com duração aproximada de 1 hora e meia.

Esse projeto foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Promoção e Proteção à Saúde da Criança e do Adolescente, componente curricular do segundo semestre do curso, cuja proposta pedagógica ultrapassa os limites da sala de aula e incentiva a construção de ações extensionistas alinhadas às demandas da comunidade. Além disso, as extensionistas observaram as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (resolução 07/2018 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do MEC), destacando pontos importantes no planejamento e na execução do projeto, como as mudanças positivas na comunidade externa, a formação cidadã das próprias acadêmicas e a promoção do diálogo entre a universidade e a sociedade. A temática do projeto foi definida a partir de uma solicitação expressa da direção da escola parceira, que identificou o uso excessivo de dispositivos digitais como um desafio crescente no cotidiano estudantil, especialmente após conflitos pedagógicos decorrentes do uso de telas em sala de aula.

A intervenção teve como objetivo central estimular a reflexão crítica sobre os prejuízos do uso excessivo do celular, de forma lúdica e participativa, reconhecendo que transformações reais nos hábitos digitais não se dão apenas por restrições, mas também dependem da escolha consciente e do protagonismo dos próprios estudantes. Buscou-se, ainda, esclarecer os riscos associados a esse comportamento e destacar a importância de uma gestão equilibrada do tempo entre os dispositivos digitais e as atividades *off-line*, oferecendo estratégias práticas e acionáveis para um uso mais consciente da tecnologia. Ao utilizar o jogo como motor do debate, o projeto visou favorecer o diálogo para além dos alunos, envolvendo também professores e a equipe escolar. Ainda que jogos educativos voltados à saúde digital já estejam presentes no campo extensionista, esta proposta, além de ser um jogo de tabuleiro autoral e contextualizado à realidade escolar específica, diferencia-se ao compreender o jogo não apenas como recurso didático, mas como dispositivo de mediação pedagógica capaz de fomentar processos reflexivos e construção ativa de mudanças de comportamento com o intuito de não tratar a tecnologia como antagonista, mas como ferramenta ambivalente, cuja utilização depende de escolhas autônomas dos sujeitos.

Desenvolvimento do jogo e aplicação do projeto

O jogo "MODO OFFLINE" foi concebido para que os adolescentes pudessem refletir, de forma lúdica e dinâmica, sobre os impactos positivos e negativos do uso de telas em sua saúde, educação e vida social. Os componentes do jogo são: um dado, um tabuleiro, um manual e 24 cartas elaboradas pelas extensionistas. O tabuleiro consiste em uma trilha de 40 casas, e o primeiro aluno a chegar ao fim dela é o vencedor. A trilha incluía casas especiais em que os alunos deveriam retirar uma carta com perguntas ou desafios para que pudessem avançar ou, até mesmo, retornar algumas casas, trazendo ao jogo engajamento e emoção.

As cartas do jogo se dividiam em quatro modalidades: "EU NUNCA…", "DESAFIE UM COLEGA", "CITE SE PUDER" e "FATO OU FAKE". As cartas "EU NUNCA" continham afirmações positivas e negativas sobre o uso de telas, em que o aluno deveria ser sincero sobre já ter utilizado o celular para estudar ou sobre já ter deixado de dormir para usar o celular, entre outras afirmações. As cartas "DESAFIE UM COLEGA" apresentavam desafios relacionados ao uso de telas e a hábitos saudáveis, de modo que o vencedor pudesse avançar casas. As cartas "CITE SE PUDER" estimulavam os participantes a citar informações pertinentes sobre o uso do celular e seus efeitos na socialização e na saúde, por exemplo. Por fim, as cartas "FATO OU FAKE?" continham curiosidades sobre o uso de telas, que os alunos deveriam julgar como verdadeiras ou falsas, com a ajuda das acadêmicas extensionistas.



Figura 1 - Tabuleiro, cartas e manual do jogo.
Fonte: as autoras.

Os escolhidos para o projeto de extensão foram os alunos do 7º ano da Escola Estadual de Ensino Básico Apeles Porto Alegre, uma das instituições de ensino contempladas pela prática extensionista da disciplina de Promoção e Proteção à Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFRGS. A turma de 20 alunos foi dividida em cinco grupos e cada grupo recebeu um tabuleiro. Ao final, foram 5 vencedores.

Após a rodada de jogos, as acadêmicas reuniram os alunos em uma roda de conversa, com o objetivo de entender como eles se sentiram ao jogar e se pretendiam mudar seus hábitos nocivos de uso de telas após a atividade. Além disso, foi discutido o impacto das telas no sono, na concentração, na aprendizagem, na socialização e na saúde mental e física.

Ao final da prática extensionista, as acadêmicas premiaram os vencedores de cada rodada com um kit escolar, um incentivo material para maior dedicação aos estudos. O objetivo da premiação era que os alunos associassem a vitória no jogo à adoção de hábitos mais saudáveis no uso de telas, iniciando pelo desempenho escolar, uma vez que o projeto foi idealizado justamente em função das demandas da escola. Além disso, a pedido dos alunos, um exemplar do jogo "MODO OFFLINE" foi deixado na Escola Apeles Porto Alegre para que os estudantes voltem a jogar no futuro.

Relatos de experiências e discussão

De início, é importante ressaltar que a equipe extensionista tinha expectativas quanto à aplicação do jogo de tabuleiro com os alunos. Esperava-se, diante de um cenário em que os adolescentes estão imersos em uma rotina permeada pelas



Figura 2 - Extensionistas e alunos vencedores do jogo após a entrega dos prêmios.
Fonte: as autoras.

tecnologias e progressivamente mais distante dos meios analógicos, que os alunos pudessem receber o jogo de tabuleiro de maneira curiosa, mas com algum grau de resistência ao engajamento e à exposição de suas próprias experiências. Ademais, almejava-se que os estudantes desfrutassem do tabuleiro, não apenas para aprender sobre os malefícios da utilização desmedida de telas, mas também para interagir e compartilhar seus conhecimentos e rotinas com outros colegas, de modo a que a reflexão se construísse de maneira coletiva e acolhedora.

Nesse sentido, a realidade constatada no dia da aplicação do projeto, embora tenha atendido às expectativas, também se mostrou reveladora e desafiadora em aspectos que a equipe não havia considerado.

Logo de imediato, percebeu-se que a transição de um ambiente *on-line* para uma atividade *off-line* não era tão intuitiva e simples quanto se imaginava. Ao serem questionados se já haviam tido contato com jogos de tabuleiro manuais durante a infância e/ou adolescência, uma grande parcela dos alunos relatou que nunca teve essa experiência e que os jogos e atividades lúdicas praticados se concentravam no meio digital. Esse cenário se tornou ainda mais perceptível durante a dinâmica do tabuleiro, na qual vários estudantes apresentaram dificuldade em compreender as regras sequenciais e as estratégias envolvidas no jogo. A exemplo disso, cita-se a dificuldade em lançar os dados, identificar o número de casas que deveriam ser avançadas e o trajeto proposto na trilha do tabuleiro; em ler, interpretar e compreender o comando e os desafios abrangidos pelas cartas; e em manter a concentração no jogo e nas discussões. Foi necessário que a equipe interviesse e acompanhasse de maneira mais próxima do que o previsto, tendo em vista a demanda dos alunos por orientação durante a atividade.

Sendo assim, notou-se que a proposta da atividade não se limitava ao uso de telas e de meios digitais, mas também propunha uma experiência prática que exercitava habilidades como atenção sustentada e raciocínio lógico, capacidades que, do ponto de vista da equipe extensionista, estavam defasadas em relação aos alunos dessa etapa escolar. Tal cenário abre margem para discutir os impactos que a imersão digital vem gerando no desenvolvimento cognitivo da nova geração. Em primeiro lugar, nesse viés, observa-se que a familiaridade quase exclusiva com ambientes digitais interativos e de respostas imediatas pode estar negligenciando a construção de competências fundamentais para o aprendizado não mediado por telas. Além disso, há o estabelecimento de um paradoxo: jovens que são extremamente hábeis em navegar por interfaces complexas no mundo digital, porém enfrentam obstáculos em atividades que demandam foco, coordenação motora, interpretação e raciocínio lógico. Isso sugere que a exacerbação das tecnologias nas rotinas desses estudantes está moldando perfis cognitivos assimétricos e, portanto, sinaliza-se a urgência de ações voltadas à promoção de um equilíbrio

Durante o jogo, as perguntas e desafios contidos nas cartas se mostraram valiosas pontes para interligar o conhecimento prévio dos alunos às novas informações obtidas com o jogo e, a partir disso, refletir sobre seus próprios comportamentos. Foi interessante observar que muitos alunos ficaram surpresos ao reconhecerem a magnitude do impacto das telas em suas vidas, tanto de forma positiva quanto negativa. Nesse contexto, foram comuns relatos negativos como *"Já deixei de socializar com amigos e familiares para ficar mexendo no celular, computador ou videogame."*; *"Durante o recreio, nossas rodas de conversas são permeadas pelo uso dos celulares e, quando não tem celular, não sabemos o que falar ou fazer"* e *"Às vezes eu sinto que estou perdendo momentos legais por conta do uso do celular, mas é muito difícil largar"*, mas também comentários positivos, tais quais "Eu gosto de praticar dança e atividade física com vídeos na internet" e "Eu uso videoaulas da Internet para aprender conteúdos que não entendi bem". Ressalta-se, com isso, que o intuito da dinâmica não era apenas mostrar os malefícios do uso excessivo de telas, mas possibilitar que os alunos fossem agentes ativos da sua reflexão e pudessem discernir, com base nas suas experiências, o quanto as tecnologias estavam intrínsecas ao seu cotidiano e como elas poderiam impactar suas vidas de acordo com a sua utilização positiva ou negativa.

Ainda no decorrer do jogo de tabuleiro, um cenário crucial, testemunhado pela equipe extensionista, foi a utilização de celulares durante a atividade, apesar da proposta de uma dinâmica *off-line*. Isso refletiu a naturalidade desse comportamento entre adolescentes, evidenciando a dificuldade de autorregulação no uso do celular. Quando questionados sobre a situação, uma das respostas foi: *"Eu já estou acostumada; consigo prestar atenção no jogo e também mexer no celular"*.



Figura 3 - Extensionistas guiando os alunos durante o jogo.
Fonte: as autoras.

Finalizada a dinâmica do jogo de tabuleiro, iniciou-se um dos momentos mais ricos de toda a aplicação do projeto: a roda de conversa. Foi quando os sentimentos e os relatos de experiências dos alunos vieram à tona espontaneamente e, com eles, informações impactantes.

Para começar o diálogo, a equipe extensionista estimulou os estudantes por meio de perguntas norteadoras, como *"Você se identificou com alguma situação no jogo?" e "Você gostaria de mudar algum hábito relacionado ao uso de telas?"*, além de trazer para discussão temas abordados durante o jogo, como o impacto das telas na qualidade do sono, na concentração e aprendizagem, na socialização e na saúde física e mental. Diante disso, os adolescentes revelaram, por exemplo, que frequentemente adormecem muito tarde da noite devido ao uso do celular ou de videogames e que essa situação resulta em sonolência e falta de atenção durante as aulas. Além disso, outros relatos preocupantes foram escutados, como o uso recorrente de celular durante as refeições, já deslocando a oportunidade de convivência, o hábito de acessar redes sociais imediatamente ao acordar, a dificuldade de iniciar e/ou realizar tarefas escolares sem utilizar a Inteligência Artificial e a sensação de solidão ou de exclusão quando notavam que estavam desatualizados sobre os conteúdos que circulavam nas plataformas (fenômeno atualmente denominado "FOMO", que significa "Fear of Missing Out" ou, no português brasileiro, "Medo de ficar de fora"). Ademais, os estudantes expuseram comprometimento da saúde física e mental, relatando dores recorrentes nas costas, no pescoço e nos punhos, atribuídas à má postura durante longos períodos diante das telas, bem como à ansiedade nos breves momentos de desconexão.

Esses depoimentos ilustram, sobretudo, a realidade de dependência tecnológica vivenciada por esses jovens e a maneira como esse ambiente tem moldado os hábitos cotidianos, o aprendizado e o lazer da nova geração.



Figura 4 - Extensionistas conduzindo a roda de conversa após o jogo.
Fonte: as autoras.

A ansiedade ao ficar desconectado, por exemplo, indica mais do que um simples vício, uma vez que aponta para a perda do momento do ócio, que é fundamental para a reflexão, a criatividade, as brincadeiras e o amadurecimento, mas que agora é ocupado pela necessidade constante de uso de telas. A privação do sono causada pela luz azul e pelo uso noturno prejudica a capacidade de concentração, o rendimento escolar e o estabelecimento de uma rotina ajustada, criando um ciclo de cansaço, irritabilidade e prejuízos pedagógicos. A substituição da socialização, como demonstrado durante as refeições ou nos intervalos entre aulas, enfraquece o desenvolvimento de habilidades sociais indispensáveis, como a interpretação de expressões, a escuta atenta, a negociação de conflitos e a capacidade de expressar opiniões e sentimentos no mundo real.

Ainda dentro de todo esse cenário prejudicial, outro relato foi contundente na roda de conversa: a falta de referências dentro de casa, como pais e demais responsáveis adultos, que incentivassem e/ou controlassem o uso das telas. Muitos alunos relataram à equipe extensionista que, longe de incentivar ou oferecer alternativas, os próprios adultos estão imersos em seus dispositivos, o que revela o caráter não apenas individual ou geracional do problema, mas também sociocultural. Essa conectividade constante no ambiente familiar propicia o desenvolvimento do vício digital entre os jovens, além de deslocar a oportunidade de convivência entre a família, como exposto no comentário: *"Na minha casa, cada um fica no seu quarto e faz as refeições sozinho usando o celular, então a gente quase não conversa e eu acabo passando o dia no celular"*. Além disso, cabe destacar que a falta de mediação adulta se torna um problema tanto para a o uso indiscriminado das telas pelos adolescentes, quanto pela inexistência de um controle sobre os conteúdos acessados por essa faixa etária, escancarando um entrave ainda mais amplo e complexo.

A equipe extensionista percebeu que o jogo de tabuleiro desempenhou um papel fundamental ao criar um espaço seguro para reflexão e diálogo sobre essa temática tão sensível, que tem se tornado um grande obstáculo à saúde dos jovens. Notou-se que a semente da autorreflexão foi plantada entre os alunos e que a metodologia adotada foi eficiente para despertar uma postura mais questionadora por parte dos estudantes em relação aos seus hábitos digitais. Outrossim, visto que se observou um cenário aprofundado de desafios, a equipe saiu da escola com a certeza de que iniciativas como esta são urgentes e que a mudança é necessária para garantir o bem-estar das futuras gerações.

Por fim, entre as limitações do projeto, os autores identificaram a ausência de instrumentos para avaliar o aprendizado dos estudantes, sendo pertinente a aplicação de um questionário antes e depois da atividade, para possíveis reaplicações futuras. Além disso, as próximas iniciativas similares podem buscar o envolvimento dos familiares dos alunos para avaliar o impacto da experiência a médio prazo.

Conclusão

A execução do projeto de extensão "Modo Offline" na Escola Estadual de Ensino Básico Apeles Porto Alegre permitiu constatar, na prática, a complexidade e a urgência da discussão sobre o uso de telas entre adolescentes. A aplicação do jogo de tabuleiro revelou-se um sinalizador de diversas problemáticas, envolvendo não apenas o uso excessivo de telas, mas também a insuficiência de medidas meramente proibitivas e as evidentes dificuldades de concentração e interpretação demonstradas pelos alunos, que tiveram grande dificuldade em compreender regras sequenciais e em manter o foco durante a atividade.

Durante a execução do projeto, um dos aspectos mais significativos observados foi a dificuldade de engajamento dos alunos com formatos analógicos de aprendizagem. As acadêmicas, nesse contexto, perceberam que as crianças tinham dificuldades para seguir a trilha do tabuleiro, para entender o raciocínio por trás do conteúdo das cartinhas e para seguir as ordens contidas nelas. Foi interessante para o grupo constatar que muitos dos alunos nunca tiveram contato com jogos de tabuleiro e não acharam a atividade tão intuitiva quanto os jogos on-line. Por esse motivo, as estudantes de medicina concluíram que foi importante os alunos terem tido contato com uma atividade que suscitou o envolvimento manual, o raciocínio lógico, a atenção e o pensamento crítico, por meio desse projeto de extensão.

Um ponto que as estudantes constataram ter sido de extrema relevância, foi a diversidade das cartas criadas, que não focavam em tornar o celular um inimigo. Essa perspectiva foi usada como base para a criação do jogo, pois se esperava que os jovens se interessassem mais se fosse reconhecido que a tecnologia é uma grande aliada no cotidiano, e não apenas algo que atrapalha o desenvolvimento e a atenção. Ainda, ao colocar os jovens como atuantes nas reflexões, lhes foi dada a oportunidade de refletir por si sós sobre os possíveis malefícios e benefícios dos celulares, de um jeito que não teria sido possível se as informações fossem apenas apresentadas a eles.

Ademais, a constatação da necessidade de metodologias desconectadas das telas adquire especial relevância à luz do marco legal vigente. A recente Lei Federal nº 15.100/2025, que estabelece restrições ao uso de dispositivos móveis em escolas, revela-se insuficiente quando aplicada isoladamente. Durante a realização do projeto, foi possível observar que, mesmo com a proibição formal, os alunos continuavam utilizando seus celulares durante as aulas e, notavelmente, durante a própria atividade do jogo de tabuleiro. Este comportamento demonstra claramente que a mera proibição, sem um trabalho educativo paralelo que promova a compreensão dos malefícios do uso excessivo de telas e a necessidade de construir a autonomia digital de crianças e adolescentes, tem eficácia limitada.

Os relatos colhidos dos alunos durante a roda de conversa final corroboram essa análise. As confissões espontâneas dos adolescentes sobre permanecerem até altas horas da madrugada utilizando celulares, a sensação de sonolência durante as aulas, o afastamento progressivo das interações familiares e sociais e até mesmo a ansiedade experimentada nos breves momentos de desconexão ilustram de maneira evidente a natureza complexa da dependência digital. Estes depoimentos não apenas validam a pertinência

do projeto, mas também destacam a urgência de iniciativas que vão além da esfera legislativa.

Mesmo que o projeto tenha sido positivo e conseguido tocar a grande maioria dos jovens, apenas a consciência dos malefícios não é o suficiente para a mudança de atitude do grupo em relação ao uso demasiado dos celulares, sobretudo em ambiente escolar. A roda de conversa também permitiu que se compreendesse que os jovens que mais usavam os celulares de maneira inadequada eram aqueles cujos pais não faziam esse controle ou não davam o exemplo. A escola não é responsável por todo o desenvolvimento infantojuvenil; os pais desempenham papel central nisso e, sem a sua atuação com autoridade, os esforços docentes e legislativos não são suficientes.

Do ponto de vista formativo, a experiência extensionista possibilitou às acadêmicas ampliar o olhar sobre a atual conjuntura do uso excessivo de telas na adolescência e sobre os impactos desse cenário na saúde dos jovens contemporâneos. A vivência prática na escola evidenciou que a abordagem dessa temática exige escuta qualificada, sensível às dimensões culturais, sociais e subjetivas que permeiam o cotidiano dos estudantes, posicionando os profissionais da saúde como mediadores do processo educativo e reflexivo, e não como meros transmissores de orientações. Outrossim, a prática extensionista contribuiu para o desenvolvimento de competências fundamentais para as estudantes, como postura crítica e ética, habilidades de comunicação, construção de vínculos e mediação de discussões, habilidades que sempre irão se fazer presentes em seu futuro como médicas

Conclui-se, considerando toda a discussão, que o projeto "Modo Offline" desempenhou papel fundamental ao criar um espaço de reflexão crítica e de diálogo sobre o uso consciente das tecnologias. A experiência demonstrou que é possível, utilizando-se de metodologias lúdicas e participativas, despertar nos adolescentes uma postura mais reflexiva sobre seus hábitos digitais e sobre como isso pode impactar negativamente a sua saúde. Acredita-se, portanto, que a transformação cultural no uso das tecnologias perpassa por processos educativos que empoderem os jovens para fazerem escolhas mais equilibradas e saudáveis. ◂

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. *Caderneta da Criança – Passaporte da Cidadania: menina*. 7. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC.br). *TIC Kids Online Brasil 2024: Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2025. 152 p. Disponível em: https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2024/.

FRIEDMANN, Adriana. *Jogos tradicionais: o jogo, a criança e a educação*. São Paulo: Moderna, 1996. Acesso em: 25 nov. 2025.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez, 2011. Acesso em: 25 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde *et al. Crianças, adolescentes e telas: resumo executivo – Guia sobre usos de dispositivos digitais*. Brasília: Governo do Brasil, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/spdigi_resumoexecutivo_guiadetela_versaoweb.pdf. Acesso em: 21 out. 2025.

ROYAL COLLEGE OF PAEDIATRICS AND CHILD HEALTH (RCPCH). *The health impacts of screen time: a guide for clinicians and parents*. London: RCPCH, 2019. 11 p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). *Manual de Orientação: Saúde de Crianças e Adolescentes na era digital*. 2016. https://www.rcpch.ac.uk/screen-time. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018*. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=105102-rces007-18&Itemid=30192. Acesso em: 22 mar. 2026.



Projeto Fome de Bola – Esportes ao Meio-Dia: uma proposta divertida de lazer e aprendizagem

Rafael Gambino Teixeira[1]; Cibele Kern Biehl[1]; Carolina de Ávila Rodrigues[2]; Júlia Vicente Hass[1]; Afonso Anthony Vieira Ferner[1]

[1]Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CAp / UFRGS

[2]Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ESEFID / UFRGS

E-mail: rgambinot@gmail.com

O projeto de extensão "Fome de Bola: Esportes ao Meio-Dia", vinculado ao Departamento de Expressão e Movimento do Colégio de Aplicação, constituiu-se como uma iniciativa de ação social e comunitária voltada à promoção do esporte educacional e do lazer como instrumentos formativos e de inclusão (Figura 1), propondo um espaço de vivência e aprendizagem em práticas corporais, direcionado a crianças e jovens da comunidade escolar e público externo, contribuindo para a formação integral dos participantes e para o aprimoramento da formação docente inicial e continuada de profissionais e acadêmicos da área da Educação Física (BRACHT, 2011).

A proposta nasce da compreensão de que o esporte é uma ferramenta educativa capaz de favorecer o desenvolvimento global, fortalecendo o processo educacional em sua plenitude (FREIRE, 1996). Assim, o projeto objetivou oportunizar a prática de diferentes modalidades esportivas em um ambiente cooperativo e participativo, promovendo a autonomia, o respeito e o convívio social entre os participantes.



Figura 1

Além disso, o "Fome de Bola" atuou como espaço de formação prática para acadêmicos e professores em formação, que vivenciam, no contexto escolar, metodologias de ensino diversificadas e participativas (DARIDO; RANGEL, 2005).

As atividades práticas foram realizadas no horário do meio-dia (12h10 às 13h10), nas quadras esportivas do Colégio de Aplicação, o que justifica o nome do projeto e seu caráter diferenciado no cotidiano escolar. As oficinas esportivas ocorreram semanalmente e abordaram modalidades variadas, como futebol, futsal, vôlei e futmesa (Figura 2).

A metodologia adotada foi a de construção participativa e cooperativa, em que as oficinas são planejadas levando em consideração os interesses, curiosidades e necessidades dos estudantes. Essa abordagem garante flexibilidade e engajamento, estimulando os participantes a atuarem ativamente na organização e execução das práticas.

Durante o ciclo de 2022 a 2024, o projeto consolidou-se como um espaço de encontro entre diferentes sujeitos da comunidade escolar e universitária, fortalecendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Professores do CAp/UFRGS, estudantes de graduação e docentes convidados participaram em diferentes momentos, ministrando oficinas e compartilhando experiências.

As ações também envolveram estudantes bolsistas e monitores, responsáveis pela organização dos materiais, controle de presença, planejamento das atividades e apoio pedagógico nas oficinas.

O Projeto Fome de Bola teve ampla adesão: embora inicialmente planejado para 30 participantes, contou com um número bem maior de inscritos fixos e participação espontânea de outros estudantes em atividades pontuais. Esse interesse crescente mostrou a relevância do projeto como espaço de lazer, aprendizagem e socialização.

Além das oficinas regulares, foram promovidos eventos e vivências especiais, como competições amistosas (Gre-Nais e Copa CAp de futmesa – Figura 3), atividades recreativas e a participação dos integrantes na Olimpíada do Colégio de Aplicação (OCA), em formato de arbitragem educativa, enfatizando valores de cooperação, ética e respeito mútuo.

A avaliação da equipe coordenadora aponta que o projeto alcançou seus objetivos formativos, ainda que com desafios operacionais, como a dificuldade de envolver parceiros externos, devido ao horário de realização. Apesar disso, o engajamento dos participantes, o envolvimento dos bolsistas e a colaboração dos professores demonstraram a efetividade pedagógica e social da iniciativa.

O projeto proporcionou ganhos expressivos na aprendizagem esportiva, no convívio social e na consolidação de hábitos saudáveis (ainda mais em tempos de proibição do uso de celulares na escola), além de fortalecer a integração entre ensino, pesquisa e extensão.



Figura 2

Em sua avaliação final, evidenciou-se a proposta como uma prática de extensão transformadora, ao promover a democratização do acesso ao esporte e a valorização da cultura corporal. As oficinas tornaram-se um ambiente de trocas de saberes, de construção coletiva e de vivência de valores sociais, ampliando o papel da escola como espaço de formação cidadã.

Para os futuros ciclos, prevê-se a ampliação das modalidades oferecidas e a readequação dos horários para ampliar o envolvimento da comunidade externa. O projeto reafirma o compromisso da UFRGS com a extensão universitária como dimensão formativa e social, promovendo a articulação entre teoria e prática, entre universidade e sociedade.

O "Fome de Bola: Esportes ao Meio-Dia" seguirá, assim, como um espaço de formação, lazer e convivência, que valoriza o esporte como meio de educação e transformação social, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento integral de crianças, jovens e futuros educadores. ◂



Figura 3

Referências Bibliográficas

BRACHT, V. *Educação física & aprendizagem social: novos desafios*. Campinas: Autores Associados, 2011.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Clube de Teatro da Física:
o que acontece quando a ciência e a arte trabalham juntas?

Cilâine Verônica Teixeira[1]; Rossana Perdomini Della Costa Vellozo[2]
[1]Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IF / UFRGS)
[2]Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED / UFRG
E-mail: cilaineteix@if.ufrgs.br

O projeto assumiu o desafio de constituir um grupo de teatro ao abordar o centenário da mecânica quântica como tema de uma peça teatral, realizando a montagem do espetáculo "Contos Quânticos" no ano de 2025.

O objetivo é trabalhar temas científicos junto com a linguagem teatral. A justificativa está no fato de que, ainda que com as tecnologias haja mais acesso à informação, veiculam-se informações deturpadas e o uso indevido de termos científicos. A preocupação inicial era a descredibilização da ciência e a desinformação. Ao mesmo tempo, o trabalho com o teatro poderia proporcionar aos estudantes em formação uma experiência estética que ampliasse os seus horizontes sobre o conhecimento e o ser humano.

Seguindo as diretrizes da Resolução 07/2018[1] e com objetivo na inter-relação da universidade com as escolas de educação básica, o foco da ação voltou-se aos estudantes, para que jovens do ensino médio possam ter acesso ao conhecimento sobre a ciência e sua importância, ao mesmo tempo em que também tenham referência do teatro como atividade cultural.

Um duplo ganho é observado: por um lado, os estudantes e professores de ensino médio podem interagir com a peça "Contos Quânticos", montada pelo Clube de Teatro da Física, no sistema de criação coletiva - isto é, podem ajudar a recriar as cenas e compartilhar as suas percepções após a apresentação -, por outro lado, os estudantes de graduação desenvolvem a comunicação e a expressividade oral e corporal, a sua desenvoltura como futuros profissionais e a interação com o contexto escolar. Além disto, é possível perceber que o teatro promove a integração entre os graduandos a partir da criação colaborativa do espetáculo.

Estudantes de todos os cursos de graduação e pós-graduação são bem-vindos a participar do grupo; os encontros são semanais. Na montagem de "Contos Quânticos" participam estudantes de Bacharelado e Licenciatura em Física, Bacharelado em Física com ênfase em Astrofísica, Engenharia Física, Biologia e Licenciatura em Teatro.

1. Resolução 07/2018 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do MEC.

Inicialmente, foi preparado material sobre o surgimento e os princípios básicos da mecânica quântica, que foi apresentado e discutido com exemplos lúdicos para que todos os integrantes pudessem entender as ideias básicas deste conceito. Foram desenvolvidos textos sobre a evolução da ciência, que foram lidos e discutidos no grupo. Paralelamente, todos os participantes do grupo pesquisaram materiais e vídeos de divulgação que se valem inapropriadamente do nome da ciência e de termos científicos.



Figura 1 – Clube de Teatro da Física na premiação do Salão de Extensão da UFRGS 2025.
Fonte: Autores, 2025.

Foram realizados exercícios e jogos de concentração, integração, reconhecimento espacial, expressão corporal e exercícios de voz, bem como, a partir das discussões realizadas, foram feitos exercícios e improvisações. A dramaturgia também foi construída gradualmente e será abordada em um outro artigo. Aos poucos os exercícios cênicos foram convergindo ao preparo das cenas e dos personagens.

O projeto iniciou em outubro de 2024, com cinco alunos de graduação e um de pós-graduação. Em dezembro apresentamos duas cenas na cerimônia de encerramento do ano no Instituto de Física (UFRGS). A aceitação do público foi notória, despertou o interesse de outros alunos e em 2025 tivemos a participação de dezesseis alunos de graduação, incluindo um estagiário e uma bolsista. A preparação completa do espetáculo ocorreu de março a setembro de 2025. Durante o processo, apresentamos uma cena em forma de esquete no UFRGS Portas Abertas 2025, com público estimado de 50 pessoas, dividido em duas sessões. As apresentações realizadas até o momento estão listadas na Tabela 1, juntamente com a estimativa de público presente. Cada apresentação foi seguida de debate com o público, o qual se manifestou sobre a compreensão, dúvidas e sugestões para melhorar a clareza do espetáculo, o qual é sempre revisitado e aprimorado. Além do diálogo, o público das escolas foi convidado a responder um questionário não obrigatório. Dos respondentes, 85% disseram que aprenderam algo sobre a mecânica quântica e 71% afirmaram que gostariam de ver peças de teatro em suas aulas de ciências. As respostas foram muito positivas, como, por exemplo: "um conhecimento, mesmo o mais complicado que seja, pode sim ser expressado e explicado de uma forma leve e simples, o qual fará a compreensão de tudo".

Local	Evento	Público estimado
IF – SEAD – UFRGS	Encerramento do ano 2024	150
IF – Anfiteatro Antônio Cabral	UFRGS Portas Abertas 2025	50
EE Walter Jobim	Ensaio aberto	50
Biblioteca Pública Estadual	Feira Multicultural 2025	20
IF – SEAD – UFRGS	X EEEFis RS	30
Casa Baka	Projeto TCC Preservação do Pampa	15
Anfiteatro – Geociências – UFRGS	Semana Acadêmica da Química – 2025	80
Dall'Onder Hotel – Bento Gonçalves	XXI Simpósio Brasileiro de Química Teórica	40
IE Flores da Cunha	Apresentação aos alunos	70
Colégio La Salle Caxias	Apresentação aos alunos	60

Tabela 1 – Relação das apresentações do espetáculo no primeiro ano de projeto.

Além do impacto positivo nos alunos de ensino médio, a contribuição com a formação dos alunos de graduação foi notável. No início do projeto, a grande maioria apresentava grande timidez para se comunicar. Durante o desenvolvimento do trabalho, e especialmente após o início das apresentações do espetáculo, houve um grande envolvimento de todos, trabalho cooperativo e iniciativa de propostas para o bom funcionamento do coletivo. Também foi possível acompanhar o desenvolvimento da capacidade de comunicação dos trabalhos acadêmicos por parte dos alunos. O envolvimento de todos resultou na preparação de um segundo espetáculo como parte do Trabalho de Conclusão de Curso de uma das integrantes do grupo (MELLO, 2025). A união da ciência com a arte mostrou-se uma ferramenta poderosa para despertar o interesse do público pelos tópicos científicos e pela própria arte, provando a importância da interdisciplinaridade e gerando um espaço de criação, de cooperação e acolhimento, em um espaço de convivência criativa, saudável e acolhedora (Figura 1).

Agradecimentos

As autoras agradecem a participação e colaboração do TAE José Francisco Flores, pelo suporte, ideias e encorajamento; e ao prof. Nathan Willig Lima pelos questionários, discussões e encorajamento. ◄

Referências

MELLO, A. *Pampa através de outras lentes*: uso de fotografia e outras modalidades artísticas para divulgação científica de questões de conservação e biodiversidade do bioma pampa. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

Divulgação de ciência e promoção de saúde:

nas escolas e comunidades vulneráveis

Lina Naomi Hashizume; Alana Campos Rabelo; Camilla Duarte Rodrigues; Victoria Gomes Raimann; Julia Santana Costa; Manuela Cunha Pfeifer
Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – ODONTO / UFRGS
E-mail: lina.hashizume@ufrgs.br

As doenças bucais são distribuídas de maneira desigual entre as populações, atingindo de forma desproporcional grupos socialmente mais vulneráveis. Comunidades em contextos de vulnerabilidade social apresentam maior prevalência de agravos bucais, menor acesso aos serviços de saúde e menor exposição a ações educativas.

Embora avanços na saúde bucal decorrentes do fortalecimento das políticas públicas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) sejam observados, as doenças bucais permanecem com elevada prevalência entre populações infantis vulneráveis, revelando persistentes desigualdades no acesso e na qualidade dos serviços de saúde. Dessa forma, a promoção da saúde bucal e a ampliação do acesso à informação configuram-se como desafios relevantes para a saúde pública.

Nesse contexto, a escola constitui um espaço estratégico para ações de promoção da saúde bucal e divulgação científica, por possibilitar a construção de hábitos saudáveis desde a infância, com impactos positivos individuais e coletivos.

O projeto de extensão "Divulgação de Ciência e Promoção de Saúde nas Escolas e em Comunidades Vulneráveis", da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem como objetivo disseminar o conhecimento científico sobre saúde bucal, para a comunidade escolar da rede pública e em comunidades vulneráveis de Porto Alegre e região metropolitana, de uma forma clara e com linguagem acessível para cada público-alvo.

O presente projeto, que está em sua nona edição, é coordenado pela professora Lina Naomi Hashizume e conta com uma equipe composta por acadêmicas e docentes do curso de Odontologia (ver Figura 1). As atividades do projeto são sempre planejadas conjuntamente pela equipe em encontros semanais onde são discutidos os conteúdos científicos, as estratégias pedagógicas e a execução das ações presenciais junto ao público alvo.



Figura 1 - Equipe do projeto de extensão.
Fonte: Acervo do projeto.

Nas escolas, as atividades são desenvolvidas com escolares do ensino fundamental de escolas da rede pública de Porto Alegre e região metropolitana, por meio de atividades interativas e lúdicas que abordam temas sobre a saúde bucal como: anatomia da cavidade bucal, função da saliva, microrganismos orais, cárie dentária, alimentação saudável e higiene bucal. As acadêmicas também são responsáveis pela elaboração e confecção dos materiais didáticos utilizados, adaptados a cada faixa etária dos estudantes, com o objetivo de tornar o conteúdo mais acessível e atraente, favorecendo a compreensão dos conceitos relacionados à saúde bucal (ver Figura 2). A equipe do projeto também desenvolve atividades voltadas aos professores, incluindo palestras e rodas de conversa acerca do tema saúde bucal do escolar. Ao final dessas atividades, é distribuído um folder informativo, elaborado pela equipe, fortalecendo o papel do professor como multiplicador do conhecimento dentro da escola.





Figura 2 - Atividades realizadas com os escolares.
Fonte: Acervo do projeto.

O projeto de extensão desenvolve ações de promoção de saúde bucal em comunidades vulneráveis da região metropolitana de Porto Alegre. Durante essas ações comunitárias, contamos também com a participação de cirurgiãs-dentistas, estagiários e agentes comunitários de saúde dos territórios visitados.
Ao detectarmos crianças com necessidade de tratamento odontológico, elas são encaminhadas para atendimento na unidade de saúde mais próxima. Durante essas ações, o setor de imunização do município também participa ampliando as atividades de saúde realizadas dentro da comunidade (ver Figura 3).

Com o objetivo de disseminar informações sobre saúde bucal e geral para um público maior, o presente projeto tem utilizado as redes sociais. Atualmente o projeto possui perfis no *Instagram* (@carionasescolas) e no *Facebook* (Ciência na sociedade: entendendo a cárie dentária) onde semanalmente são publicados conteúdos com uma abordagem atrativa e uma linguagem acessível para o público geral. As informações postadas são sempre temas de interesse do público e são baseadas em evidências científicas.

Para as acadêmicas extensionistas o projeto contribui para o desenvolvimento de suas habilidades comunicativas, pedagógicas e sociais, além de reforçar o protagonismo das estudantes no projeto. As experiências e interações com a comunidade, vivenciadas pelas estudantes dentro do projeto, vão muito além dos conhecimentos adquiridos dentro de uma sala de aula, complementando sua formação profissional e cidadã. Através das atividades do projeto, as acadêmicas entendem o verdadeiro papel social que a universidade pública tem na divulgação científica e promoção de saúde para a sociedade e em contextos de vulnerabilidade. ◄



Figura 3 - Ação realizada em uma comunidade vulnerável em conjunto com setor de imunização do município. Fonte: Acervo do projeto.

Referências

BRAMANTORO, T. *et al. Effectiveness of the school-based oral health promotion programmes from preschool to high school: a systematic review*. PLoS One, San Francisco, v. 16, n. 8, e0256007, 2021. DOI: 10.1371/journal.pone.0256007. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34379685/. Acesso em: 16 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Projeto SB Brasil 2010: Pesquisa Nacional de Saúde Bucal: resultados principais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: https://bvs-ms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_nacional_saude_bucal.pdf. Acesso em: 15 jan. 2026.

DE LUCENA, E. H. G. *et al. Influence of socioeconomic status on oral disease burden: a population-based study*. BMC Oral Health, v. 21, n. 608, 2021. DOI: 10.1186/s12903-021-01970-w. Disponível em: https://bmcoralhealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12903-021-01970-w. Acesso em: 9 jan. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Global oral health status report: Towards universal health coverage for oral health by 2030*. Genebra: World Health Organization, 2022. Disponível em: https://iris.who.int/handle/10665/364538. Acesso em: 9 jan. 2026.

Educação em Informação

Jussara Borges; Renata Farias Machado; Daisy Bruning
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FABICO / UFRGS
E-mail: jussara.borges@ufrgs.br

A educação não pode ser compreendida de forma dissociada do ambiente informacional que a atravessa, considerando as mudanças que estão ocorrendo nos modos de produção, circulação e uso da informação. Por isso a necessidade de compreender de que educação estamos tratando, perscrutando o contexto infocomunicacional para responder a fenômenos como a desinformação e os impactos da Inteligência Artificial Generativa (IAGen).

Com base nessa perspectiva, o Grupo de Pesquisa em Competências Infocomunicacionais (InfoCom) desenvolve, desde 2019, ações extensionistas alinhadas às demandas de diferentes públicos, articulando o ensino, a pesquisa e a extensão. Este trabalho relata a experiência da edição mais recente do curso de extensão "Educação em Informação", que recebeu o prêmio de destaque na modalidade vídeo-poster do Salão de Extensão da UFRGS 2025.

No InfoCom, articulamos a pesquisa, o ensino e a extensão da seguinte forma: organizamos cursos de extensão que se constituem em laboratórios para experimentar conceitos, abordagens e estratégias para educar em informação. Consequentemente, isso alimenta a pesquisa de todos os 26 componentes do Grupo. A última experiência extensionista foi realizada em modalidade virtual com o título "Educação em Informação". O planejamento da ação contou com a participação ativa de 14 membros, entre eles docentes, discentes de graduação e pós-graduação, monitores e uma pedagoga. O planejamento iniciou em 10 de julho de 2024, quando foi definida a modalidade, os conteúdos, o calendário, os recursos e estratégias pedagógicas, bem como os critérios de avaliação da ação. Essas decisões tiveram por base a experiência adquirida pelo InfoCom em formações anteriores (Borges; Oliveira; Costa, 2025).

O curso foi ministrado utilizando a plataforma Moodle, disponibilizada pela UFRGS, sendo que a página para o curso começou a ser reformulada ainda em julho de 2024. Nesse momento foram feitas, pelos monitores e a coordenação do curso, as modificações no *layout* na página do Moodle. Em agosto, os professores ajustaram os módulos relativos às suas aulas, criando e subindo para o site o conteúdo que seria disponibilizado para os alunos. Em setembro, a pedagoga avaliou as aulas e a coerência interna do curso, alinhando objetivos, recursos, metodologias e estratégias.

Ainda em setembro, foram abertas as inscrições e a divulgação do curso através de mídias sociais, listas de e-mails e pôsteres físicos. O curso teve como público de interesse profissionais de informação, como bibliotecários, arquivistas, museólogos, jornalistas, publicitários e relações públicas; embora pessoas oriundas de outras formações também tenham se inscrito. O número total de pessoas que responderam ao formulário para a inscrição foi de 399, das quais 126 foram selecionadas na primeira chamada e 12 na segunda. Nem todos os selecionados se matricularam, o que significou que o curso contou com 100 cursistas.

O curso foi formado por oito aulas, uma em

cada semana. O conteúdo foi selecionado a partir de pesquisa anterior (Borges; Oliveira; Costa, 2025) e de reunião realizada com a equipe do curso, ficando definidas as seguintes temáticas geradoras, estruturadas em quatro módulos e oito aulas, conforme aFigura 1.



Figura 1 – Agenda do curso *Educação em Informação*.
Fonte: Cópia de tela do ambiente Moodle do curso *Educação em Informação*, 2024.

Quanto aos recursos didáticos, cada aula foi composta por uma leitura preparatória, uma videoaula, uma atividade, uma aula síncrona e materiais complementares (*podcasts*, lives, infográficos, jogos etc.). Em seis das oito aulas, a leitura preparatória foi um dos capítulos do livro *Educação para a Informação* (Borges; Brandão; Barros, 2022). A proposta do livro foi oferecer um texto claro, objetivo e didático sobre cada um dos principais temas que permeiam a educação em informação.

O encontro síncrono ocorreu às terças-feiras, das 19h às 20h. Os materiais complementares buscavam a diversidade de formatos: *podcasts*, sites, infográficos e outras mídias relevantes. A avaliação foi feita com base em três critérios: participação em aula, auto avaliação e entrega de um projeto de promoção da educação em informação entre o público de interesse do participante. O curso como um todo somou 60h distribuídas entre outubro e novembro de 2024.

A proposta extensionista está em consonância com as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Brasil, 2018), ao promover a interação dialógica entre universidade e sociedade, compreendendo os estudantes como sujeitos ativos do processo formativo, voltado ao desenvolvimento de competências críticas, éticas e sociais, com foco em profissionais da informação e demais interessados, promovendo a educação em informação para além do espaço institucional. ◂

Referências

BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Susane Santos (org.). *Educação em Informação: como promover competências infocomunicacionais*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. E-book. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/livro/educacao-informacao/. Acesso em: 22 jan. 2026.

BORGES, Jussara; SANTOS, Melissa Oliveira dos; COSTA, Bryan Nicollas Soares. *Como educar em informação: uma proposta teórico-metodológica*. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 16, 2025. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/370080. Acesso em: 22 jan. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. *Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 dez. 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 22 jan. 2026.

Educar UFRGS

Jamily Aguirre Marques[1]; Thayná dos Santos Teixeira[2]
[1]Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – DIREITO/UFRGS
[2]Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IFCH/UFRGS
E-mail: educarufrgs@gmail.com

O projeto extensionista EDUCAR UFRGS surge em meio a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2019, com o intuito de promover o acesso às informações referentes ao ingresso e à permanência no ensino superior. Voltado aos estudantes de escolas públicas de Porto Alegre e da região metropolitana, o grupo busca evidenciar, por meio de oficinas e diálogos horizontais, o direito de cada jovem à educação superior gratuita e de qualidade. Dessa forma, reafirma-se o papel social das instituições públicas comprometidas com a redução das desigualdades educacionais.

Ao propor um espaço de troca para além dos muros da universidade, a prática extensionista constitui um ambiente em que sujeitos historicamente afastados do meio acadêmico possam perceber-se enquanto indivíduos que portam agência e que possuem o direito de estar presente no âmbito educacional. Desse modo, o ensino superior apresenta-se como espaço legítimo para a juventude periférica e para os estudantes do ensino público. Assim, o projeto, além de apresentar informações sobre a academia, fomenta a escuta ativa, a problematização das variadas realidades frente à educação e o reconhecimento da universidade enquanto local que deve ser ocupado pelas diferentes esferas sociais.

No que tange às articulações realizadas pelo grupo, a fim de inserir a academia no plano social, destaca-se o "Mutirão de Inscrições do ENEM", evento que mobilizou nove escolas de Porto Alegre e da região metropolitana, a fim de auxiliar continuamente o processo de inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que, por muitas vezes, pode ser excludente para alunos que não possuem suporte tecnológico, infraestrutura ou informação suficiente. Para tanto, o coletivo organizou-se para que cada escola pudesse ser atendida de acordo com suas necessidades. Ao fim, a ação alcançou mais de 350 estudantes que, além de receberem apoio para a inscrição, foram informados sobre as demais possibilidades de ingresso e condições de permanência na universidade.

Além disso, cabe destacar os vínculos institucionais estabelecidos pelo EDUCAR UFRGS com a Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROAFE), com o intuito de compreender de maneira abrangente os atravessamentos dos estudantes de ensino superior, principalmente aqueles pertencentes às comunidades indígenas. Ao longo do ano, foram visitadas as escolas indígenas Anhetenguá e Nhamandu Nhemopuã alinhando as oficinas de acordo com as realidades e demandas de cada coletivo. A partir do diálogo voltado à troca de experiências, foram apresentadas possibilidades concretas para o ingresso, como o Processo Seletivo Específico de Estudantes Indígenas (PSEI), reforçando assim a importância da presença indígena no meio universitário.

No entanto, as atividades desenvolvidas pelo projeto são constantemente atravessadas pelo *modus operandi* do neoliberalismo, que tende a atribuir à educação uma utilidade pragmática e imediata, esvaziando seu sentido social mais amplo. Trata-se de um desafio de difícil superação no âmbito das oficinas conduzidas pelos extensionistas e que, embora se manifeste de distintas



Figura 1 - Evento "10 anos do Plano Nacional de Educação".
Fonte: Autores, 2025.



Figura 2 - Visita à EEEM Padre Reus, Porto Alegre - RS.
Fonte: Autores, 2025.



Figura 3 - Visita à EEEM Rafaela Remião, Porto Alegre - RS.
Fonte: Autores, 2025.

de modo tácito, a uma concepção de educação que desconsidera o valor do conhecimento em si mesmo, priorizando exclusivamente a busca contínua pelo aprimoramento de competências profissionais demandadas pelo mercado de trabalho.

A (de)forma educacional promovida pelo Novo Ensino Médio materializa muitos dos desafios que emergem nos diálogos estabelecidos entre estudantes e extensionistas. De um lado, observa-se uma parcela minoritária de jovens que consegue mobilizar diferentes estratégias para contornar os obstáculos enfrentados por estudantes da rede pública no acesso ao ensino superior. De outro, encontram-se aqueles que, em razão de condições socioeconômicas marcadamente precárias, não reconhecem a universidade como uma possibilidade concreta de futuro.

Esse panorama se agrava ainda mais quando percebemos que não raramente os desafios enfrentados por estudantes de baixa renda no contexto universitário tornam-se conhecidos pelos jovens antes mesmo dos direitos e das oportunidades proporcionados pelo ensino superior. É por isso que, desde 2019, a atuação do projeto EDUCAR UFRGS vem se pautando em discutir com as juventudes que, embora o acesso às universidades ainda seja limitado por filtros sociais, econômicos e raciais, materializados no processo seletivo conhecido como vestibular, atualmente existem políticas públicas voltadas à democratização do ensino superior, que são desconhecidas pela maior parte dos estudantes.

A partir do cenário apresentado, o projeto extensionista estrutura projeções para o futuro que visam, para além da continuidade às ações desenvolvidas durante os últimos anos, à ampliação do plano de atuação do grupo, objetivando um maior alcance das escolas públicas de Porto Alegre e região metropolitana. Assim, o EDUCAR UFRGS organiza-se a partir de práticas voltadas ao compromisso social para que, progressivamente, a universidade seja compreendida como um horizonte possível.

Agradecimentos

Agradecemos à Faculdade de Direito da UFRGS, ao professor orientador Jeferson Barbosa e à Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade pelo apoio institucional. Agradecemos também às escolas, cursinhos populares e centros educacionais que colaboram na construção coletiva do projeto. ◂

Referências

SBARBOSA, Carlos Soares; KAPLAN, Leonardo; SOUZA, José Carlos Lima de. *Ciências Humanas e Sociais no Novo Ensino Médio na rota do ultraliberalismo e do neoconservadorismo: a particularidade do Rio de Janeiro*. Horizontes, v. 42, n. 1, p. e023129, 2024. Disponível em: https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1838. Acesso em: 18 jan. 2026.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. São Paulo: Boitempo, 2019.

Da universidade às comunidades: experiências extensionistas em agricultura urbana e periurbana

Tatiana da Silva Duarte[1]; Helena Cruz Machado[1]; Bruno Bogado[1]; Vanessa Gabrielle Valente da Silva[1]; Nilza Maria dos Reis Castro[2]; Gabrielli Pieta Cecchin[1]; Luise Pazutti Santos[1]; Cassiano Bond Vieira Otero[1]; Thales Miguel Santanna Dutra[1]
[1]Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGRO / UFRGS
[2]Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IPH / UFRGS
E-mail: tatiana.duarte@ufrgs.br

O programa de extensão universitária "Horticultura Urbana: Promoção Socioeconômica e de Segurança Alimentar" foi criado em 2012 e em 2025 completou 13 anos de atuação em comunidades urbanas e periurbanas da Região Metropolitana de Porto Alegre. Ao longo desse período, vem articulando ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a consolidação de práticas extensionistas comprometidas com a formação estudantil, complementando a formação profissional por meio de experiências extensionistas de caráter não profissionalizante, bem como com o diálogo permanente entre a universidade e a sociedade. Suas ações têm como eixo central a promoção da agricultura urbana e periurbana como estratégia para

o enfrentamento de desafios socioambientais contemporâneos, fortalecendo os processos educativos, a participação social e a construção coletiva de soluções sustentáveis em contextos urbanos e periurbanos.

Vinculado à Faculdade de Agronomia, com a participação do Instituto de Pesquisas Hidráulicas, o programa é composto por três projetos "Horticultura Urbana: Ações", "Horta Educativa: um Espaço para Criar" e "Horto Didático UFRGS: Ensinar, Colecionar, Manter e Propagar (Horto Botânico)", bem como por duas disciplinas com carga horária extensionista: "Práticas Extensionistas em Horticultura e Recursos Florestais" e "Irrigação e Drenagem", que envolvem estudantes dos cursos de Agronomia, Engenharia Hídrica, Engenharia Ambiental e Engenharia Civil.

As ações desenvolvidas no âmbito do programa são realizadas por meio dos projetos e disciplinas extensionistas. O projeto "Horticultura Urbana: Ações" desenvolve atividades em comunidades em situação de vulnerabilidade social, com foco no apoio técnico e na formação de agricultores urbanos (ver Figura 1). Suas ações incluem a implantação, o manejo e o acompanhamento de hortas comunitárias e institucionais, promovendo a valorização dos saberes locais, o estímulo à produção sustentável de alimentos e a mobilização social, a partir do trabalho coletivo entre universidade e comunidade (ver Figura 2).
O projeto também atua na produção e doação de mudas de hortaliças, plantas medicinais, condimentares e "Plantas Alimentícias Não Convencionais" (PANC). A "Horta Educativa" dedica-se à implantação de hortas pedagógicas em escolas, utilizando o cultivo de alimentos como ferramenta educativa.
O "HortoBotânico UFRGS" atua na propagação de espécies nativas e exóticas com valor acadêmico, social e ornamental, voltadas ao ensino, à educação ambiental e ao uso consciente da flora. De forma complementar, as disciplinas com carga horária extensionista integram estudantes de diferentes cursos em atividades desenvolvidas com contextos reais de atuação, em diálogo direto com comunidades e hortas urbanas (ver Figura 3).



Figura 1 - Oficina na horta comunitária do Morro da Cruz e na cozinha solidária Periferia Feminista, com o tema "Mãos na terra: como cuidar e organizar a horta", realizada em 06/11/2025. Porto Alegre, RS.
Fonte: Tatiana Duarte, 2025.



Figura 2 - Vivência e prática na horta da Associação de Mulheres Maria da Gloria no Morro da Cruz, realizada em 26/01/2024, pelo projeto Horticultura Urbana: Ações. Porto Alegre, RS.
Fonte: Tatiana Duarte, 2024.



Figura 3 - Universidade e comunidade no encerramento da disciplina extensionista de "Irrigação e Drenagem" na Faculdade de Agronomia, com apresentação dos projetos de irrigação da horta comunitária do Morro da Cruz em 10/10/2023. Porto Alegre, RS.
Fonte: Nilza Maria dos Reis Castro, 2023.

As ações do Programa contemplam diferentes tipos de hortas urbanas, com predominância de intervenções em unidades educacionais, seguidas por hortas comunitárias, unidades de saúde e instituições do sistema prisional.
O público-alvo é composto predominantemente por mulheres moradoras de comunidades urbanas, além de crianças da educação básica e pessoas privadas de liberdade. As ações foram desenvolvidas em escolas públicas, unidades de saúde, hortas comunitárias, cozinhas solidárias, associações comunitárias e instituições prisionais, refletindo sua atuação junto a diferentes grupos sociais.

Desde 2016, o Programa participa do Salão de Extensão da UFRGS, na modalidade "Mostra Interativa", espaço que privilegia a comunicação direta com a comunidade universitária e externa. Em 2025, pela primeira vez, essa trajetória foi reconhecida com destaque nessa modalidade, resultado de um processo cumulativo de amadurecimento, diversidade de ações e aprofundamento das práticas dialógicas desenvolvidas ao longo dos anos.

A trajetória do programa de extensão "Horticultura Urbana: Promoção Socioeconômica e de Segurança Alimentar" evidencia a extensão universitária como espaço de produção de conhecimento aplicado e de interação sistemática entre universidade e sociedade. As ações desenvolvidas ao longo do período analisado contribuem para a integração entre ensino, pesquisa e extensão, por meio da atuação em diferentes contextos urbanos e periurbanos.

No que se refere à formação estudantil, as experiências extensionistas possibilitam aos estudantes a articulação entre conhecimentos técnicos e aspectos sociais, culturais e ambientais presentes nos territórios de atuação. Essas atividades favorecem o desenvolvimento de competências técnicas e sociais, a aprendizagem ativa e o trabalho coletivo, ampliando a compreensão sobre a atuação profissional em contextos reais.

Ao articular projetos, disciplinas e parcerias institucionais, o programa consolida a extensão universitária como dimensão formativa complementar e como estratégia para o fortalecimento da agricultura urbana e das ações voltadas à segurança alimentar em contextos urbanos.

Agradecimentos

À PROREXT, aos estudantes extensionistas e às comunidades parceiras que constroem, de forma coletiva, as ações do Programa Horticultura Urbana. ◂

Liga Interdisciplinar de Diabetes (LIDIA) - edição 2024

Bárbara de Pinho Gonçalves[1]; Beatriz DAgord Schaan[1]; Josiane Schneiders[2]
[1]Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAMED / UFRGS
[2]Hospital de Clínicas de Porto Alegre – HCPA
E-mail: bpgoncalves@hcpa.edu.br

A Liga Interdisciplinar de Diabetes (LIDIA) é um projeto de extensão universitária criado em 2016 por profissionais da saúde vinculados à UFRGS e ao Serviço de Endocrinologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Coordenada pela Professora Dra. Beatriz Schaan, do Departamento de Medicina Interna da Faculdade de Medicina da UFRGS, a iniciativa consolidou-se como um espaço que integra ensino, pesquisa e extensão por meio da participação ativa de estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes áreas da saúde. Seu objetivo central é promover educação em saúde acessível, baseada em evidências científicas, com foco no cuidado integral da pessoa com diabetes.

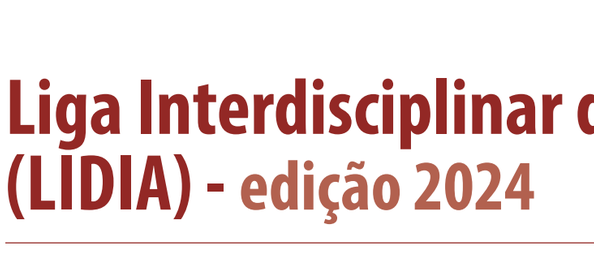


Figura 1 - *Instagram* da LIDIA, o principal canal de comunicação com o público alvo.
Fonte: Autores.

Ao longo dos últimos anos, a LIDIA ampliou sua atuação comunitária em consonância com as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Resolução 07/2018), fortalecendo o protagonismo estudantil, a interdisciplinaridade e o diálogo transformador com a sociedade. No ano de 2024 o grupo desenvolveu materiais educativos impressos e digitais voltados à população com diabetes, buscando democratizar o conhecimento e promover autonomia no autocuidado. Nas redes sociais, as publicações abordam temas como receitas saudáveis, curiosidades científicas e orientações práticas, aproximando a linguagem acadêmica do cotidiano das pessoas.

Também em 2024, diante do cenário emergencial provocado pelas enchentes no Rio Grande do Sul, a LIDIA desenvolveu a cartilha "Diabetes em tempos de crise", voltada a indivíduos em situação de vulnerabilidade. O material reúne orientações sobre manejo da doença, técnicas de aplicação e armazenamento adequado da insulina, monitorização glicêmica, cuidados com a saúde mental e descarte seguro de insumos, reafirmando o compromisso social da liga.

Ainda no campo educativo, foi criada uma história em quadrinhos protagonizada por "Lídia", uma super-heroína que ensina, de forma lúdica e acessível, ensina crianças e adultos sobre os principais cuidados com o diabetes.

A atuação da LIDIA também se estende a ações comunitárias diretas, como o "Mutirão de Rastreamento de Retinopatia Diabética" em áreas vulneráveis e a participação no Dia Nacional do Diabetes, realizado no Parque da Redenção em parceria com a Sociedade Brasileira de Diabetes. Nessas atividades, foram realizados testes de glicemia, orientações sobre



Figura 2 - Time da LIDIA em uma das ações do projeto: em parceria com a SBD, a LIDIA montou um espaço para fornecer informações sobre o cuidado do paciente com diabetes.
Fonte: Autores, 2025.

tecnologias e técnicas de aplicação de insulina. Essas ações ampliaram a formação complementar dos estudantes, favorecendo o desenvolvimento de competências técnicas, comunicacionais e sociais em um ambiente não profissionalizante, alinhado ao caráter formativo da extensão universitária. O grupo também manteve ativa sua inserção no campo da pesquisa, estimulando a produção científica, a participação discente em eventos e jornadas acadêmicas e o fortalecimento da articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

prevenção e autocuidado, além de espaço para esclarecimento de dúvidas, fortalecendo a relação dialógica entre universidade e comunidade. Além disso, o grupo marcou presença em eventos como a Corrida do SESI, incentivando hábitos de vida saudáveis e reforçando a importância da atividade física na prevenção do diabetes.

No âmbito acadêmico, a LIDIA promoveu aulas regulares, encontros de educação em saúde e workshops práticos envolvendo temas como retinopatia diabética, pé diabético, novas



Figura 3 - (A) Cartilha "Diabetes em tempos de crise: guia prático de manejo e acesso a serviços essenciais"; (B) história da Liga Interdisciplinar de Diabetes – LIDIA.
Fonte: Autores.

A experiência interdisciplinar promovida pela LIDIA permite que os estudantes assumam papel de protagonismo na produção e na disseminação de conhecimento, aprofundando a compreensão do diabetes de forma integral e humanizada. Para o ano de 2026, planeja-se expandir as ações educativas em espaços públicos, promover a 4ª Jornada de Diabetes do HCPA e desenvolver novas pesquisas voltadas à prevenção e ao manejo das complicações da doença. Desse modo, a LIDIA reafirma seu compromisso com uma formação acadêmica qualificada, com o impacto social das práticas extensionistas e com a construção de uma universidade cada vez mais conectada às necessidades da população. ◂

Mate Masie 2025: ações pedagógicas em ERER

Edilaine (Dedy) Ricardo Machado[1]; Vanessa Amarante Lemos Ferreira[2]
[1]Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CAp / UFRGS
[2]Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IA / UFRGS
E-mail: dedyricardo.dr@gmail.com

A oralidade a serviço da formação de professoras(es)

Quando apresentamos nosso projeto – o Mate Masie 2025: ações pedagógicas em ERER, do Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp-UFRGS) – ouvimos o questionamento: o que quer dizer "*Mate Masie*"? Semear conhecimento sobre africanidades e afrobrasilidades começa pela resposta a esta questão. O nome do projeto é orientado pela sabedoria dos *adinkras*, manifestação cultural do povo Axante, proveniente da África Ocidental. Conforme Eliane Boa Morte do Carmo (2016), os *adinkras* são um conjunto de símbolos que representam provérbios da tradição Axante. O *adinkra Mate Masie* abrevia o provérbio "Eu guardo aquilo que ouço". Ele nos indica a magnitude da oralidade e do conhecimento, além de orientar acerca da necessidade de ouvir com atenção o que nos é dito. Perceba-se que a palavra proferida – através da boca ou dos gestos do corpo – habita as sutilezas de *Mate Masie*. Se guardamos o que ouvimos, é porque aprendemos algo importante com o que nos foi dito.



Figura 1 – Logotipo do Projeto Mate Masie (ao centro, o símbolo *adinkra* Mate Masie).
Fonte: Autores.

Ao trazer a oralidade expressa em *Mate Masie* como tecnologia de ensino ancestral, nosso objetivo é criar ações pedagógicas interdisciplinares no campo da formação de professoras(es), contribuindo com a Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003). É também nosso propósito atender às Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER), que preveem a "valorização da oralidade, da corporeidade e da arte; por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura" (Brasil, 2004, p.20), bem como dialogar com outras redes de ensino, em consonância com as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira.

Akofena

Nas ações desenvolvidas em 2025, firmamos parceria com os Espaços de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (EEABIs), nas escolas municipais de Porto Alegre. Nesse contexto, realizamos a roda de conversa "*Akofena*: Diretrizes Curriculares para ERER como instrumentos de luta contra o racismo". Esta atividade é nomeada pelo *adinkra Akofena*, o qual associamos à coragem intrínseca à luta pela educação antirracista.



Figura 2 – Símbolo *adinkra Akofena*.
Fonte: Autores.



Figura 3 – Pietro Peroni e Sofia Lemes (bolsistas juniores) com a professora Dedy Ricardo, coordenadora do projeto.
Fonte: Autores, 2025.

Nesta conversa, examinamos trechos das DCNERER (Brasil, 2004), pontuados pela reflexão coletiva e exemplificados pelas experiências escolares apresentadas por Sofia Lemes e Pietro Peroni, bolsistas do oitavo ano do CAp-UFRGS, e por Vanessa Lemos, bolsista da graduação. Ressaltamos a presença das famílias da bolsista e do bolsista juniores nestas ocasiões, que revela a gratificante aproximação da comunidade escolar do debate sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Este trabalho foi realizado com professoras(es) das Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) Aramy Silva, Monte Cristo e Gilberto Jorge Gonçalves, e, ainda, no componente curricular de Práticas Cênicas na Escola, do curso de Licenciatura em Teatro da UFRGS.

Considerações finais

Como diz o velho ditado, "é conversando que a gente se entende". Por isso mesmo, acreditamos que nossas ações possam intensificar as discussões sobre a ERER na Educação Básica e inspirar práticas educativas antirracistas. Mais do que isso, esperamos que o assentamento desta temática possa instigar professoras(es) ao emprego imediato de estratégias pedagógicas que saciem a urgência de concepções epistemológicas alternativas às hegemônicas que são usuais. Cuidamos que este é um dos caminhos possíveis para que valores como a oralidade, a corporeidade e a ancestralidade se façam presentes no cotidiano das escolas, ampliando as possibilidades de conhecimento das(os) estudantes e, consequentemente, democratizando os espaços escolares. ◂

Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004.

CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do. *História da África nos anos iniciais do Ensino Fundamental: os Adinkra*. 2016. 192 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História da África, Diáspora e Povos Indígenas) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016.

MILI MICRO NANO PICO: teatro de formas animadas e educação

Rossana Della Costa
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED / UFRGS
E-mail: rossanadellacosta@gmail.com

Mili Micro Nano Pico[1] são unidades de medidas. Mas, também é o Projeto de Extensão Universitária da Faculdade de Educação da UFRGS, coordenado pela professora Rossana Della Costa, que visa criar uma comunidade de interesse sobre o Teatro de Formas Animadas e suas potencialidades na Educação nas suas múltiplas expressões e tamanhos. O projeto teve início no ano de 2023 e já colhe frutos do trabalho[2] com a premiação no Salão de Extensão UFRGS 2025. Trata-se de um momento importante, tendo em vista que o projeto trabalha pela implementação da área na instituição, suprindo uma lacuna, pois não havia até o momento atividades com a proposta de desenvolver esta especificidade artística vinculada à Educação e à formação de professores.

O *modus operandi* do projeto é a troca e a interrelação entre a comunidade, a Universidade e os artistas. Assim, desde seu início, as ações extensionistas são: cursos de teatro de bonecos com diversas técnicas abertos à comunidade com foco na formação docente; apresentação de peças de teatro de bonecos nas escolas da rede pública de Porto Alegre (ver Figura 1), que ocorre em parceria com companhias profissionais; eventos como, por exemplo, a Semana de Teatro de Bonecos do RS[3] (2024), que ocorreu no mês de abril de 2024 na FACED/UFRGS, com apresentações abertas ao público e para escolas agendadas ou o 7 Encontro Poéticas do Inanimado[4] (2025), que reúne pesquisadores de Teatro de Formas Animadas de universidades de todo o país; a confecção de materiais didáticos para o trabalho com teatro de formas animadas na educação básica e também com foco na formação docente.



Figura 1 – Apresentação da peça "Kasperl e a Cerveja do Papa".
Fonte: Fotografia da equipe de produção da Cia Trip Teatro, 2023.

1. Rede social instagram (@milimicronanopico

2. Está vinculado ao projeto de pesquisa "Formas animadas e educação: o corpo como espaço na formação docente" e ao componente curricular eletivo, Teatro de Formas Animadas, pertencente ao currículo de Licenciatura em Pedagogia.

3. Reportagem da TV UFRGS sobre a Semana de Teatro de Bonecos do RS disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yuqE5zg8uYY

4. Reportagem da UFRGS TV sobre o evento: https://www.youtube.com/watch?v=dC5Vly26ca4



Figura 2 – Cena de Teatro de Boneco para a comunidade na Ilha do Pavão.
Fonte: Bolsista Gabriel Orlandi, Relatório do Projeto Mili Micro Nano Pico, 2024.

O material em áudio[5] e o teatro de papel[6] estão disponíveis gratuitamente. O projeto também realizou uma exposição no Museu da UFRGS intitulada "O Encontro da Marionete com o Sonho"[7]. A exposição foi convidada a participar também da edição do ano de 2024 do evento Porto Alegre em Cena – festival de teatro com grupos internacionais e nacionais que ocorre anualmente na capital gaúcha. Além das ações citadas, aquelas realizadas durante e depois do período da enchente merecem um registro especial.

As ações desenvolvidas foram: visita e atividades teatrais para famílias e crianças acampadas ou abrigadas. Os locais atendidos foram: Abrigo da ESEFID/UFRGS; escolas e abrigos na cidade de Guaíba (EMEI Menino Jesus, EMEI Amélia Consuelo Laviaguerre, EMEF Itororó, Ponto de Cultura Biguá - Espaço Livre, EMEI Prof. Amélia Consuelo e adolescentes do sócio educativo do Centro de Referência em Assistência Social - CRAS); Abrigo Centro Vida; Abrigo na Ilha do Pavão (ver Figura 2); comunidade do Morro da Cruz; e a comunidade do bairro Sarandi.

A partir do evento da enchente, passamos também a pesquisar sobre Teatro de Bonecos como prática de cuidado e acolhimento, inspirado na Pedagogia Emergencial de Bernd Ruf, além das atividades do projeto. Desta forma, até o momento podemos contabilizar o alcance de mais de dez mil pessoas que tiveram contato com o Teatro de Formas Animadas a partir de alguma das ações do projeto. Seguiremos plantando bonecos no coração das pessoas (VELLINHO, 2018), essa arte milenar com tantos desafios e encantos. ◂

5. Material em áudio disponível em: https://drive.google.com/file/d/1sVMXQUDc6LlZPkYNrluoWOKG-A-TykTF/view

6. Material do teatro de papel disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-c2_NL9dYmOq-H59lRV0pRA-OEiJx0g0U/view

7. Reportagem da TV UFRGS sobre a exposição "O Encontro da Marionete com o Sonho": https://www.youtube.com/watch?v=oKycwJCM2hA

Referências

DELLA COSTA, Rossana. Artificialidade intencional: um princípio para reposicionar o corpo. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 1–26, 2022. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/85089. Acesso em: 31 jan. 2026.

DIAS, Rosimeri de Oliveira (org.). *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

VELLINHO, Miguel. Como plantar um boneco no coração de alguém? Desafios para o ensino do teatro de animação na universidade. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 32, p. 112–124, 2018. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102322018112. Acesso em: 28 jan. 2026.

O que fazer diante de eventos climáticos ou meteorológicos extremos?

Rosana Aparecida Fernandes[1]; Beatriz Garcia Lúcio[1]; Caroline Nogueira Haas[2]
[1]Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS
[2]Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IA/UFRGS
E-mail: rosanafernandes.edu@gmail.com

Estamos vivendo, no Brasil e no mundo, consequências e incertezas decorrentes de eventos climáticos e meteorológicos extremos. Nas últimas décadas, Eduardo Viveiros de Castro, Déborah Danowski, Ailton Krenak, Isabelle Stengers e outros antropólogos, filósofos, educadores e cientistas de diversas áreas do conhecimento vêm realizando pesquisas, e construindo um novo pensamento ontológico, ético, estético e epistemológico para abordar os problemas do século XXI, ao mesmo passo que explicitam a repercussão global que a ação humana tem sobre a Terra: o uso de combustíveis fósseis, a emissão de dióxido de carbono, a mineração, a expansão da agricultura industrial, o desmatamento, o consumo desenfreado.

Todos os dias, de um jeito ou de outro, em distintos lugares do planeta, as mudanças climáticas se impõem diante de todos nós e requerem outros modos de vida, outras concepções de cidades e de conexões com o planeta, outros modos de pensar e de fazer ciências. Em maio de 2026 fará dois anos que o Rio Grande do Sul foi devastado por enchentes, inundações e alagamentos. Vidas, cotidianos, casas, escolas, edifícios e estabelecimentos de diversos tipos ficaram semanas mergulhados nas águas turvas e escuras dos rios. Ter vivido, e ter acompanhado os muitos modos de ser atingido por uma grande enchente, nos colocou diante do desafio de, através da ação de extensão "O que fazer diante de eventos climáticos ou meteorológicos extremos?", atuar em Educação Ambiental e Climática.

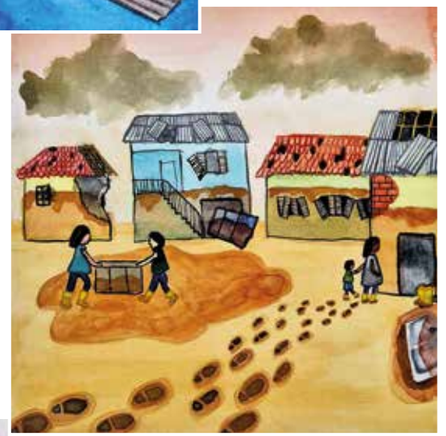
As escolas são centrais nas vidas das comunidades nesses contextos, seja porque acolhem, recebem, alojam, seja porque crianças e jovens ficam semanas e meses sem aulas devido a destruição e interrupções causadas por esses eventos. Os professores e os profissionais da educação atuam desde a acolhida, limpeza, reconstrução, às retomadas de aulas e da rotina. E nos perguntamos: "Que suporte e preparo esses profissionais têm para atuar diante de eventos climáticos e meteorológicos extremos?" Quais pedagogias, estratégias e propostas podem nos instrumentalizar e nos qualificar para assumirmos a responsabilidade de estarmos diante de crianças, jovens, escolas e comunidades que sofreram os traumas e as perdas decorrentes de eventos extremos?

Há modos de pensar a vida na Terra que precisam ser questionados, e há um imaginário a ser fertilizado com outros modos de pensar e de estar no mundo. É em escolas e espaços de educação que nós aprendemos muito do que compreendemos do mundo e de seus funcionamentos, e é através de uma Educação Climática e Ambiental que poderemos criar outros modos de pensar e de nos relacionarmos com a Terra.

Nesse sentido, nós estamos trabalhando na produção de dois conjuntos de materiais:

a) O primeiro material é direcionado para professores da Educação Básica, no intuito de sistematizar orientações sobre como agir diante de eventos climáticos ou meteorológicos extremos. Está dividido em três volumes, cada um focado em uma etapa do processo de acolhimento: "Volume I — O que aconteceu?"; "Volume II — E agora? O que posso fazer?"; "Volume III — Como posso fazer?". Esse material será impresso e distribuído para escolas públicas.







b) O segundo material está voltado à Educação Ambiental e Climática. É um jogo de cartas composto por frases coletadas em programas de rádio, podcasts, jornais e mídias sociais. Cada carta apresenta, na frente, uma arte que dá visibilidade a uma das frases que registramos e, no verso, temos perguntas elaboradas para provocar a crítica do enunciado. Entre as frases que compõem o jogo estão: "A chuva insiste em cair sobre o Vale do Taquari"; "As chuvas podem causar atrasos na colheita da soja"; "O pecado é a causa de todas as catástrofes que acometem a humanidade"; "O Rio Grande do Sul tem sido vítima, nos últimos anos, de eventos climáticos extremos"; "Mas as pessoas voltam para o mesmo lugar". A construção desse jogo surge da constatação de que discursos amplamente disseminados por diferentes mídias tendem a naturalizar os desastres ambientais, transferindo a responsabilidade para a própria natureza, para justificativas de ordem religiosa ou para a culpabilização individual, em detrimento do que explicam as ciências e da trama complexa que há entre humanidade e natureza. As frases que ouvimos nos meios de comunicação formam modos de pensar, e, com esse jogo, queremos problematizar as mentalidades que simplificam as relações entre humanos e não-humanos. ◂

Referências

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os meios e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2017.

KRENAK, Ailton Krenak. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STENGERS, Isabelle Stengers. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

Movimentando saberes:
Hip Hop e Universidade

José Antônio dos Santos; Diogo Raul Zanini; Ivan Pereira Quintana; Juliana Luise Costa; Ulisses José Batista dos Santos
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED / UFRGS
E-mail: joseants@hotmail.com

Apresentamos aqui alguns resultados do projeto "Movimentando saberes: Hip Hop e Universidade", registrado, em 2025, na Pró-Reitoria de Extensão – PROREXT/UFRGS. A ação de extensão foi o resultado de amplo diálogo com o Movimento Hip Hop de Porto Alegre e Região Metropolitana iniciado em 2015, quando foi organizado o primeiro Seminário Hip Hop na UFRGS a partir da iniciativa dos estudantes. Naquela oportunidade, houve reivindicações intra e extramuros da Universidade para criação de espaços de interlocução e reconhecimento do hip hop no meio acadêmico.



Figura 1 - Reunião com os estudantes do Campus do Vale para construir o Censo Hip Hop na UFRGS.
Fonte: Autores.

Há mais de quarenta anos o Movimento Hip Hop atua em diversos âmbitos da sociedade, desde a assistência a crianças e jovens em vulnerabilidade social; a criação de cursos pré-vestibulares populares para ingresso nas universidades; a formação para o mercado de trabalho e a organização cidadã dos moradores das vilas, bairros e favelas na defesa dos seus interesses. São tecnologias sociais que apontam novas perspectivas na resolução de problemas socioeconômicos enquistados na sociedade, em que os conhecimentos resultados da relação ensino-extensão-pesquisa podem encontrar meios de avançar sobre temáticas superadas e sobre o descrédito da importância da universidade e daquilo que produz.

A Alvo Associação Cultural, o Museu da Cultura Hip Hop do Rio Grande do Sul e o Galpão Cultural, localizadas em Porto Alegre, respectivamente, no Bairro Rubem Berta, na Vila Ipiranga e no Morro da Cruz, se tornaram interlocutores na definição de objetivos comuns. A saber: a realização do primeiro Censo Hip Hop na UFRGS, para visibilizar e quantificar as pessoas envolvidas com a cultura hip hop na Universidade, e a organização do VI Seminário Hip Hop na UFRGS, evento para apresentação de pesquisas e da cultura Hip Hop com objetivo de trocas interepistêmicas.

Visamos a horizontalidade entre os saberes no estabelecimento de metodologias de trabalho por meio de reuniões periódicas nos diferentes espaços, discussão de temas sensíveis, respeito à opinião de todos os envolvidos. O processo interativo se fez na definição de datas dos eventos, composição das mesas de discussão, locais e formas de participação, pelo confronto dos pontos de vista ou enfoques diferentes, podendo essa interação ir da simples comunicação das ideias à participação efetiva na consolidação dos objetivos acordados.



Figura 2 - Reunião com representações do Movimento Hip Hop no Galpão Cultural no Morro da Cruz.
Fonte: Autores.

A indissociabilidade ensino-extensão-pesquisa tem a extensão ocupando o centro do processo. Ela viabiliza a interação que retroalimenta o ensino e a pesquisa que devem ter dentre seus objetivos a produção de pedagogias e pesquisas socialmente relevantes e comprometidas com a sociedade. Segundo pesquisa de (QUINTANA, 2025), o banco de dados de ações de extensão da PROREXT--UFRGS possui a identificação de seis atividades relacionadas ao Hip Hop. Apenas duas apresentam o termo "Hip Hop" como descritor principal no título da ação, o que revela um dado que extrapola a dimensão quantitativa e se inscreve no plano das hierarquias simbólicas do saber universitário. Em termos proporcionais, trata-se de uma presença estatisticamente residual, quando confrontada com o volume total de 24.440 atividades extensionistas registradas entre os anos de 2015 e 2024.

À revelia da Universidade o Movimento Hip Hop criou entidades reconhecidas como espaços de produção de saberes, linguagens, pedagogias e práticas políticas oriundas das periferias urbanas dos quais provém parcela significativa dos jovens que constituem o corpo discente das universidades. A baixa incidência de atividades explicitamente vinculadas ao Hip Hop pode ser lida como sintoma de um processo seletivo de legitimação de culturas e saberes que continuam sendo marginalizados, mesmo em um contexto de aparente abertura institucional como é o caso das políticas de ações afirmativas.

Por meio de letras e músicas (DJs e MCs) que constituem o rap, da dança (*break*), da pintura (grafite), dos conhecimentos e do domínio de palco e público (MC) a juventude das periferias encontrou no Hip Hop uma ferramenta de transformação de suas vidas. Foi o caso de nossa bolsista de extensão que deixou registrado no seu trabalho de conclusão em Pedagogia a importância do rap em sua trajetória. Mais do que isso, ela refletiu sobre o quanto a universidade contribuiu para o distanciamento de suas origens e como a entrada no projeto serviu como forma de se reaproximar do Hip Hop.

Ela relata esse processo da seguinte forma:

> "[...] foi através da música que o Hip Hop me salvou muitas vezes em que estava passando por uma situação difícil na vida, me fazendo enxergar as experiências a partir de outro ponto de vista, tendo contato com outras vivências diferentes das minhas, aprendendo com a cultura negra e periférica que é o pilar de todo movimento Hip Hop, e além disso, resgatando a minha autoestima enquanto uma professora-poeta que sonha com um mundo menos violento e ensina com amor aos seus educandos". (COSTA, 2025, p. 15)



Figura 3 - Sessão de apresentação de trabalhos do VI Seminário Hip Hop na UFRGS, reunindo ativistas do Hip Hop, graduandos e pós-graduandos da USP, UFPR e UFRGS.
Fonte: Autores.

As ações extensionistas criam possibilidades dos estudantes conhecerem novas realidades, ou, de voltar a seus lugares de origem e passar a reconhecê-los como agentes fundamentais em suas formações como cidadãos e profissionais. É a oportunidade de positivar e valorizar as experiências e conhecimentos que absorveram em suas comunidades, tendo condições de equilibrar epistemologias do seu meio em graus de igualdade aos conhecimentos absorvidos na universidade.

A relação ensino-extensão-pesquisa deve ter a responsabilidade em impactar e transformar a sociedade e a universidade de alguma forma, como foi o caso na realização do VI Seminário Hip Hop na UFRGS, quando circularam na Universidade cerca de 300 pessoas, entre DJs, grafiteiros, MCs e dançarinos do Movimento Hip Hop, professores e estudantes de escolas públicas, pesquisadores de outras universidades que regularmente não são vistas ou não fazem parte desta comunidade.

Esta circulação de pessoas pelos pátios, salas e auditórios do Campus do Vale e Central e as reuniões com apresentações de pesquisas acadêmicas mediadas por músicas (*rap*) em alto volume não transformou a Universidade, mas desacomodou algumas pessoas e teve impacto em outras que nunca tinham ocupado esse espaço. As reuniões que fizemos nas entidades parceiras e na Universidade foram momentos que fortaleceram laços comunitários de solidariedade e reconhecimento entre todos os envolvidos. ◄

Referências

COSTA, Juliana L. *O RAP como contribuição no desenvolvimento do senso crítico dos estudantes da EJA*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

PEREIRA, Jaqueline T. *Casas de hip hop: criação e construção de saberes emancipatórios*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

QUINTANA, I. P. *A extensão universitária como eixo estratégico para a internacionalização da educação superior*. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

ZANINI, Diogo Raul. *Movimento Hip Hop: socializando a cultura como um trabalho emancipador*. 2023. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

Prevenção da Morte Súbita do Lactente (PMSL)

Juliana Paz Moraes; Maria Luzia Chollopetz da Cunha; Helga Gouveia
Escola de Enfermagem e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – EENFSC / UFRGS
Email: jujubamoraes63.jm@gmail.com

O projeto de extensão Prevenção da Morte Súbita do Lactente (PMSL), vinculado ao curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), surgiu em 2025, motivado pela profunda preocupação com os índices de mortalidade súbita infantil, com ênfase nos casos de Síndrome da Morte Súbita do Lactente (SMSL). O objetivo do projeto é compartilhar informações que auxiliem pais, familiares e cuidadores a proteger os bebês, orientando sobre como evitar os fatores de risco no cotidiano. Por meio de ações educativas, promove-se a troca de conhecimentos entre estudantes, profissionais da saúde e a comunidade, fortalecendo a segurança infantil em parceria com o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

Abordar a morte no contexto do nascimento é um desafio complexo, uma vez que este período é intrinsecamente ligado à vida e à celebração, tornando o luto um tema raramente considerado. No entanto, a realidade da Morte Súbita Inesperada do Lactente (MSIL) atinge inúmeras famílias, exigindo o rompimento do silêncio. Conceitualmente, a MSIL abrange todos os óbitos súbitos que ocorrem no primeiro ano de vida do bebê. Após a devida investigação, tais casos podem ter causas identificadas ou permanecer sem explicação. Quando não se encontra uma causa específica — mesmo após investigação clínica e necropsia — o evento é classificado como Síndrome da Morte Súbita do Lactente (SMSL), termo utilizado para descrever óbitos ocorridos, predominantemente, durante o período de sono (MOON *et al.*, 2022).

Embora a fisiopatologia da SMSL não seja totalmente compreendida, o Modelo do Triplo Risco é a explicação científica mais aceita. Esse modelo sugere que o óbito resulta da combinação de três elementos simultâneos: a vulnerabilidade biológica do lactente, o período crítico de desenvolvimento e a presença de estressores externos. Estes últimos incluem a exposição ao tabagismo, o hábito de posicionar o bebê para dormir em decúbito ventral (de barriga para baixo), o uso de superfícies de repouso inadequadas, o compartilhamento da cama, entre outros (DO PRADO *et al.*, 2018). Nesse contexto, os fatores externos constituem a única parte do modelo sob controle direto dos cuidadores; por esse motivo, o projeto PMSL visa eliminar esses riscos ambientais, orientando sobre o ambiente de sono seguro.

A metodologia adotada pelo projeto possui caráter participativo e dialógico, fundamentada na troca de saberes entre a universidade e a comunidade. As estratégias de intervenção estruturaram-se em três eixos. O primeiro consiste na promoção de capacitações à equipe de enfermagem da maternidade em todos os turnos laborais, visando aprofundar o conhecimento técnico sobre a SMSL. Essa ação busca qualificar os profissionais para identificação dos riscos e para o fornecimento de orientações fundamentadas às famílias.



Figura 1 - Registro da capacitação com a equipe de enfermagem do HCPA.
Fonte: Autores, 2025.

QR code, possibilitando que o conteúdo audiovisual seja acessado e assistido de forma assíncrona. Essa modalidade também inclui avaliações de satisfação.

O segundo eixo foca na educação em saúde por meio de rodas de conversa realizadas semanalmente, utilizando a disposição circular para promover o diálogo horizontal com puérperas e acompanhantes. Esse formato permite uma troca significativa e interativa, facilitando o esclarecimento de dúvidas. Os grupos são finalizados com a aplicação de um questionário simplificado para monitoramento da satisfação do público.

Inicialmente, as atividades foram realizadas por meio de grupos de orientações, totalizando 15 encontros coletivos que contaram com a participação de 88 indivíduos, sendo 48 puérperas e 40 acompanhantes. Essa modalidade registrou um índice de satisfação de 99,40%. A partir de agosto de 2025, as orientações passaram a ser realizadas de forma individualizada à beira do leito. Conduzida ao longo de 37 momentos de orientações, essa nova etapa abrangeu 386 pessoas, sendo 235 puérperas e 151 acompanhantes, obtendo uma aprovação de 99,89%. Somadas as duas modalidades, as ações alcançaram um total de 474 pessoas, sendo 283 puérperas e 191 acompanhantes.

Por fim, o terceiro eixo compreende atendimentos individualizados realizados à beira do leito. Essa abordagem permite alcançar mais famílias e oferecer orientações personalizadas, utilizando o vídeo educativo sobre a SMSL - desenvolvido como o material central do projeto - para ilustrar as diretrizes de sono seguro. É apresentado às famílias um cartaz com



Figura 2 - Registro da roda de conversa realizada pelas bolsistas com as famílias na maternidade (foto autorizada pelos participantes).
Fonte: Autores, 2025.



Figura 3 - Registro do atendimento individual realizado pelas bolsistas com as famílias à beira leito na maternidade (foto autorizada pelos participantes).
Fonte: Autores, 2025.

acadêmicos de Enfermagem, permite que futuros profissionais desenvolvam competências de escuta ativa e educação em saúde em um cenário real de assistência. Em suma, a ação consolidou-se como uma estratégia eficaz de apoio à redução da mortalidade infantil. Ao romper as barreiras da sala de aula, o projeto reforça o compromisso social da universidade pública, transformando diretrizes técnicas de sono seguro em práticas humanizadas, protetivas e, acima de tudo, compartilhadas com a comunidade.

O projeto demonstrou um impacto positivo e de relevante cunho social, com elevados índices de satisfação. Esses dados evidenciam que a metodologia adotada foi capaz de traduzir conhecimentos científicos complexos em práticas de cuidado acessíveis e aplicáveis no cotidiano das famílias. O diferencial desta iniciativa reside na sua natureza extensionista que, ao integrar

Agradecimentos

À UFRGS e ao curso de graduação em Enfermagem, pela oportunidade de vivenciar a extensão universitária. Ao HCPA, profissionais e famílias da maternidade, agradeço a parceria e troca de saberes que permitiram o desenvolvimento e sucesso deste projeto de prevenção. ◂

Referências

DO PRADO, Lucila Bizari Fernandes *et al. Síndrome da Morte Súbita do Lactente*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2018. (Documento científico n. 4). Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/20226d-DocCient_-_Sindrome_Morte_Subita_do_Lactente.pdf. Acesso em: 12 jan. 2026.

MOON, R. Y. *et al*. Sleep-Related Infant Deaths: Updated 2022 Recommendations for Reducing Infant Deaths in the Sleep Environment. *Pediatrics*, [s. l.], v. 150, n. 1, p. e2022057990, 2022. Disponível em: https://publications.aap.org/pediatrics/article/150/1/e2022057990/188304/Sleep-Related-Infant-Deaths-Updated-2022?autologincheck=redirected. Acesso em: 12 jan. 2026.

Podcast A Cor da Voz: experiências em extensão, oralidade e afrofuturismo

Liliam Ramos da Silva[1]; Tainã do Nascimento Rosa[2]; Tiago R. Souza[3]
[1]Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IL / UFRGS
[2]Universidade do Texas, Austin, EUA
[zz]Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IFCH / UFRGS
E-mail: liliam.ramos@ufrgs.br

Fundado em setembro de 2020, o podcast "A Cor da Voz" constitui-se como um projeto de extensão voltado à produção, circulação e valorização de conhecimentos negros e indígenas no contexto brasileiro e diaspórico. Concebido inicialmente como um canal de áudio digital, o programa consolidou-se como um espaço de escuta, memória e imaginação política, no qual pesquisadores, artistas, educadores e lideranças comunitárias compartilham conceitos, reflexões e práticas fundamentadas em epistemologias antirracistas. Ao longo de suas 14 temporadas, o programa ampliou seus horizontes teóricos e estéticos, incorporando, em 2023, referenciais afrofuturistas (BRAHAM, 2024; SHAVERS, 2024). Enquanto iniciativa de extensão, "A Cor da Voz" tensiona fronteiras entre universidade, território e comunidade, objetivando a subversão do genocídio e do epistemicídio negro e indígena, bem como a ampliação do imaginário social sobre identidades negras e indígenas por meio da oralidade, da escrita e da experimentação estética.

O racismo estrutural no Brasil sustenta-se por um conjunto de práticas históricas e institucionais que naturalizam hierarquias raciais e produzem desigualdades profundas nas esferas social, cultural e epistemológica. Conforme argumenta Almeida (2020), trata-se de um processo contínuo que mobiliza a categoria de raça para marginalizar determinados grupos, ao mesmo tempo em que preserva privilégios para o grupo racial dominante, tanto nas relações interpessoais quanto nas dinâmicas institucionais. Nesse cenário, "A Cor da Voz" atua como prática insurgente de produção de conhecimento, ao deslocar o centro do discurso e legitimar narrativas historicamente silenciadas. Produzido por pessoas negras de diferentes países e escutado em 56 países distribuídos entre América, África, Ásia, Europa e Oceania, o podcast desafia cânones epistemológicos hegemônicos e constrói caminhos fugitivos para outras formas de pensar, conhecer, existir e viver, conforme propõe Walsh (2020). A oralidade, elemento central do projeto, constitui-se como tecnologia ancestral de transmissão de conhecimento, permitindo que regionalismos, sotaques, memórias e experiências do cotidiano negro e indígena sejam reconhecidos como saber legítimo.



Figura 1 - Gravação do episódio "Quem foi Dandara dos Palmares?".
Fonte: Autores.

Em complementaridade, desde 2021, o podcast vem sendo contemplado por leis de incentivo à cultura, possibilitando a transformação de seus episódios em livros. Os volumes I, II, III e IV foram doados a mais de 100 instituições públicas de ensino em Alvorada e Gravataí, ampliando o acesso comunitário aos conteúdos produzidos. A criação das "gelitecas", 27 pontos de leitura instalados em paradas de ônibus, reforçou o compromisso do projeto com a democratização do acesso ao livro e à leitura em espaços cotidianos. Além disso, em 2025, em parceria com o artista visual EMIPE, o projeto incorporou a linguagem das histórias em quadrinhos, produzindo materiais didáticos que articulam texto e imagem como dispositivos afrofuturistas de ensino e aprendizagem.



Figura 2 - Preparação das "gelitecas" pela equipe A Cor da Voz, em Alvorada, RS.
Fonte: Camila Hermes.

A partir de temáticas relevantes para os segmentos sociais descritos, o podcast "A Cor da Voz" articula ensino e extensão através de disciplinas disponibilizadas pelo Instituto de Letras. Como exemplos, citamos os episódios 2, 3 e 4 da Temporada 14 (Territórios Quilombola, Narrativas Kaingang e Tradução Decolonial, respectivamente) que foram gravados com pesquisadores que realizaram seus estágios docentes de doutorado em Letras na disciplina *Tópicos especiais em Letras e Relações Étnico-Raciais*. Já o episódio 4 da Temporada 7 (Oliveira Silveira: poesia, tradução e ERER) é referência obrigatória para a disciplina Literatura



Figura 3 - Leitores na parada de ônibus 49, em Alvorada, RS.
Fonte: Autores.

Afro-latino-americana ofertada nos níveis de graduação e pós-graduação em Letras. Trata-se, portanto, de um projeto que fortalece o tripé universitário de ensino-pesquisa-extensão.

O podcast "A Cor da Voz" consolida-se como uma experiência extensionista afrocentrada que articula oralidade, escrita, arte e educação em diálogo direto com comunidades escolares, universitárias e territoriais. Utilizado em aulas da UFRGS, em escolas públicas de educação básica e em processos formativos docentes, o programa amplia o acesso a narrativas negras do cotidiano e contribui para a formação de imaginários antirracistas.

Ao tensionar os limites entre universidade e comunidade, o projeto reafirma o papel da extensão universitária como prática política de transformação social. Sua abordagem afrofuturista não apenas revisita o passado e denuncia estruturas de opressão, mas projeta futuros possíveis a partir da centralidade da experiência negra. Assim, "A Cor da Voz" inscreve-se como uma prática viva de resistência epistemológica, produção de memória e imaginação radical de mundos outros. ◂

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BRAHAM, Persephone. Afrofuturismo: aesthetics and interpretation. In: BOULD, Mark; BUTLER, M. Andrew; VINT, Sherryl (org.). *The New Routledge Companion to Science Fiction*. 2. ed. London: Routledge, 2024.

SHAVERS, Rone. Afrofuturism. In: BOULD, Mark; BUTLER, M. Andrew; VINT, Sherryl (org.). *The New Routledge Companion to Science Fiction*. 2. ed. London: Routledge, 2024.

WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: insurgencias desde las grietas*. YouTube, 27 out. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SuMPMn4sOuc&t=598. Acesso em: 7 abr. 2025.

Acompanhamento de familiares em visita estendida a pacientes críticos no serviço de terapia intensiva de um hospital universitário

Karina Azzolin[1]; Ana Olmes[1]; Mariana Closter[1]; Bárbara Petitembert[1]; Eduarda Dias[1]; Tais Hochegger[2]; Elis de Pellegrin Rossi[2]; Adrian Becker[1]; Andriely Borges[1]; Daniele Yukari de Moraes Suwa[1]; Gabriela Riquelme[1]
[1]Escola de Enfermagem e Saúde Coletiva – UFRGS
[2]Hospital de Clínicas de Porto Alegre – HCPA
E-mail: karina.azzolin@gmail.com

Introdução

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) caracteriza-se por alta complexidade, intensa utilização de tecnologias e afastamento do ambiente familiar, fatores que podem desencadear sofrimento emocional significativo em pacientes e familiares. A presença da família no contexto da UTI contribui para a redução dos níveis de ansiedade, melhora da comunicação clínica, favorece o enfrentamento emocional e fortalece o vínculo terapêutico entre equipe, paciente e familiares, promovendo maior sensação de acolhimento e segurança durante a internação (Rodrigues, Almeida & Barbosa, 2025).

Além dos benefícios psicossociais, estudos indicam que políticas de visitação mais flexíveis estão associadas a desfechos clínicos favoráveis, como a redução da incidência e da duração do delirium, diminuição do tempo de internação na UTI e ausência de aumento nos índices de infecção hospitalar, quando comparadas a modelos restritivos de visitação (Rosa *et al*., 2017; Wu et al., 2022). Esses achados reforçam a segurança e a efetividade da ampliação da presença familiar em unidades críticas.

Nesse contexto, a estratégia de Visita Estendida (VE) surge como uma prática alinhada aos princípios da humanização do cuidado, ao possibilitar maior tempo de permanência dos familiares junto aos pacientes, ampliando o suporte emocional e a participação no processo assistencial. No cenário pós-pandemia — marcado por restrições severas de visitação e impactos significativos na experiência de cuidado — a retomada da VE configura-se como um importante movimento de reconstrução da confiança, do vínculo terapêutico e da centralidade da família no cuidado em saúde, especialmente nas UTIs brasileiras (Eugênio *et al*., 2022).

Objetivo

Relatar a experiência extensionista da Visita Estendida (VE) para familiares de pacientes críticos internados na UTI de um hospital universitário, destacando a atuação dos estudantes e os impactos percebidos no cuidado.

Método

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido em uma UTI com 60 leitos. Participaram estudantes de enfermagem de diferentes semestres, uma enfermeira chefe, duas psicólogas e uma professora de enfermagem.

Até junho de 2025, os familiares eram convidados para a VE após 24 horas de internação. Após avaliação institucional e discussão multiprofissional, o protocolo foi atualizado para 48 horas, reconhecendo-se maior benefício para a estabilidade clínica dos pacientes e melhor organização dos fluxos e rotinas da equipe assistencial. Dois familiares, escolhidos pelas famílias, são autorizados a participar da VE, recebem orientações sobre o ambiente, normas de convivência e fluxos assistenciais, essas orientações são através de um curso de 60 minutos, realizado diariamente pelos estudantes de enfermagem, em uma sala de aula da UTI. Após a participação no curso os familiares recebem um crachá de acesso e a visita é permitida das 9h às 21h. Para os demais familiares seguem os horários de visita social, sendo uma hora no turno da manhã, uma no turno da tarde e uma no turno da noite. Os acadêmicos, uma vez ao dia, realizam busca ativa dos familiares e acompanham sua permanência/convivência nas unidades, sendo um elo de apoio aos familiares e um facilitador das combinações entre família e profissionais de saúde.

Resultados

O projeto teve início no ano de 2017, foi interrompido devido à pandemia da COVID-19. Após sua retomada no período pós pandemia apresentou crescimento progressivo de familiares envolvidos. Em 2023 foram 168 familiares atendidos; em 2024 foram 345 familiares atendidos e 769 familiares atendidos em 2025. Esses dados demonstram a expansão contínua do projeto e a consolidação da VE como prática de humanização.

As estudantes relataram desenvolvimento significativo de competências como escuta qualificada, empatia, manejo de crises e comunicação terapêutica. A participação ativa favoreceu integração com a equipe multiprofissional e ampliou a compreensão acerca das vivências emocionais dos familiares em ambiente crítico. Garantindo a interação dialógica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social.

Os familiares relataram sentimentos de acolhimento, maior compreensão do quadro clínico e redução da ansiedade associada ao desconhecimento do ambiente da UTI.

Muitos estudantes descreveram a experiência como transformadora, ampliando sua percepção sobre o papel social da profissão na construção de uma assistência mais acolhedora e centrada no paciente e na família conforme preconizado pela Resolução 07/2018 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do MEC.

Conclusão

A Visita Estendida demonstrou benefícios relevantes para todos os envolvidos. Para os familiares, proporciona acolhimento, segurança emocional e maior participação no cuidado. Para os pacientes, a presença familiar contribuiu para redução da ansiedade, melhora na estabilidade emocional e favorecimento da colaboração no tratamento. Para a equipe multiprofissional, a VE fortaleceu o vínculo terapêutico, ampliou a fluidez da comunicação e reforçou a humanização como eixo central do cuidado em ambiente crítico. Os achados reforçam a importância da continuidade e expansão da VE como prática extensionista, educacional e assistencial, centrada na pessoa e na família.

Agradecimentos

Aos familiares participantes, aos profissionais da UTI e aos estudantes envolvidos na ação extensionista. ◄

Referências

EUGÊNIO, Cláudia Severgnini et al. Comparação entre as percepções de familiares e as de profissionais de saúde a respeito de um modelo de visitação flexível em uma unidade de terapia intensiva adulto: estudo transversal. Revista Brasileira de Terapia Intensiva, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 374-379, jun. 2022. Associação de Medicina Intensiva Brasileira.

RODRIGUES, Maria Fernanda Antunes; ALMEIDA, Janie Maria de; BARBOSA, Paula Gonzaga Cardoso. Impactos da visita familiar na percepção do paciente em unidade de terapia intensiva adulto. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, Sorocaba, v. 27, e64295, 2025.

ROSA, Regis Goulart *et al*. Effectiveness and safety of an extended ICU visitation model on delirium and other clinical outcomes in a medical-surgical intensive care unit. *Critical Care Medicine*, Arlington, v. 45, n. 10, p. 1660-1667, oct. 2017.

WU, Yuchen *et al*. Efficacy and safety of unrestricted visiting policy for critically ill patients: a meta-analysis. Critical Care, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 1-15, 5 set. 2022. Springer Science and Business Media LLC.

Publique seu artigo!

Revista da Extensão

Desenvolva um artigo da sua prática extensionista universitária e envie para a Revista da Extensão da UFRGS.
Gostaríamos de publicá-lo.

Se você é aluno, converse com o coordenedor da sua atividade.

A chamada de artigos é aberta, com fluxo contínuo

Consulte as normas para submissão de artigos





Revista da Extensão

Publique seu artigo!

Submissão de artigos

A Revista da Extensão é uma publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que tem como propósito veicular e difundir atividades de extensão, não apenas desta universidade mas também de outras instituições do Brasil e do exterior. Ao constituir-se como espaço de trocas, contribui para o fortalecimento e a valorização dos diferentes saberes, ampliando o diálogo sobre a extensão universitária e enfatizando o seu papel fundamental na formação discente e docente. Acompanhando a tendência das principais publicações brasileiras sobre extensão universitária, a Revista da Extensão da UFRGS é publicada em versão impressa e eletrônica, de livre acesso ao seu conteúdo, seguindo o princípio de democratização do conhecimento.

A seleção dos artigos para publicação tem como parâmetro a sua contribuição à extensão universitária, segundo as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Resolução 07/2018 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do MEC), observando o processo educativo, cultural e científico que articula, amplia, desenvolve e realimenta o ensino e a pesquisa, propiciando a interdisciplinaridade e viabilizando a relação transformadora entre Universidade e sociedade. Este contato, que visa ao desenvolvimento mútuo e estabelece a troca de saberes, tem como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com as realidades nacional e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva de comunidades na atuação da Universidade. Constituem pontos fundamentais do artigo também a originalidade do tema ou o tratamento dado ao assunto, a consistência teórica e a qualidade do texto.

Normas para Submissão de Artigo

A Revista da Extensão aceita para publicação artigos que apresentem textos inéditos frutos de atividades ou reflexões relativas à extensão universitária, caracterizando-se como contribuição ao conhecimento sobre o tema.

Há dois formatos de artigo segundo seu tamanho: (1) artigo completo (corpo do texto com 15.000 a 25.000 caracteres) e (2) artigo curto - resumo estendido (corpo do texto com 2.500 a 5.000 caracteres). Os artigos devem contemplar aspectos formais que indiquem introdução, fundamentação teórico-metodológica, resultados, considerações finais e referências bibliográficas (artigo completo - máximo 8, e resumo estendido - máximo 3).

Formato do manuscrito (para ambos, artigo completo e resumo estendido):

1. Manuscrito: deve ser submetido em formato PDF.

2. Autores: todos os autores e suas filiações devem ser cuidadosamente inseridos no momento da submissão pois são informações utilizadas automaticamente pelo sistema de publicação eletrônica.

3. Figuras, tabelas e quadros serão tratados como imagem, devendo estar legendadas, com fonte/créditos do autor, e indicadas no corpo do texto.

4. Os artigos aceitos serão, posteriormente, solicitados em formato de texto editável (.doc, .docx, .rtd, .txt,...). Imagens (fotos, figuras, tabelas, quadros, ...) deverão ser enviadas em formato JPG com resolução mínima de 300 DPI, e intituladas de forma a facilitar a sua identificação (ex., Figura 1, Tabela 2, ...).

Complemento do formato do manuscrito (artigo completo):

1. Resumo: deve conter entre 750 e 1.050 caracteres em Português, e estar também em uma das línguas estrangeiras Espanhol ou Inglês.

2. Corpo do texto: deve conter entre 15.000 e 25.000 caracteres (com espaços), em Português.

3. Imagens: o artigo deve conter de 3 a 5 imagens.

Complemento do formato do manuscrito (artigo curto - resumo estendido):

1. Resumo: não há.

2. Corpo do texto: deve conter entre 2.500 e 5.000 caracteres (com espaços), em Português.

3. Imagens: o artigo deve conter de 1 a 3 imagens.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

Acesse a versão digital da Revista da Extensão em www.revistadaextensao.ufrgs.br

Acesso também disponível no portal de periódicos SEER UFRGS

UFRGS
PROREXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora
Marcia Barbosa

Vice-Reitor
Pedro Costa

Pró-Reitora de Extensão
Daniela Borges Pavani

Vice-Pró-Reitora de Extensão
Patrícia Helena Xavier dos Santos

Revista da Extensão n. 34
Porto Alegre, abril de 2026
Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Editor
Renato Perez Ribas

Entrevista
Vicente Fernandes Dutra Fonseca

Divulgação
Walberto José Andrade Chuvas

Projeto gráfico e diagramação
Paulo Baldo

Revisão
Nicole Maciel dos Passos

Conselho Editorial da Revista da Extensão

Claudia Giuliano Bica (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)
Deisi Cristina Gollo Marques Vidor (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)
Eduardo Cardoso (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Fernando Arthur de Freitas Neves (Universidade Federal do Pará)
Geraldo Ceni Coelho (Universidade Federal da Fronteira Sul)
João César Netto (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
José Antônio dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Luciane Noal Calil (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Polliane Trevisan Nunes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Paulo Henrique Caetano (Universidade Federal de São João Del Rey)
Walberto José Andrade Chuvas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Presença em diretórios e bases de dados:

Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras (Diadorim)
Diretório das Revistas Científicas Eletrônicas Brasileiras (Miguilim)
Bielefeld Academic Search Engine (BASE)
Google Acadêmico (Scholar Google)

Revista da Extensão

UFRGS
PROREXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

A Extensão vista de perto
Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, 5° andar. Bairro Farroupilha
CEP 90040-060 - Porto Alegre / RS
(51) 3308 3379

www.prorext.ufrgs.br
www.revistadaextensao.ufrgs.br
revistadaextensao@prorext. ufrgs.br